

Herói

BERNARD
CORNWELL

Tradução de Luís Santos

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



Para Zachary Arnold; que nunca conheça os horrores da guerra

BATALHA DE ANTIETAM

17 de setembro de 1862

VIRGÍNIA
(atual Virgínia Ocidental)

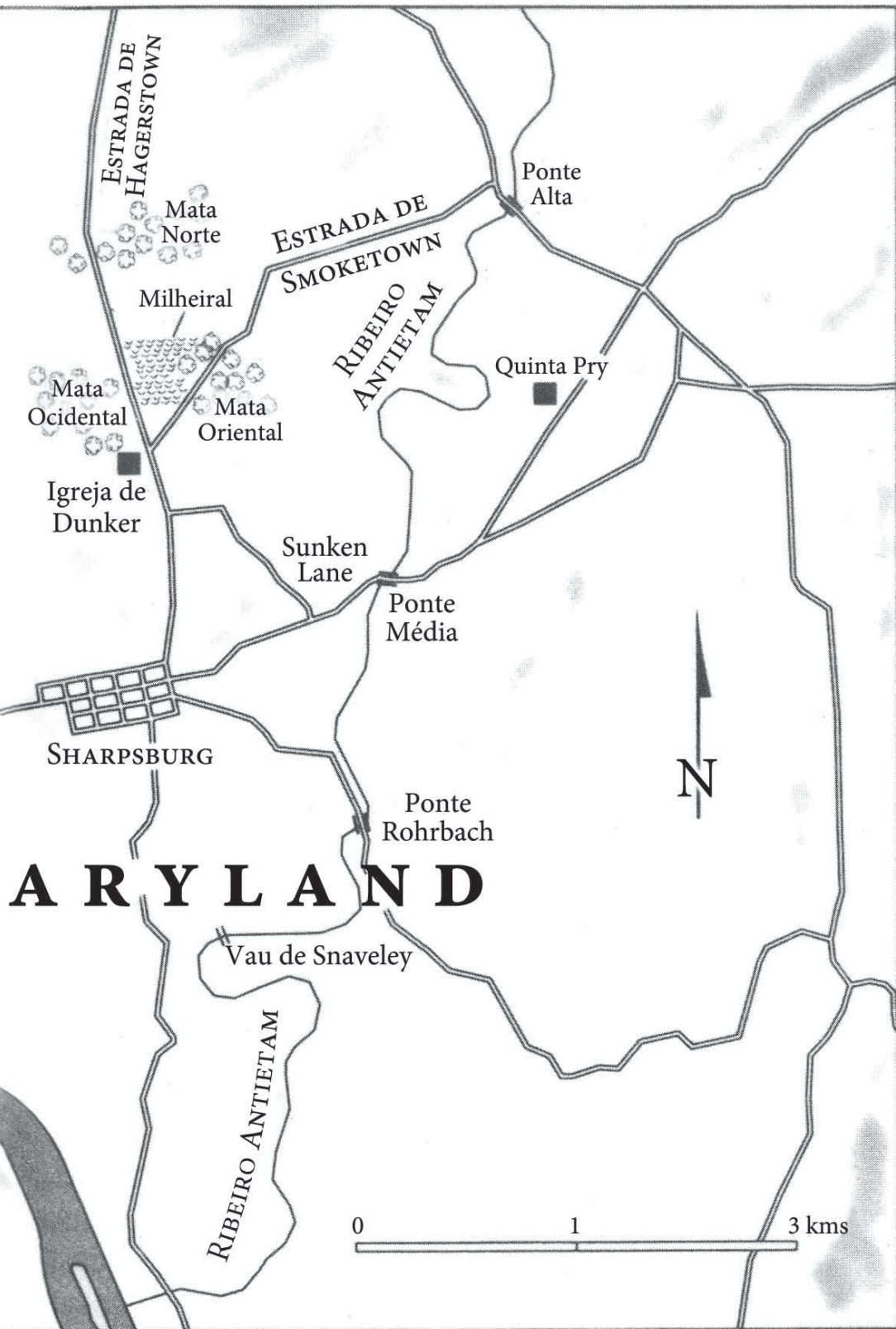
M

SHEPHERDSTOWN

RIO POTOMAC

PARA
HARPER'S
FERRY







Estava a chover. Chovera o dia inteiro. Começara por ser um aguaceiro leve e ameno, soprado por uma brisa austral irregular, mas, ao final da tarde, o vento passara a ser oriental e a chuva engrossara bastante. Caía agora a potes, uma chuvada digna de um dilúvio que arrastaria qualquer arca. Fustigava ruidosamente as tendas inadequadas dos exércitos; inundava as fortificações ianques abandonadas; e deslocava a fina camada de terra que cobria os túmulos rasos ao longo de Bull Run, deixando ver um exército de cadáveres pálidos que nem há dois dias tinham sido enterrados, quais mortos a erguer-se no dia do Juízo Final. O solo da Virgínia era vermelho e a água que escorria em regatos lamacentos cada vez mais fortes a caminho da baía de Chesapeake assumiu a cor da terra, pelo que era como se toda a maré estivesse a ser assoberbada pelo sangue. Estava-se no primeiro dia de setembro de 1862. O Sol só se poria em Washington trinta e quatro minutos depois das seis, mas às três e meia a iluminação a gás já fora ligada na Casa Branca, a Pennsylvania Avenue tinha um palmo de lama e os esgotos a céu aberto de Swampoodle transbordavam. No Capitólio, a chuva passava por entre as vigas e os andaimes da cúpula ainda por acabar e ensopava os feridos recém-chegados da derrota nortista em Manassas, homens que jaziam, miseráveis, no piso de mármore do átrio circular.

Trinta quilómetros a oeste de Washington, outros fugitivos do exército derrotado de John Pope arrastavam-se a caminho da segurança da capital. Os rebeldes tentaram cortar-lhes o progresso, mas a chuva transformou

o confronto numa confusão. Infantes abrigavam-se por baixo de árvores ensopadas, artilheiros maldiziam a pólvora húmida das cargas, cavaleiros esforçavam-se por acalmar as montadas aterrorizadas com os relâmpagos que rasgavam o céu carregado. O major Nathaniel Starbuck, comandante da Legião Faulconer, da Brigada de Swynynd, da Corporação de Jackson, do Exército da Virgínia do Norte, tentava manter um cartucho seco enquanto despejava pólvora para o cano da espingarda. Tentou proteger o cartucho com o chapéu, mas este estava ensopado e a pólvora que despejou do papel encerado parecia excessivamente grumosa. Enfiou o papel amachucado a seguir à pólvora, cuspiu a bala para o cano da espingarda e depois empurrou a carga com força. Puxou o cão, tirou um fulminante da caixa que tinha ao cinto e depositou-o no cone da arma, e finalmente apontou através do lençol prateado criado pela chuva. O seu regimento encontrava-se na orla de uma mata alagada, virada para norte, do outro lado de um milheiral vergastado pela chuva, na direção de um outro renque de árvores onde se abrigavam os ianques. Starbuck não tinha qualquer alvo na mira, mas disparou à mesma. O cão bateu no fulminante, que cuspiu um leve fio de fumo, mas a pólvora na culatra da espingarda recusou-se obstinadamente a incendiar-se. Starbuck praguejou. Puxou o cão atrás, retirou o fulminante despedaçado do cone e substituiu-o por outro. Voltou a tentar, mas a espingarda continuou sem disparar.

— Mais vale atirar pedras aos desgraçados — comentou, sem um interlocutor específico. Ouviu-se um tiro nas árvores distantes, mas a passagem da bala por entre as folhas sobre a cabeça de Starbuck foi abafada pela chuva intensa. Starbuck agachou-se com a arma inútil e pensou no que haveria de fazer em seguida.

Supostamente teria de atravessar o milheiral e expulsar os ianques das árvores distantes, mas eles tinham pelo menos um regimento e um par de peças de artilharia na mata do outro lado, e o regimento de Starbuck, reduzido pelos combates, já fora sujeito a uma sangria por esses dois canhões. Quando a Legião entrara no labirinto de caules de milho ensopados, Starbuck começara por julgar que o barulho das bocas de fogo não passava de simples trovões; depois vira que as companhias à esquerda estavam a ser devastadas e apercebera-se de que os artilheiros ianques estavam a carregar as armas, prontos a dizimar o resto do flanco da Legião. Ordenara aos homens que disparassem contra os canhões, mas apenas uma mancha de espingardas dispunha de pólvora seca a ponto de disparar, pelo que gritara aos sobreviventes que recuassem antes que a artilharia voltasse a cuspir fogo, após o que ouvira os nortistas a escarnecerem dos seus soldados derrotados. Agora, vinte minutos volvidos, continuava a tentar encontrar maneira de atravessar ou contornar o milheiral, mas o terreno à esquerda

era um espaço aberto controlado pelas peças inimigas, enquanto a mata à direita albergava ainda mais ianques.

Tornava-se óbvio que à Legião pouco importava o que aconteceria aos ianques, pois agora o inimigo era a chuva e não o Norte. Ao dirigir-se ao extremo esquerdo da linha, Starbuck notou que os homens evitavam o seu olhar. Rezavam para que não lhes fosse ordenado outro ataque, pois não havia quem quisesse sair do meio das árvores e regressar ao milho alagado. Só queriam que a chuva parasse: uma oportunidade para acender fogueiras e aproveitar um pouco de sono. Acima de tudo, dormir. Durante o último mês, tinham percorrido de lés a lés os condados setentrionais da Virgínia; tinham combatido; tinham derrotado o inimigo; tinham marchado e lutado outra vez; e agora estavam fartos de marchar e de combater. As fardas estavam em farrapos, as botas esburacadas, as rações bolorentas e os soldados exaustos. Para os homens de Starbuck, os ianques que ficassem com a mata inundada do outro lado do milheiral. Só queriam descansar. Mesmo com a chuva, alguns dos soldados estavam a dormir. Jaziam como mortos à beira das árvores, as bocas abertas à chuva, as barbas e bigodes escorridos e a pingar. Outros, realmente mortos, jaziam como se dormissem no milho ensanguentado.

— Pensava que estávamos a vencer a guerra — disse o capitão Ethan Davies, à laia de cumprimento.

— Se não parar de chover — retorquiu Starbuck —, bem podemos deixar que a marinha venha obter a vitória. Consegue ver os canhões?

— Ainda lá estão. — Davies acenou com a cabeça na direção da mata escura.

— Sacanas — exclamou Starbuck. Estava furioso consigo próprio por não ter visto as peças antes de ter ordenado o primeiro ataque. Os dois canhões tinham sido ocultados por trás de uma proteção de ramos, mas continuava a amaldiçoar-se por não ter desconfiado da emboscada. A pequena vitória ianque irritava-o, zanga essa agravada pela incerteza quanto à necessidade de um ataque, pois, ao que parecia, mais ninguém estava a combater. O estrondear ocasional de um canhão fazia-se ouvir na lugubridade húmida, e por vezes o matraquear de mosquetaria sobrepunha-se ao barulho da chuva, mas esses sons nada tinham a ver com Starbuck, que não recebera novas indicações do coronel Swynyard desde a primeira ordem urgente para que se atravessasse o milheiral. Starbuck esperava que talvez a batalha se tivesse transformado num impasse devido à chuva torrencial. Talvez já ninguém se preocupasse. O inimigo estava mesmo a regressar a Washington, por isso, e se eles se limitassem a deixá-los partir? — Como sabe que os canhões não foram retirados? — perguntou a Davies.

— De vez em quando informam-nos — foi a resposta lacónica de Davies.

— Talvez tenham mesmo sido levados — aventou Starbuck, mas ainda mal acabara de falar quando uma das peças ianques disparou. Fora carregada com metralha, um cilindro de lata repleto de bolas de mosquete que se desfazia na boca do canhão e espalhava os seus projéteis como se fosse um cartucho gigante de chumbo, e as bolas rasgaram as árvores por cima da cabeça de Starbuck. O canhão fora apontado um tudo-nada muito alto, pelo que o fogo não feriu ninguém, mas o disparo de metal fez cair uma cascata de água e folhas sobre os infantes miseráveis de Starbuck. Agachado ao lado de Davies, Starbuck arrepiou-se com o duche inesperado. — Sacanas — repetiu, mas a praga inútil foi abafada por um trovão que ribombou e se silenciou depois de um ronco. — Houve uma altura — comentou Starbuck, com azedume — em que o barulho dos canhões me lembrava trovões. Agora são os trovões que me parecem canhões. — Pensou nisso por uns instantes. — Com que frequência ouvia canhões em tempo de paz?

— Nunca — respondeu Davies. Tinha os óculos salpicados de água. — Só no Quatro de Julho.

— No Quatro de Julho e no Dia da Evacuação — acrescentou Starbuck.

— Dia da evacuação? — indagou Davies, que nunca ouvira falar nisso.

— Dezassete de março — explicou Starbuck. — Foi o dia em que expulsámos os Ingleses de Boston. Temos canhões e fogo de artifício no Boston Garden. — Starbuck era bostoniano, um nortista que lutava pelo Sul rebelde contra os seus conterrâneos. Não combatia por uma convicção política, mas sim porque os acidentes da juventude o tinham levado até ao Sul antes do início da guerra e agora, um ano e meio depois, era major no exército confederado. Pouco mais velho era do que a maior parte dos rapazes que comandava, chegando mesmo a ser mais novo do que muitos, mas um ano e meio de batalhas dera uma maturidade sombria às suas feições magras. Por vezes refletia que ainda deveria estar a estudar para o sacerdócio na Faculdade de Teologia de Yale, mas em vez disso estava agachado na sua farda ensopada, ao lado de um milheiral empapado, a pensar como eliminar ianques encharcados que tinham conseguido matar alguns dos seus homens. — Quantas cargas secas consegue reunir? — perguntou a Davies.

— Uma dúzia — respondeu Davies, inseguro —, talvez.

— Reúna-as e espere aqui. Quando lhe der a ordem, quero que mate aqueles malditos artilheiros. Vou buscar ajuda. — Deu uma palmada nas costas de Davies e regressou às árvores, dirigindo-se então mais para oeste, até chegar à Companhia A e ao capitão Truslow, um infatigável homem baixo e entroncado que Starbuck, semanas antes, promovera de sargento a capitão. — Tem cartuchos secos? — quis saber Starbuck ao juntar-se ao capitão.

— Muitos. — Truslow cuspiu suco de tabaco para uma poça. — Tenho estado a limitar o fogo até precisares.

— Estamos cheios de truques, não é? — disse Starbuck, satisfeito.
— Cheio de bom senso — replicou Truslow, amargo.
— Quero uma salva contra os artilheiros. Você e o Davies matam-nos e eu levo o resto da Legião pelo campo.

Truslow assentiu. Era um homem taciturno, um viúvo, e duro como a quinta nas montanhas que ele deixara para combater os invasores nortistas.

— Espere pela minha ordem — acrescentou Starbuck, após o que regressou às árvores, embora a espessa cobertura de folhas, ensopada havia muito pelo dilúvio, lhe garantisse pouco abrigo da chuva. Parecia impossível que a chuva pudesse cair com tanta violência durante tanto tempo, mas não se adivinhava alívio para a pancada de água que fustigava as árvores com uma força contínua e demoníaca. Um relâmpago tremeluziu a sul e depois um trovão rebentou com tanta força que Starbuck estremeceu com o ribombar. Sentiu uma pontada de dor no rosto e recuou a cambalear, caiu de joelhos e levou a mão à face esquerda. Quando a afastou, viu que tinha a palma coberta de sangue. Por um instante deixou-se fitar, impotente, o sangue a ser diluído e lavado da mão, e depois, quando tentou levantar-se, percebeu que se sentia demasiado fraco. Estava a tremer e recebeu perder o controlo das tripas. Produzia um som patético, como o miado de um gatinho ferido. Parte da mente sabia que não corria qualquer risco, que o ferimento era ligeiro, que conseguia ver, pensar e respirar, mas mesmo assim foi incapaz de controlar os tremores, embora tivesse conseguido deter o tolo miado e inspirar uma golfada de ar húmido. Voltou a respirar fundo, limpou mais sangue do rosto e obrigou-se a levantar-se. Percebia agora que o trovão não fora nada disso, mas sim um disparo de metralha da segunda peça ianque. Uma das bolas de mosquete do tiro arrancara uma lasca do tronco de uma árvore, que lhe cortara a face até ao osso. Dois dedos mais acima e teria perdido um olho, mas, em vez disso, o ferimento fora ligeiro e banal, embora tivesse deixado Starbuck a tremer e assustado. Sozinho no meio das árvores, apoiou-se por um instante ao tronco lascado e fechou os olhos. *Tira-me daqui vivo, rezou, faz isso e não volto a pecar.*

Sentia vergonha de si próprio. Reagira ao arranhão como se este fosse um ferimento mortal, mas ao dirigir-se para leste, a caminho das companhias no lado direito, sentia ainda os espasmos que lhe ameaçavam as entranhas. As companhias no flanco direito eram as menos leais, eram as companhias que se sentiam ressentidas por serem comandadas por um ianque renegado, e eram essas companhias que teria de arrancar dos abrigos miseráveis e levar para o milheiral desprotegido. A relutância em atacar não se devia unicamente à lealdade, já que os homens molhados, cansados e globalmente miseráveis tinham como instinto natural deixar-se ficar imóveis, e não oferecer-se às armas inimigas.

— Baionetas! — vociferou Starbuck ao passar por trás da linha de homens. — Calar baionetas! — Alertava-os para o facto de terem de voltar a avançar e ouviu os resmungos de alguns soldados, mas ignorou esse desafio macambúzio, pois não sabia se estaria capaz de o enfrentar. Receava que se lhes respondesse, a voz pudesse falhar-lhe como a de uma criança. Interrogou-se quanto ao que lhe poderia estar a acontecer. Um arranhão e vira-se reduzido a uma impotência tremente! Disse para consigo que fora a chuva que transformara o cansaço sentido naquele estado lastimável. Precisava de descansar, tal como os seus homens, e precisava também de tempo para reordenar a Legião e espalhar os arruaceiros por companhias diferentes, mas a velocidade a que se desenrolava a campanha no Norte da Virgínia negava ao exército de Lee o luxo que era o tempo.

A campanha tivera início quando John Pope, do Norte, começara um avanço lento sobre Richmond, a capital da Confederação. Esse avanço fora detido e depois destruído na segunda batalha a ser travada nas margens do Bull Run, e agora o exército de Lee empurrava os ianques restantes na direção do rio Potomac. Com um pouco de sorte, pensou Starbuck, os ianques chegariam ao Maryland e o exército confederado teria os dias de que tanto precisava para respirar fundo e encontrar botas e sobretudos para os homens que mais pareciam um bando de vagabundos do que um exército. Esses maltrapilhos, no entanto, tinham feito tudo aquilo que o país lhes exigira. Tinham feito estacar e destruído a mais recente tentativa ianque de capturar Richmond, e agora expulsavam o exército nortista, mais numeroso, para fora da Confederação.

Encontrou o tenente Waggoner no extremo direito da linha. Peter Waggoner era um bom homem, um soldado devoto que vivia com uma espingarda numa mão e uma Bíblia na outra, e se algum dos elementos da companhia mostrava cobardia, era castigado com uma dessas duas armas formidáveis. Agachado ao lado de Waggoner estava o tenente Coffman, que não passava de um rapaz, e Starbuck mandou-o reunir os capitães das outras companhias desse flanco direito. Waggoner franziu o cenho na direção de Starbuck.

— O meu major está bem?

— Foi um arranhão, nada mais — disse-lhe Starbuck. Lambeu a face, sentindo o salgado do sangue.

— Está muito pálido — indicou Waggoner.

— Esta chuva é o primeiro banho decente que tenho em duas semanas — gracejou Starbuck. Os tremores tinham parado, mas mesmo assim sentiu-se um ator ao sorrir a Waggoner. Fingia não se sentir assustado e que tudo estava bem, mas tinha a mente nervosa como um potro por domar. Desviou o olhar do tenente e espreitou as árvores orientais, em busca

do resto da brigada de Swynyard. — Ainda está alguém ali? — perguntou a Waggoner.

— Os homens do Haxall. Não estão a fazer nada.

— Querem ficar secos, é?

— Nunca se viu chuva assim — resmungou Waggoner. — Nunca chove quando queremos. Nunca chove na primavera. Chove sempre antes da colheita ou quando estamos a ceifar feno. — Ouviu-se um tiro de espingarda na mata ianque e a bala foi bater num bordo atrás de Waggoner. O homem corpulento franziu o sobrolho para os ianques, ressentido, quase como se julgasse que a bala era uma falta de educação. — Faz ideia onde estamos? — perguntou a Starbuck.

— Algures perto do Flatlick — respondeu Starbuck —, onde quer que isso seja. — Só sabia que o Flatlick corria algures no Norte da Virgínia. Tinham expulsado os ianques das trincheiras em Centreville e estavam agora a tentar capturar um vau de que os nortistas se serviam para a retirada, embora Starbuck ainda não tivesse visto nem ribeiro nem estrada. O coronel Swynyard dissera-lhe que o ribeiro se chamava Flatlick Branch, embora o oficial não tivesse grande certeza disso. — Já conhecia o Flatlick? — perguntou Starbuck a Waggoner.

— Nunca ouvi falar — admitiu Waggoner. À semelhança da maior parte da Legião, este vinha da zona central da Virgínia, não conhecendo as redondezas de Washington.

Starbuck demorou meia hora a organizar o ataque. Devia ter precisado apenas de minutos, mas a chuva abrandava tudo e o capitão Moxey não deixou de argumentar que o ataque era uma perda de tempo, pois estava destinado a fracassar, tal como o primeiro. Moxey era um jovem amargo, ofendido com a promoção de Starbuck. Não nutria a simpatia do grosso da Legião, mas, naquela tarde chuvosa, limitava-se a dar voz ao pensamento pela maioria dos homens. Não queriam lutar. Estavam demasiado frios, molhados e cansados para lutar, e até Starbuck se sentia tentado a ceder à letargia, mas apesar do medo, imaginava que se um homem se entregasse ao terror uma vez que fosse, voltaria a sucumbir uma e outra vez até que lhe deixasse de restar coragem. Starbuck aprendera que a arte da guerra nada tinha a ver com o conforto, e comandar um regimento não era dar aos homens o que queriam, mas sim obrigá-los a fazer o que nunca tinham julgado possível. A arte da guerra tinha a ver com a vitória, e isso não se conseguia abrigado na beira de uma mata fustigada pela chuva.

— Vamos avançar — disse a Moxey, num tom átono. — Foram essas as nossas ordens e por isso vamos avançar. — Moxey encolheu os ombros, como se sugerisse que Starbuck estava a ser tolo.

Foi preciso ainda mais tempo para que as quatro companhias do flanco direito se preparassem. Calaram as baionetas e depois arrastaram-se até ao limite do milho, onde uma vasta poça se agitava com a água que corria pelas valas. As peças ianques tinham disparado esporadicamente durante os longos momentos em que Starbuck preparara a Legião, com cada tiro a lançar uma nuvem terrível de metralha contra as árvores detidas pelos sulistas como forma de dissuadir os confederados de terem ideias hostis. O fogo de canhão produziu uma nuvem tóxica de fumo de pólvora que pairou à chuva como uma neblina. Estava a escurecer cada vez mais, com as nuvens plúmbeas a criar um lusco-fusco anormalmente prematuro. Starbuck assumiu a sua posição à esquerda dos atacantes, mais próximos dos canhões ianques, desembainhou a baioneta e instalou-a no cano da espingarda. Não tinha espada, nem ostentava insígnias de patente, enquanto o revólver, que o poderia trair como sendo um oficial confederado, estava num coldre atrás do corpo, onde o inimigo não o veria. Certificou-se de que a baioneta estava bem firme na espingarda e depois levou as mãos em concha à boca.

— Davies! Truslow! — bradou, interrogando-se como poderia a voz sobrepor-se à chuva torrencial e às rajadas de vento.

— Estou a ouvir! — respondeu Truslow.

Starbuck hesitou. Assim que gritasse a ordem seguinte, estaria a comprometer-se com a batalha, e de repente foi acometido de mais uma crise de tremores. O receio estava a miná-lo, mas obrigou-se a respirar fundo e a gritar a ordem.

— Fogo! — A salva pareceu débil, um mero crepitar de espingardas, como caules de milho a partir-se, mas para sua surpresa, Starbuck deu consigo de pé e a avançar contra o milho. — Vamos! — bradou aos homens mais perto dele enquanto se debatia para atravessar os caules rígidos. — Vamos! — Sabia que teria de liderar aquele ataque e nada mais podia fazer a não ser esperar que a Legião o estivesse a seguir. Ouviu alguns homens a abrir caminho pelo milho perto de si e Peter Waggoner bradava encorajamentos no flanco direito, mas Starbuck também ouvia os sargentos a gritar aos retardatários para que se levantassem e avançassem. Esses brados indicavam-lhe que alguns homens continuavam refugiados no abrigo das árvores, mas não se atrevia a virar para ver quantos o seguiam, para o caso de esses soldados pensarem que estava a interromper o avanço. O ataque era irregular, mas já estava lançado e Starbuck obrigou-se a correr às cegas, à espera que uma bala o atingisse a qualquer momento. Um dos homens soltou um grito rebelde débil, mas ninguém o acompanhou. Estavam todos demasiado cansados e molhados para ulular o berro de desafio.

Uma bala tremeluziu por entre as maçarocas vergadas, fazendo saltar água enquanto percorria o campo. Os canhões estavam silenciosos e Star-

buck receava que as duas peças estivessem a ser movidas para submeter o ataque a fogo de enfiada. Voltou a bradar para incitar os homens, mas o ataque não conseguia acelerar do ritmo de passo, pois o campo estava demasiado enlameado e o milho era excessivamente denso para deixar que os homens corressem. Os ianques estavam em silêncio, a não ser pelo único tiro, e Starbuck sabia que deveriam estar a suster o fogo até que o bando esfarrapado de atacantes chegasse ao alcance de um tiro à queima-roupa. Queria esconder-se dessa iminente, queria deitar-se entre os caules molhados, abraçar a terra e esperar que a guerra acabasse. Sentia-se demasiado aterrorizado para gritar, pensar ou fazer alguma coisa que não correr em frente a caminho das árvores escuras que se encontravam agora a meros trinta passos. Parecia uma idiotice morrer por um vau que atravessava o Flatlick, mas a estupidez do empreendimento não lhe explicava o medo sentido. Era algo mais profundo, algo que tentava não admitir para si mesmo, pois imaginava que se tratasse de cobardia pura, mas pensar em como os seus inimigos na Legião se ririam dele caso percebessem o seu receio fê-lo continuar em frente.

Escorregou numa poça, agitou os braços para se equilibrar e continuou. Waggoner continuava a gritar em desafio mais para a direita, mas os outros homens limitavam-se a andar pesadamente por entre os caules de milho. Starbuck tinha a farda tão molhada como se tivesse acabado de atravessar um rio. Sentia-se como se nunca mais voltasse a estar seco e quente. As roupas ensopadas e pesadas transformavam cada passo num esforço monumental. Tentou soltar um grito de batalha, mas o brado saiu como um soluço estrangulado. Se não estivesse a chover, imaginava que chorasse. Os ianques continuavam sem disparar e agora a mata inimiga estava próxima, muito próxima, pelo que o terror dos últimos metros concedeu-lhe uma energia maníaca que o lançou por entre os derradeiros caules, por cima de mais uma poça enorme e para o interior das árvores.

Onde descobriu que o inimigo desaparecera.

— Ó, meu Deus! — exclamou Starbuck, inseguro se estaria a praguejar ou a orar. — Cristo — disse, fitando, aliviado, a mata vazia. Parou, a arquejar, e olhou à sua volta, mas as árvores estavam realmente vazias. O inimigo desaparecera, deixando para trás apenas alguns restos de papel de cartucho húmido e dois conjuntos de sulcos profundos que mostravam por onde tinham passado as rodas das duas peças ao serem retiradas de entre as árvores.

Starbuck chamou as companhias restantes do outro lado do milheiral e depois percorreu à cautela a mata até chegar ao outro extremo, onde pôde ver uma vasta extensão de pasto batido pela chuva, até onde um ribeiro galgava as suas margens. Não havia inimigo à vista, apenas uma casa grande

quase encoberta pelas árvores numa elevação do terreno. Um relâmpago rasgou os céus e destacou a silhueta da casa, após o que um lençol de chuva cobriu o edifício como um nevoeiro marítimo. A casa parecera uma mansão a Starbuck, um lembrete trocista da vida confortável a que um homem poderia almejar se o país não estivesse a ser devastado pela guerra.

— E agora? — perguntou-lhe Moxey.

— Os seus homens podem montar um piquete — indicou Starbuck. — Coffman? Vá à procura do coronel e diga-lhe que atravessámos o milheiral. — Tinham mortos a enterrar e feridos a tratar.

Os sons intermitentes da batalha desvaneceram-se por completo, deixando o campo entregue à chuva, aos trovões e ao frio vento oriental. A noite caiu. Algumas fogueiras tímidas tremeluziram nas profundezas das matas, mas a maior parte dos homens carecia de competência para acender uma fogueira com tanta chuva, pelo que se deixaram ficar a tremer, interrogando-se quanto ao que tinham acabado de fazer, onde estaria o inimigo e porquê, e se o dia seguinte lhes traria calor, alimento e descanso.

O coronel Swynyard, magro, de corpo marcado e de barba desgrenhada, encontrou Starbuck após o cair da noite.

— Teve problemas para atravessar o milheiral, Nate? — quis saber o coronel.

— Não, meu coronel. Não tive quaisquer problemas.

— Muito bem. — O coronel estendeu as mãos na direção do lume de Starbuck. — Daqui a pouco vou dizer as orações. Imagino que não nos queira acompanhar.

— Não, meu coronel — respondeu Starbuck, a mesma recusa que apresentava todas as noites, sempre que o coronel o convidava para as orações.

— Nesse caso, vou rezar por si, Nate — garantiu o coronel, tal como fazia sempre. — Acredite que vou.

Starbuck só queria dormir. Só dormir. Nada mais além de dormir. Mas uma oração talvez ajudasse, pensou. Alguma coisa teria de ajudar, pois receava, Cristo, como receava, estar a tornar-se um cobarde.

Incapaz de suportar mais a sensação das roupas ensopadas, Starbuck despiu-as e pendurou-as para que recebessem tanto calor quanto possível dos restos da fogueira, após o que se envolveu no abraço húmido do seu cobertor e dormiu, mesmo com chuva. Mas o sono foi uma mísera imitação de descanso, já que foi um sono irregular, onde os sonhos se misturaram com a chuva, as árvores a pingar, os trovões e a figura espectral do pai, o reverendo Elial Starbuck, que troçava da timidez do filho. — Eu sabia que eras podre, Nathaniel — disse-lhe o pai no sonho —, podre até ao âmago, podre

como madeira estragada. Sem coragem, rapaz, o teu problema é não teres coragem — e depois o pai afastou-se, ileso, por entre um tiroteio que deixou Starbuck a sonhar que estava a agarrar-se à terra molhada. Sally também entrou no sonho, mas não o reconfortou, pois não o reconheceu, limitando-se a passar por ele e a desaparecer. Depois foi acordado por alguém que lhe abanava o ombro.

Começou por pensar que o estremecimento fazia parte do sonho; depois recebeu que os ianques estivessem a atacar e soltou-se rapidamente do cobertor, estendendo a mão à espingarda.

— Calma, major, não são os ianques, sou eu. Está aqui alguém para falar contigo. — Fora Lúcifer que o acordara. — Um homem quer falar contigo — repetiu Lúcifer —, um homem muito elegante. — Lúcifer era um rapaz que se tornara criado de Starbuck; um escravo fugido, bastante convencido e dotado de uma dose profunda de sentido de humor sardónico. Nunca revelara o nome verdadeiro, insistindo em ser tratado por Lúcifer. — Queres café? — perguntou.

— Temos algum?

— Posso ir roubá-lo.

— Então vai lá dar uso aos cinco dedos — concordou Starbuck. Levantou-se, com dores em cada músculo do corpo, e pegou na espingarda, ainda carregada com a carga inútil de pólvora húmida. Foi apalpar as roupas e sentiu que ainda estavam húmidas. A fogueira há muito que se apagara. — Que horas são? — perguntou a Lúcifer, mas o rapaz já tinha desaparecido.

— Pouco passa das cinco e meia — respondeu-lhe um estranho e Starbuck saiu nu de entre as árvores, deparando-se com uma figura de capote a cavalo. O homem fechou a tampa e afastou o capote para guardar o relógio num bolso da casaca da farda. Starbuck vislumbrou um casaco elegante com trancelim que nunca fora escurecido pela pólvora nem sujo com sangue, e depois o capote de forro escarlate voltou à posição original. — Maitland — apresentou-se o cavaleiro. — Tenente-coronel Ned Maitland. — Pestanejou algumas vezes ante a nudez de Starbuck, mas não teceu comentários. — Venho de Richmond com ordens para si — acrescentou Maitland.

— Para mim? — indagou Starbuck, atordoado. Ainda não despertara totalmente e tentava imaginar quem lhe poderia ter enviado ordens de Richmond. Não precisava de ordens, precisava de descanso.

— É o major Starbuck, certo? — perguntou Maitland.

— Sim.

— É um prazer conhecê-lo, major — disse Maitland, inclinando-se na sela para oferecer a mão a Starbuck. Este considerou o gesto impróprio e teve alguma relutância em aceitar a mão que lhe fora estendida, mas seria grosseiro recusar, pelo que se aproximou do cavalo e cumprimentou o co-

ronel. Maitland afastou rapidamente a mão, como se receasse que Starbuck a pudesse ter sujado, e depois voltou a calçar a luva. Ocultava a reação de Starbuck, que para Maitland parecia uma desgraça ambulante. Tinha o corpo branco e escanzelado, enquanto o rosto e as mãos estavam queimados do sol. Um coágulo de sangue maculava a face de Starbuck e o cabelo preto pendia-lhe comprido e liso. Maitland orgulhava-se da sua aparência e tinha o cuidado de se apresentar sempre elegante. Era jovem para tenente-coronel, estando talvez na casa dos trinta, e ostentava uma barba castanha cerrada e bigode cuidadosamente enrolado que oleava com uma loção perfumada. — Aquele era o seu criado? — Fez um movimento com a cabeça na direção por onde Lúcifer desaparecera.

— Sim. — Starbuck fora buscar as roupas molhadas e estava a vesti-las.

— Não sabe que os pretos não podem andar armados? — observou Maitland.

— Também não podem disparar contra ianques, mas matou uns quantos em Bull Run — retorquiu Starbuck, sem grande gentileza. Já se debatera com Lúcifer por causa do revólver *Colt* que o rapaz insistia em ter consigo e Starbuck não se sentia com energia para retomar a batalha com um coronel arrogante chegado de Richmond. — Quais são as ordens?

O coronel Maitland não respondeu. Em vez disso, fitava a mansão do outro lado do ribeiro à luz débil da alvorada.

— Chantilly — disse, pensativo. — Creio que é Chantilly.

— O quê? — perguntou Starbuck, enquanto vestia a camisa e se debatia com os restantes botões.

— Aquela casa. Chama-se Chantilly. É um sítio muito agradável. Dancei por várias vezes debaixo daquele telhado e não tenho dúvidas de que o voltarei a fazer assim que expulsarmos os Ianques. Onde posso encontrar o coronel Swynyard?

— De joelhos, provavelmente — respondeu Starbuck. — Vai dar-me as tais ordens?

— Não devia tratar-me por “meu coronel”? — indagou Maitland delicadamente, embora com uma certa impaciência devido ao antagonismo mostrado por Starbuck.

— Quando as galinhas tiverem dentes — retorquiu Starbuck com brusquidão, surpreendido com a animosidade que parecia ser parte cada vez mais destacada do seu caráter.

Maitland decidiu não fazer uma tempestade num copo de água.

— Devo entregar-lhe as ordens na presença do coronel Swynyard — explicou, e depois aguardou, enquanto Starbuck vertia águas contra uma árvore. — Parece muito novo para ser major — comentou, esperando que Starbuck abotoasse as calças.

— Parece muito novo para ser coronel — replicou Starbuck, num tom grosseiro. — E a minha idade, coronel, só a mim me diz respeito, e ao indivíduo que me gravar a lápide. Se chegar a ter uma. A maior parte dos soldados não a tem, a menos que combatam a uma secretária em Richmond. — Depois de cuspir esse insulto a um homem que parecia um militar burocrata, Starbuck baixou-se para atacar as botas que retirara do cadáver de um ianque na montanha Cedar. A chuva parara, mas o ar continuava pesado com a humidade e as ervas estavam carregadas de água. Alguns dos elementos da Legião tinham saído de entre as árvores para observar o elegante tenente-coronel, que suportou o escrutínio com toda a paciência enquanto esperava que Starbuck pegasse no sobretudo. Lúcifer regressara com um punhado de grãos que Starbuck lhe disse para levar até ao bivaque do coronel Swynyard. Enfiou o chapéu molhado sobre o cabelo desgrenhado e depois fez sinal a Maitland. — Por aqui — indicou.

Starbuck obrigou propositadamente o elegante Maitland a desmontar, levando-o pela zona mais densa da mata, onde as folhas e a vegetação rasteira ensoparam o capote forrado a seda do coronel. Maitland não se queixou e Starbuck não disse palavra até que os dois homens chegaram à tenda de Swynyard, onde, tal como Starbuck previra, o coronel se dedicava às orações. As abas da tenda estavam abertas e o coronel encontrava-se ajoelhado nas tábuas do chão, com uma Bíblia aberta em cima do cobertor do catre. — Encontrou Deus há três semanas — contou Starbuck a Maitland num tom alto o suficiente para incomodar o coronel — e desde então que anda a encher os ouvidos d'Ele. — Nessas três semanas tinha ocorrido um milagre com Swynyard, que se transformara de miserável ébrio num belo soldado que agora, em mangas de camisa e calças cinzentas, dirigia o seu olho funcional na direção dos homens que lhe tinham interrompido as orações da manhã.

— Deus vai perdoar-lhes por me terem interrompido — declarou, magnânimo, enquanto se levantava e puxava os suspensórios sobre os ombros magros. Maitland arrepiou-se involuntariamente ao ver Swynyard, que parecia ainda mais maltrapilho do que Starbuck. Swynyard era um homem magro cheio de cicatrizes, com barba desgrenhada, dentes amarelos e três dedos a menos na mão esquerda.

— Ele tem a mania de roer as unhas — explicou Starbuck, ao ver Maitland a fitar os três cotos.

Depois de um esgar, Maitland avançou de mão estendida. Swynyard pareceu surpreendido com o gesto, mas reagiu de boa vontade, após o que acenou com a cabeça a Starbuck.

— Bom-dia, Nate.

Starbuck ignorou o cumprimento, virando-se, em vez disso, para Maitland.

— Este indivíduo chama-se tenente-coronel Maitland. Tem ordens para me dar, mas disse que primeiro tinha de falar consigo.

— Já falou comigo — disse Swynyard a Maitland —, por isso entregue as ordens ao Nate.

Em vez disso, Maitland levou o cavalo até uma árvore próxima, onde prendeu as rédeas a um ramo baixo. Abriu um alforge, de onde tirou um maço de papéis.

— Lembra-se de mim, coronel? — perguntou sobre o ombro, enquanto voltava a fechar o alforge.

— Infelizmente, não. — Swynyard parecia desconfiado, mostrando prudência em relação a alguém da sua antiga vida pré-cristã. — Devia lembrar-me de si?

— Há vinte anos, o seu pai vendeu escravos ao meu pai.

Aliviado por não ter um dos seus pecados anteriores a ser-lhe lembrado, Swynyard descontraiu-se.

— O coronel, na altura, devia ser um menino.

— E era, mas lembro-me de o seu pai dizer ao meu pai que aqueles escravos eram bons trabalhadores. Pois não eram. Não prestavam para nada.

— Nesse ramo — adiantou Swynyard —, costuma-se dizer que os escravos não são melhores do que os donos. — Swynyard respondera à letra, embora as palavras deixassem bem claro que antipatizava tanto com Maitland como Starbuck. Maitland denotava uma sensação de privilégio garantido que irritava os dois homens, ou talvez a má vontade derivasse da intrusão nas suas vidas por um homem que obviamente passava a vida longe das balas.

— O Lúcifer vai trazer café, coronel — disse Starbuck a Swynyard.

O coronel mostrou a sua hospitalidade indo buscar um par de cadeiras de campanha à tenda e convidando Maitland a sentar-se. Ofereceu a Starbuck um caixote virado ao contrário e serviu-se de outro como mesa improvisada.

— Então e quais são essas ordens, coronel? — perguntou a Maitland.

— Tenho-as aqui — indicou Maitland, pousando os papéis no caixote e tapando-os com o chapéu, para impedir que Starbuck ou Swynyard lhes pegassem. Despiu o capote molhado, deixando ver uma farda de corte imaculado e decorada com uma fileira dupla de botões de latão polidos até cintilarem. As estrelas douradas gêmeas em cada ombro pareciam brilhar o suficiente para serem feitas de ouro, enquanto o trancelim nas mangas dava a impressão de ter sido tecido com fio de ouro. O sobretudo de Starbuck estava puído e não tinha insígnias de patente de ouro, de latão, nem sequer de pano, apenas marcas de sal onde o suor secara no tecido. Maitland limpou o assento da cadeira e depois puxou as pernas das calças, com as suas

listas amarelas elegantes, antes de se sentar. Levantou o chapéu, chegou os documentos selados para o lado e entregou uma folha única a Swynyard. — Estou a apresentar-me ao coronel, tal como me foi ordenado — declarou, com toda a formalidade.

Swynyard desdobrou a folha, leu-a, pestanejou e voltou a ler as palavras. Ergueu o olhar para Maitland e depois regressou ao papel.

— O coronel alguma vez combateu? — perguntou, num tom que pareceu a Starbuck ser de amargura.

— Estive com o Johnston durante algum tempo.

— Não foi isso que lhe perguntei — disse-lhe Swynyard, num tom átono.

— Já vi combates, coronel — adiantou Maitland, rigidamente.

— Já combateu? — exigiu Swynyard com ferocidade. — Quero saber se já estive na linha de fogo. Já disparou uma espingarda e depois teve de se levantar para recarregar, com uma linha de ianques a apontar-lhe as armas? Já fez isso, coronel?

Antes de responder, Maitland olhou para Starbuck e este, confuso com aquela conversa, reconheceu culpa na expressão do coronel.

— Já vi combates — insistiu Maitland.

— Em cima do cavalo de um oficial do estado-maior — argumentou Swynyard causticamente. — Não é a mesma coisa, coronel. — Soava triste. Depois chegou-se à frente, pegou nos papéis selados de cima do caixote e atirou-os para o colo de Starbuck. — Se eu não tivesse sido salvo — comentou —, se não tivesse sido lavado pelo sangue redentor de Cristo, neste momento iria sentir-me tentado a praguejar. E se o fizesse, acredito que Deus me perdoaria. Lamento muito, Nate, nem tenho palavras para dizer o quanto.

Starbuck quebrou o selo e desdobrou os papéis. A primeira folha era um passe que o autorizava a viajar até Richmond. A segunda era uma ordem que o mandava apresentar-se ao coronel Holborrow no Quartel Lee, em Richmond, onde o major Starbuck assumiria o comando do 2º Batalhão Especial.

— Grande cabrão — disse Starbuck entre dentes.

Swynyard pegou nas ordens de Nate e leu-as rapidamente, após o que as devolveu.

— Vão tirá-lo daqui, Nate, e vão entregar a Legião aqui ao senhor Maitland. — Pronunciou o nome do recém-chegado num tom amargo.

Maitland ignorou o tom de Swynyard. Em vez disso, pegou num estojo de prata de onde tirou um charuto que acendeu com um fósforo antes de fitar com serenidade as árvores molhadas onde os elementos da brigada de Swynyard acendiam fogueiras e partiam biscoitos de campanha com as baionetas rombas.

— Duvido que continue a chover — comentou, com leveza.

Starbuck releu as ordens. Assumira o comando da Legião havia poucas semanas, comando esse que recebera do próprio major-general Thomas Jackson, mas agora era-lhe ordenado que entregasse os seus homens a um peralvilho de Richmond e ficasse à frente de um batalhão desconhecido.

— Porquê? — indagou, mas ninguém respondeu. — Cristo! — praguejou.

— Não está correto! — acrescentou Swynyard o seu protesto. — Um regimento é uma coisa delicada, coronel — explicou a Maitland. — Não são só os ianques que podem destruir um regimento, os oficiais desse regimento também o fazem. A Legião passou por um mau bocado, mas aqui o Nate estava a transformá-la outra vez numa unidade decente. Não faz sentido mudar de comandantes neste momento.

Maitland limitou-se a encolher os ombros. Era um homem bem-apesoadado que envergava a sua patente com uma autoconfiança calma. Se por acaso sentia alguma compaixão por Starbuck, não o mostrou, deixando que os protestos lhe passassem ao lado.

— Isso vai enfraquecer a minha brigada! — disse Swynyard furiosamente. — Porquê?

Maitland descreveu um gesto indiferente com o charuto.

— Não passo do mensageiro, coronel, só o mensageiro.

Por um instante, Swynyard pareceu à beira de praguejar contra Maitland, mas depois controlou o impulso e abanou a cabeça.

— Porquê? — repetiu. — Esta brigada travou um combate magnífico! Ninguém se importa com o que fizemos a semana passada?

Ao que parecia, não, ou pelo menos alguém por quem Maitland pudesse responder. Swynyard fechou brevemente os olhos e depois dirigiu a atenção a Starbuck.

— Sinto muito, Nate, sinto mesmo muito.

— Grande cabrão — exclamou Starbuck, sem um interlocutor em particular. A humilhação presente era especialmente amarga, pois ele era um nortista que lutava pelo Sul, e a Legião Faulconer era o seu lar e o seu porto de abrigo. Olhou para as ordens.

— O que é o 2º Batalhão Especial? — perguntou a Maitland.

Por um instante, Maitland pareceu não querer responder, mas depois o coronel elegante ofereceu a Starbuck o esboço de um sorriso.

— Creio que são vulgarmente conhecidos como os Pernas Amarelas — adiantou, no seu tom irritante de diversão pessoal.

Starbuck praguejou e levantou os olhos para o céu carregado. Os Pernas Amarelas tinham obtido a alcunha e perdido a reputação durante a semana de batalhas na primavera em que Lee finalmente afastara o exército nortista

de McClellan de Richmond. Os homens de Jackson tinham chegado do vale do Shenandoah para ajudar Lee e entre eles contava-se o 66° da Virgínia, um regimento acabado de criar que teve a sua primeira e, até ao momento, última ação perto de Malvern Hill. Tinham fugido, não de um confronto difícil, mas das primeiras granadas que caíram perto deles. A alcunha, os Pernas Amarelas, descreveria o estado das suas calças depois de se terem urinado com o medo. — Mijaram-se em unísono — contara Truslow a Starbuck ao ouvir a história — e criaram um pântano novo. — Mais tarde apurara-se que o regimento fora criado muito à pressa, mal treinado e dispusera de oficiais medíocres, pelo que as suas armas tinham sido entregues a homens dispostos a combater e os homens levados para nova recruta.

— Então e quem é esse coronel Holborrow? — perguntou Swynyard a Maitland.

— Está encarregue do treino dos batalhões de castigo — respondeu Maitland sem grande entusiasmo. — Não estive um presente na batalha da semana passada?

— Pode crer que estive — respondeu Starbuck. — E foram péssimos. — O batalhão de castigo da batalha da semana anterior fora composto por um grupo improvisado de refratários, retardatários e preguiçosos, e entrara em debandada no espaço de minutos. — Que raios! — exclamou Starbuck. Segundo parecia, o 66° da Virgínia fora rebatizado como batalhão de castigo, o que sugeria que o seu moral não estaria muito mais elevado do que se encontrava aquando da obtenção da alcunha e, a julgar pelo desempenho do 1° Batalhão de Castigo, a formação também não seria muito melhor.

Lúcifer pousou duas canecas de café na mesa improvisada e depois, após um breve olhar para o rosto perturbado de Starbuck, recuou o suficiente para que os três oficiais julgassem que se encontrava fora do alcance das palavras.

— Isto é uma loucura! — Swynyard encontrara novas energias para protestar. — Quem é que enviou as ordens?

— O Departamento de Guerra — adiantou Maitland —, é claro.

— Quem, no Departamento de Guerra? — insistiu Swynyard.

— Imagino que consiga ler a assinatura, coronel.

O nome presente na ordem nada significava para Starbuck ou para Swynyard, mas Griffin Swynyard fazia uma boa ideia da possível origem dos documentos.

— O general Faulconer foi destacado para o Departamento de Guerra? — perguntou a Maitland.

Maitland tirou o charuto da boca, cuspiu um fragmento de folha dos lábios e depois encolheu os ombros, como se a questão fosse irrelevante.

— O general Faulconer foi feito Secretário Adjunto da Guerra, sim — respondeu. — Lá porque o Tom Jackson antipatizou com ele, não se pode desperdiçar um bom elemento.

— E o general Faulconer elevou-o a comandante da Legião — concluiu Swynyard.

— Imagino que o general tenha intercedido por mim — admitiu Maitland. — A Legião é um regimento da Virgínia, coronel, e o general imaginou que deveria ser liderado por um virginiano. E eis-me aqui. — Sorriu a Swynyard.

— Filho de uma puta — disse Starbuck. — O Faulconer. Devia ter imaginado. — O general Washington Faulconer fora o fundador da Legião e o comandante da brigada até que Jackson o afastara por incompetência. Faulconer fugira do exército convencido de que Starbuck e Swynyard tinham sido os responsáveis pela sua queda em desgraça, mas em vez de regressar à sua casa no campo para lamber as feridas, dirigira-se a Richmond e servira-se dos seus contactos e da sua fortuna para conseguir um cargo governamental. Agora, em segurança na capital confederada, Faulconer procurava vingar-se dos dois homens que via como sendo os seus piores inimigos. Contra Swynyard enviara um homem de patente igual que sem dúvida se revelaria um agente irritante, mas Faulconer estava decidido a destruir Starbuck de vez.

— De certeza que também gostaria de se ver livre de mim — aventou Swynyard. Saíra da tenda com Starbuck e afastava-se do alcance de Maitland. — Mas o Faulconer sabe quem é o meu primo. — O primo de Swynyard era o editor do *Examiner* de Richmond, o mais poderoso dos cinco diários publicados na capital confederada, e sem dúvida que tal relação impedira Washington Faulconer de tentar vingar-se declaradamente de Swynyard. Starbuck, por outro lado, era um alvo muito mais fácil. — Mas há mais uma coisa, Nate — prosseguiu o coronel —, mais um motivo para o Maitland ter ficado com o seu cargo.

— É por ser virginiano — disse Starbuck, com amargura.

Swynyard abanou a cabeça.

— Imagino que o Maitland lhe tenha apertado a mão, certo?

— Sim. E depois?

— Ele estava a tentar determinar se o Nate era um maçõ. E o Nate não é.

— Mas que raio de diferença é que isso faz?

— Muita — disse Swynyard, sem reservas. — Há muitos mações neste exército, e também no exército ianque, e os mações cuidam uns dos outros. O Faulconer é maçõ, o Maitland também, e já que falamos nisso, eu também. Os mações já me serviram de muito, mas a si trataram da

saúde, Nate. Os Pernas Amarelas! — O coronel abanou a cabeça com tão terrível perspetiva.

— Não sirvo para muito mais, coronel — admitiu Starbuck.

— O que quer dizer com isso? — quis saber Swynyard.

Starbuck hesitou, embaraçado por admitir uma verdade, mas precisando de falar com alguém sobre os seus receios.

— Acho que me estou a transformar num cobarde. Ontem mal consegui atravessar aquele milheiral e não sei se seria capaz de o fazer outra vez. Talvez um batalhão de cobardes mereça outro cobarde como comandante.

Swynyard abanou a cabeça.

— A coragem não é como uma garrafa de uísque, Nate. Não a esvaziamos de uma vez por todas. O Nate está a aprender o ofício. Na primeira batalha em que entra, um rapaz julga ser capaz de derrotar tudo, mas passado algum tempo descobre que uma batalha é maior do que todos nós. Ser corajoso não é ser ignorante, Nate, é ultrapassar o conhecimento. Da próxima vez já vai estar bem. E lembre-se, o inimigo está na mesma situação. Só nos jornais é que somos todos uns heróis. A verdade é que a maior parte de nós está apavorada. — Fez uma pausa e remexeu as folhas húmidas com a biqueira de uma bota de sola pendente. — E os Pernas Amarelas não são cobardes — continuou. — É verdade que terá havido qualquer coisa que correu mal com eles, mas terão tantos homens corajosos como em qualquer outro batalhão. Imagino que só precisem de uma boa liderança.

Starbuck franziu o cenho, esperando que Swynyard lhe estivesse a dizer a verdade, mas ainda assim sem vontade de deixar a Legião.

— Se calhar eu devia falar com o Jackson? — aventou.

— Para anular aquelas ordens? — indagou Swynyard, após o que abanou a cabeça em resposta. — O Velho Jack não gosta que ponham ordens em causa, Nate, a menos que sejam ordens alucinadas, e esta ordem não é nada disso. É perversa, nada mais. Além disso — sorriu, tentando animar Starbuck —, o Nate vai regressar. O Maitland não sobrevive.

— Se levar aquele ouro todo para a batalha — sonhou Starbuck, vingativo —, os ianques identificam-no num abrir e fechar de olhos.

— Não vai ser assim tão imbecil — argumentou Swynyard —, mas não vai durar muito. Conheço os Maitland, e eles sempre foram pessoas de estatuto muito elevado. Têm carruagens, casas grandes e hectares de bons terrenos. Criam filhas bonitas, homens orgulhosos e bons cavalos, são assim os Maitland. E aqui o senhor Maitland não veio ter connosco por querer comandar a Legião, Nate. Ele veio porque tem de acrescentar um verdadeiro comando em batalha antes de poder ser promovido a general. O senhor Maitland está de olhos postos na carreira e sabe que tem de passar um mês

com lama nas botas se quiser voltar a ser promovido. Não tarda muito, desaparece e depois o Nate pode voltar.

— A menos que o Faulconer tenha voto na matéria.

— Então prove que ele está errado — disse-lhe Swynyard, com um tom enérgico. — Transforme os Pernas Amarelas num bom regimento. Se alguém o pode conseguir, é o Nate.

— Às vezes nem sei porque é que luto por este maldito país — queixou-se Starbuck.

Swynyard sorriu.

— Não há nada que o impeça de voltar ao Norte, Nate, absolutamente nada. Vá andando para norte e chega a casa. É isso que quer?

— Que raios, não!

— Então prove que o Faulconer está errado. Ele julga que um batalhão de castigo vai ser o seu fim, por isso prove que ele está errado.

— Raios partam aquela maldita alma — praguejou Starbuck.

— Isso é trabalho de Deus, Nate. O seu trabalho é combater. Por isso, faça-o bem. E eu vou solicitar que os seus homens sejam destacados para a minha brigada.

— Que hipótese há de isso acontecer?

— Lembre-se de que sou maçã — recordou Swynyard, com um sorriso —, e ainda tenho um favor ou dois a cobrar. Vai voltar a ficar entre amigos.

Maitland levantou-se quando os dois oficiais andrajosos regressaram à tenda. Bebera uma das duas canecas de café e começara a segunda.

— Apresenta-me aos oficiais da Legião, Starbuck?

— Sim, vou fazer isso por si, coronel — disse Starbuck. Poderia estar ressentido com o homem que o ia substituir, mas não levantaria problemas a Maitland, pois a Legião teria de combater ianques fosse quem fosse que a liderasse, e Starbuck não queria que o moral dos homens fosse mais prejudicado do que o necessário. — Eu levo-o a conhecê-los — garantiu, de má vontade.

— Mas depois, acho que não devia ficar por aqui — sugeriu Maitland, com um tom confiante. — Nenhum homem pode servir dois mestres, não é isso que dizem as escrituras? Portanto, quanto mais depressa se for embora, Starbuck, melhor para os homens.

— Melhor para si, quer o coronel dizer — corrigiu Starbuck.

— Também — admitiu calmamente Maitland.

Starbuck estava a perder a Legião e a ser entregue a um batalhão de proscritos, o que significava que estava a ser destruído e teria de encontrar maneira de sobreviver.

Lúcifer não estava satisfeito.

— Richmond — disse ele a Starbuck pouco depois de chegarem à cidade —, não é do meu agrado.

— Então vai-te embora — retorquiu Starbuck, mal-humorado.

— Estou a pensar nisso — garantiu Lúcifer. Tinha predisposição para a arrogância quando sentia a dignidade em causa, dignidade essa que se ofendia com facilidade. Não passava de um menino, no máximo com quinze anos, e, mesmo com menos dois anos, seria pequeno para a idade, mas esses poucos anos já tinham muita experiência de vida, o que lhe dava uma confiança que, a par do mistério quanto ao seu passado, fascinava Starbuck profundamente. Lúcifer nunca falava diretamente sobre esse passado, e Starbuck também não o interrogava sobre isso, pois descobrira que cada pergunta suscitava uma versão renovada. Era óbvio que o pequeno era um escravo fugido e Starbuck imaginava que Lúcifer tentava alcançar o santuário garantido pelo Norte quando fora detido pelo exército de Jackson em Manassas. No entanto, a vida de Lúcifer antes desse momento, incluindo o nome verdadeiro, ainda era um mistério, tal como o era a decisão de ficar com Starbuck depois de ter sido capturado.

— Ele gosta de ti — disse Sally Truslow a Starbuck. — Sabe que lhe vais dar muita corda e é malandro o suficiente para querer essa corda. Depois, um dia cresce e nunca mais o vês.

Starbuck e Lúcifer tinham deixado a pé o campo de batalha alagado, dirigindo-se a Fredericksburg, e depois apanharam a linha de Richmond,

Fredericksburg e Potomac até à capital. O passe de Starbuck dava-lhe acesso a uma das carruagens de passageiros, enquanto Lúcifer viajava num vagão de carga com os outros negros. Com baforadas de fumo, saltos, solavancos e gemidos, o comboio foi-se arrastando para sul até que, pela alvorada, Starbuck fora acordado pelo grito de uma leiteira. A Estação de Richmond, Fredericksburg e Potomac ficava no centro da cidade, com os carris a percorrerem a Broad Street, e para Starbuck foi uma experiência bizarra ver a cidade familiar através da janela suja de um comboio lento. Havia ardinhas a correr ao lado da composição, oferecendo exemplares do *Examiner* ou do *Sentinel*, enquanto, no passeio, os pedestres contornavam as carroças e as carretas que tinham sido obrigadas a desviar-se do caminho do comboio lento e barulhento. De olhos remelosos, Starbuck pasmava pela janela, apercebendo-se sombriamente da quantidade de portas com faixas pretas penduradas, do número imenso de mulheres de luto, dos vastos aleijados que pediam esmolas nos passeios e do sem-fim de homens com braçadeiras de crepe negro.

Starbuck convencera-se de que não iria visitar Sally. Dissera para com os seus botões que ela já não era a sua mulher. A jovem encontrara um amante, o seu bom amigo Patrick Lassan, um soldado da cavalaria francês que supostamente acompanhava a guerra como observador do exército francês, mas que na verdade acompanhava Jeb Stuart. Starbuck dissera para consigo que Sally já não lhe dizia respeito e ainda entoava essa verdade quando bateu à porta pintada de azul ao lado do alfaiate na esquina da Fourth com a Grace. Sally ficara satisfeita por o ver. Já estava levantada e atarefada, e ordenou aos escravos que trouxessem a Starbuck um pequeno-almoço de café e pão.

— O pão não presta — disse-lhe ela —, mas não há pão decente. Nem café bom. Que raios, estou a usar bolotas, trigo e chicória para fazer café. Não há nada que preste além dos charutos e do negócio. — O negócio de Sally era ser a *Madame Royall*, a mais cara médium de Richmond, que oferecia sessões espíritas dispendiosas para juntar os vivos aos mortos. — É tudo truques — admitiu, com desdém. — Só lhes digo o que querem ouvir, e quanto mais cobro, mais eles acreditam em mim. — Encolheu os ombros. — É um trabalho chato, Nate, mas sempre é melhor do que andar a fazer noites. — Com isso referia-se ao bordel em Marshall Street, onde Sally se dera conta da sua perspicácia para o negócio.

— Imagino.

— Duvido que sejas capaz, Nate — replicou Sally, bem-humorada, após o que o fitou demoradamente. — Estás magro. Pareces gasto como uma mula. Isso que tens na cara é um ferimento de bala?

— Uma lasca de árvores.

— As miúdas vão adorar, Nate. Não que precisasses de ajuda nesse departamento, mas se lhes disseres que foi uma bala, não há nenhuma que não queira fazer-te festas. E também tens um escravo?

— Pago-lhe sempre que posso — justificou-se Starbuck.

— Então és parvo — admoestou-o com gentileza. — Tanto quanto o Delaney. — Belvedere Delaney era um advogado oficialmente ligado ao Departamento de Guerra, mas os seus afazeres garantiam-lhe bastante tempo livre para se dedicar aos vários negócios, onde se contavam o bordel mais exclusivo de Richmond, a par das instalações de cortinados de crepe onde Sally fabricava as conversas com os defuntos. Sally conheceu Delaney quando trabalhara no bordel, sendo não só funcionária, mas também uma das raparigas mais procuradas em Richmond. Era filha única do capitão Truslow e fora educada com trabalho duro e poucas recompensas na quinta montanhosa de Truslow, mas desde então deixara a quinta e entregara-se à cidade, uma transição facilitada pela sua beleza arrebatadora. Sally era dona de um rosto enganadoramente gentil, de uma coroa de cabelo louro e de uma personalidade viva que lhe salientavam os encantos, mas Sally Truslow era muito mais do que um belo acidente da natureza. Sabia trabalhar e como lucrar com essa labuta, e passara de empregada a sócia de Delaney. — O Delaney é um tolo — comentou com malícia. — Deixa que o criado faça dele o que quer, e tu deves ser o mesmo. Portanto, vamos lá ver o teu criado. Quero saber se estás a ser bem tratado. — E assim, Lúcifer foi chamado ao salão, onde depressa encantou Sally, que reconheceu no jovem alguém que, tal como ela, estava a esforçar-se por subir vindo do nada. — Mas porque é que andas com uma arma, rapaz? — indagou ela.

— Porque estou na tropa, menina.

— Isso pensas tu. Se fores apanhado com uma arma nesta cidade, eles esfolam-te e depois mandam-te rio abaixo. Tiveste muita sorte por teres sobrevivido tanto tempo. Tira-a. Já.

Lúcifer, que até então resistira a todas as tentativas de o desarmarem, soltou docilmente o cinturão. Era óbvio que Lúcifer ficara assoberbado com Sally e nem sequer se queixou quando Sally lhe disse para esconder o revólver na bagagem de Starbuck e depois o mandou para a cozinha.

— Diz-lhes que te deem de comer — indicou Sally.

— Sim, menina.

— Ele tem sangue branco — disse Sally depois de Lúcifer ter saído.

— É possível.

— Que raios, é mais do que óbvio. — Serviu-se de mais um pouco do café de sabor estranho e depois ouviu Starbuck explicar o motivo da sua presença em Richmond. Cuspiu com desprezo à menção do nome de Wa-

shington Faulconer. — Na cidade correm muitos boatos sobre os motivos que o levaram a sair do exército — disse —, mas ele ultrapassou os boatos todos. Chegou aqui de nariz empinado e disse que o Jackson estava com inveja dele. Inveja! Mas esse teu general Jackson ganha inimigos como um cão ganha pulgas e há muitos homens dispostos a alinhar com o Faulconer. Depressa entrou para o governo. Acho que deves ter razão, quando dizes que os mações o ajudaram. O Delaney deve saber, porque ele também é mação. Então e agora, o que vais fazer?

Starbuck encolheu os ombros.

— Tenho de me apresentar no Quartel Lee. A um tal de coronel Holborrow. — Não estava, de todo, ansioso por esse momento. Não tinha a certeza da sua capacidade para comandar o pior batalhão do exército do Sul e já tinha saudades do companheirismo da Legião.

— Eu conheço o Holborrow — indicou Sally. — Não pessoalmente — apressou-se a esclarecer —, mas ele é importante por estas bandas. — Starbuck não ficou surpreendido com as informações de Sally, pois a jovem estava sempre atenta ao mais pequeno rumor que pudesse transformar numa revelação mística durante as suas sessões espíritas. — Ele tem dinheiro — prosseguiu. — Sabe Deus como, pois antes da guerra não passava de um diretor prisional na Geórgia. Um homem das prisões, certo? Agora está encarregue da recruta e da equipagem dos substitutos do Quartel Lee, mas passa a maior parte do tempo em Screamersville.

— Nos bordéis?

— Aí e nas lutas de galos.

— Ele joga? — indagou Starbuck.

Sally abanou a cabeça ante a ingenuidade de Starbuck.

— Não vai lá admirar as penas das galinhas — replicou ela, com sarcasmo. — Mas o que é que vos ensinam em Yale?

Starbuck riu-se e depois apoiou as botas enlameadas no otomano forrado em cima de um tapete oriental. Tudo naquela sala era de um bom gosto tremendo; discreto mas caro. O busto de Napoleão fitava-os da lareira, livros de encadernação de pele alinhavam-se em estantes envidraçadas e peças de porcelana estavam expostas nas prateleiras.

— Vives bem, Sally — constatou Starbuck.

— Por acaso conheces alguma vantagem em viver mal? — perguntou a jovem. — E já agora, enquanto pensas numa resposta, podes tirar as botas de cima da mobília.

— Estava a pensar em dormir — replicou Starbuck, sem se mexer.

— Que raios, Nate Starbuck — exclamou Sally —, estás a pensar em ficar aqui?

Starbuck abanou a cabeça.

— Estava a pensar que me podias pagar o almoço no Spotswood e depois acompanhavas-me até ao Quartel Lee.

Sally esperou até que ele removesse as botas ofensivas de cima do otomano.

— Ora, e porque é que haveria de fazer isso? — perguntou então.

Starbuck ofereceu-lhe um sorriso.

— Porque, Sally, se tenho de levar um bando de cobardes para a guerra, eles têm de saber que sou um sortudo. E será possível um homem ter mais sorte do que aparecer de braço dado com alguém como tu?

— Fico satisfeita por saber que os Ianques não te arrancaram essa língua de ouro — retorquiu Sally, ocultando o prazer que sentira com o elogio.

— Mas estás a pensar ir ao Spotswood nesses trajas?

— Não tenho mais nada para vestir. — Franziu o cenho ao referir-se à farda andrajosa. — Cristo, se serve para travar batalhas, também serve para o Spotswood Hotel. — Seis horas depois, um Starbuck bem alimentado saía da cidade para oeste, acompanhado por Sally e Lúcifer. Sally usava chapéu e xaile sobre um vestido azul simples, que não era de todo discreto a ponto de lhe ocultar a beleza. Trazia um para-sol de folhos para se proteger do Sol, que finalmente surgira por entre as nuvens e sugava os restos da trovoada em farrapos de neblina. Passaram pela Penitenciária Estatal, cruzaram o topo do Cemitério Hollywood, onde a terra recém-revolvida jazia em fileiras macabras, quais batalhões de mortos, e contornaram os esgotos municipais, pelo menos até avistarem o Quartel Lee na sua escarpa elevada acima do rio e do canal. Starbuck já antes visitara o quartel nesse ano, recordando o sítio como sendo improvisado e sombrio. Em tempos fora o terreno da Feira Central de Richmond, mas o início da guerra transformara-o num enorme depósito para os batalhões que acorriam à defesa de Richmond. Esses batalhões encontravam-se agora na fronteira norte da Virgínia e o quartel era uma extensão imunda de lama, onde os condenados passavam por uma recruta básica e para onde os retardatários eram enviados, para que fossem destacados para novos batalhões. No início da guerra, o quartel era ponto de paragem obrigatório para os habitantes de Richmond, onde assistiam aos treinos das tropas, mas a novidade perdera o encanto e hoje em dia poucas pessoas visitavam o aquartelamento de aspeto miserável onde tendas bolorentas formavam filas e barracas de lona se agitavam com o vento. As forcas da prisão do quartel ainda encimavam a colina e à volta da zona de detenção amontoava-se uma série de cabanas de madeira, onde parecia estar instalado o grosso dos presentes ocupantes do quartel. Dois sargentos que jogavam à ferradura confirmaram a Starbuck que as cabanas eram os alojamentos do Batalhão Especial e o jovem major subiu lentamente a encosta a caminho da cumeada plana onde meia dúzia de companhias

estavam a treinar. Alguns grupos de trabalho vagarosos remendavam as construções decrepitas entre as quais, qual palácio entre casebres, se erguia a casa que os sargentos tinham indicado como sendo o quartel-general de Holborrow. A casa era um belo edifício de primeiro andar, com uma varanda larga à volta, alojamentos para os escravos e cozinhas no pátio traseiro. Dois mastros de bandeira estavam instalados à frente da casa, um com as estrelas e listas confederadas e o outro com uma bandeira azul ostentando o brasão da Geórgia.

Starbuck fez uma pausa para observar o treino das companhias. A atividade parecia não ter grande sentido, já que os homens eram suficientemente competentes, embora cada mínimo erro fosse quanto bastasse para que o sargento responsável disparasse um chorrilho de obscenidades. O sargento era um homem alto e esgalgado, de pescoço anormalmente comprido e uma voz capaz de se fazer ouvir do outro lado do rio, em Manchester. As tropas não tinham armas, limitando-se a marchar, a fazer alto, a volver e a marchar outra vez. Alguns dos soldados envergavam casacas cinzentas, mas a maioria usava o pardo cada vez mais comum, de fabrico mais fácil. Starbuck notou, alarmado, que pelo menos metade dos homens não tinha botas, estando a marchar descalços.

Sally levou a mão ao cotovelo de Starbuck enquanto se aproximavam do quartel-general, onde um grupo de quatro oficiais estava instalado em cadeiras de campanha na varanda. Um dos oficiais apontou um telescópio na direção de Starbuck e de Sally.

— Estás a ser admirada — indicou Starbuck.

— Foi por isso que desperdicei uma tarde, não foi?

— Sim — admitiu Starbuck, orgulhoso.

Sally voltou a fazer uma pausa para observar as tropas no terreno de parada e os soldados devolveram o olhar na medida do possível, tendo em conta o sargento que ia gritando.

— São os teus homens? — perguntou a Starbuck.

— Todos meus.

— A elite dos desgraçados?

— A mim parecem-me muito bem — declarou Starbuck. Estava já a tentar sentir lealdade para com aqueles soldados tão desprezados.

— Conseguem matar ianques, não conseguem? — indagou Sally, sentindo a apreensão de Starbuck. Tentou limpar a sujidade entranhada na manga da farda do jovem major, não por acreditar que a lama seca pudesse sair, mas por saber que ele precisava do consolo garantido por tão leve toque. Depois, a mão imobilizou-se. — O que é aquilo? — perguntou.

Starbuck virou-se e viu que Sally fitava um cavalo de castigo que fora erguido entre duas das cabanas. Tratava-se de um barroto comprido apoia-

do em cima de dois cavaletes altos, e o castigo consistia de um homem que era obrigado a sentar-se de pernas abertas no barrote, aí ficando enquanto o seu peso lhe comprimia dolorosamente as virilhas. Um prisioneiro manietado estava em cima do cavalo, de pernas presas para impedir que desmontasse, enquanto um soldado guardava os degraus usados para subir para o instrumento.

— É um castigo — explicou Starbuck —, chamado cavalo. Segundo dizem, aquilo dói como os diabos.

— É para isso que servem os castigos, não é? — comentou Sally. Fora açoitada vezes suficientes em criança e a experiência endurecera-lhe o espírito.

O homem por baixo do cavalo pareceu fazer uma pergunta ao indivíduo sentado. O prisioneiro abanou a cabeça e o homem puxou-lhe os tornozelos atados, levando-o a gritar.

— Porra — exclamou Starbuck.

— Não faz parte do castigo? — quis saber Sally.

— Não.

Sally olhou para a repulsa no rosto de Starbuck.

— Estás a amolecer, Nate?

— Não me importo que se castiguem os soldados, mas tortura não. Além disso, pensa neles. — Acenou com a cabeça na direção das companhias na parada, as quais observavam emudecidas o cavalo. — Um regimento é uma coisa frágil — disse, fazendo eco das palavras de Swynyard a Maitland. — Funciona melhor quando os homens estão a lutar contra o inimigo e não uns contra os outros. — Estremeceu quando o guarda voltou a puxar os tornozelos do prisioneiro. — Cristo — exclamou, sentindo alguma relutância em intervir, mas também sem vontade de continuar a assistir a mais brutalidade. Dirigiu-se ao cavalo.

O guarda que puxara pelos tornozelos do prisioneiro era um sargento que se virou e ficou a observar a aproximação de Starbuck. Este não usava insígnias e tinha uma espingarda ao ombro esquerdo, sendo que ambas as situações indicariam um soldado raso, mas caminhava com confiança e tinha uma mulher e um escravo, o que sugeria que talvez fosse um oficial, pelo que o sargento ficou cauteloso.

— O que é que ele fez? — quis saber Starbuck.

— Está a ser castigado — foi a resposta do sargento, um homem atarracado de barba. Mascava tabaco e fez uma pausa para cuspir um jorro de suco amarelado para a erva. — Ordens do sargento Case — acrescentou, como se fosse explicação quanto bastasse.

— Eu sei que está a ser castigado — disse Starbuck —, mas perguntei-lhe o que ele tinha feito.

— Está a ser castigado — repetiu obstinadamente o sargento.

Starbuck moveu-se para ver o rosto em sofrimento do prisioneiro.

— O que é que fez? — perguntou ao homem.

Antes que o prisioneiro fosse capaz de responder, o sargento de instrução abandonou a companhia na parada e marchou até ao cavalo de castigo.

— Ninguém fala com os prisioneiros que estão a ser castigados! — bradou, na sua voz aterradora. — O senhor sabe disso, sargento Webber! Castigo é castigo. São os castigos que transformam estes montes de esterco miseráveis em soldados. — Estacou a dois passos de Starbuck. — Se tem perguntas a fazer — declarou, num tom violento —, apresenta-as a mim.

— E quem é você? — indagou Starbuck.

O sargento alto pareceu surpreendido, como se esperasse que a sua fama obviamente o precedesse. Não respondeu de imediato, começando por perscrutar Starbuck em busca de indícios do seu estatuto. A presença de Sally e de Lúcifer deve tê-lo convencido de que Starbuck se tratava de um oficial, embora a idade do jovem sugerisse que não seria um oficial que precisasse de ser aplacado.

— Sargento Case — cuspiu. O pescoço comprido e a pequena cabeça de Case seriam risíveis em qualquer outro homem, e a aparência ridícula não era favorecida pela barba rala e pelo nariz fino e partido, mas os maléficos olhos escuros do sargento transformavam a diversão em receio. Esses olhos eram duros, frio e impiedosos. Starbuck também se apercebeu de que o corpo esgalgado de Case era enganador; não se tratava de uma estrutura fraca e estreita, mas sim magra e musculada. A farda estava imaculada, com cada botão polido, cada prega vincada e cada insígnia a brilhar. O sargento Case tinha o aspeto que Starbuck imaginara ser o ostentado por todos os soldados, antes de descobrir que, pelo menos na Confederação, regra geral eram maltrapilhos. — Sargento Case — repetiu o sargento, aproximando-se de Starbuck —, e sou eu — acrescentou, enfatizando a última palavra — que mando aqui.

— E o que é que o prisioneiro fez? — insistiu Starbuck.

— Fez? — perguntou Case, com um tom de dramatismo. — Fez? O que ele fez não lhe diz respeito. De todo.

— A que batalhão pertence? — exigiu Starbuck, acenando com a cabeça na direção do prisioneiro.

— Até podia pertencer aos malditos Guardas de Coldstream — vociferou Case —, e mesmo assim não era da sua conta.

Starbuck ergueu o olhar para o prisioneiro. O rosto do homem estava pálido com a dor e hirto com o esforço necessário para ocultar esse sofrimento.

— Batalhão, soldado? — questionou-o Starbuck.

O homem produziu um esgar e depois conseguiu proferir uma palavra solitária.

— Castigo.

— Nesse caso, você é da minha conta — declarou Starbuck. Tirou o canivete do bolso, abriu a lâmina e começou a cortar a corda que cingia os tornozelos do prisioneiro. O movimento fez o soldado gemer, mas fez com que o sargento Case saltasse em frente, num gesto ameaçador.

Starbuck fez uma pausa e fitou os olhos de Case.

— Sou um oficial, sargento — alertou —, e se me tocar com um dedo que seja, garanto que vai passar o resto do dia neste cavalo. Passa uma semana sem andar. Se calhar até passa um mês sem conseguir andar.

O sargento Case recuou enquanto Starbuck cortava os derradeiros fios de cânhamo e levava a mão à bota do prisioneiro.

— Pronto? — disse e depois empurrou com força, fazendo o prisioneiro sair do barro. O homem tombou no terreno húmido, onde se deixou ficar imobilizado, enquanto Starbuck se agachava e cortava a corda que o manietava. — Então e o que é que ele fez? — perguntou Starbuck ao sargento Case.

— Filho de uma puta! — exclamou Case, sendo impossível discernir se para Starbuck ou para o prisioneiro, depois deu meia-volta de repente e afastou-se com o companheiro.

O prisioneiro gemeu e tentou levantar-se, mas a dor nas virilhas era demasiado aguda. Gatinhou até um dos cavaletes do cavalo e içou-se para se sentar, tendo depois ficado agarrado à madeira. Tinha os olhos a lacrimejar e respirava em breves arquejos entrecortados. Até Sally estava a arrear-se com o sofrimento óbvio.

— Armas — acabou por dizer.

— Armas? — incitou Starbuck. — O que têm as armas?

— O cabrão anda a roubar armas — explicou o prisioneiro libertado, vendo-se depois obrigado a calar-se devido à dor. Agarrou-se às partes baixas, respirou fundo e depois abanou a cabeça, num esforço para se libertar da terrível agonia. — Queria saber porque é que estava no cavalo? Por causa de armas. Estava destacado para descarregar espingardas. Recebemos vinte caixotes. Espingardas das boas. Mas o Holborrow obrigou-nos a colocá-las em caixotes marcados “rejeitado” e depois deu-nos mosquetos. Mosquetos de Richmond. Que raios — cuspiu, e fechou os olhos por instantes, quando um espasmo de dor o percorreu. — Não quero ir dar tiros aos Ianques com bolas e chumbos. Eles têm balas minié. Foi por isso que discuti com o cabrão do sargento Case.

— E onde estão agora essas espingardas? — quis saber Starbuck.

— Só Deus sabe. Provavelmente vendidas. O Holborrow não se im-

porta, desde que nunca entremos na guerra. Não é suposto combatermos, sabe? Só temos de receber suprimentos para o filho de uma puta vender. — Quem é você? — perguntou.

— Potter! — gritou uma voz nova e furiosa a partir do edifício do quartel-general. — Potter, seu filho de uma égua! Seu desgraçado! Seu monte de merda idiota. Seu tolo arraçado de preto! — Era um oficial alto e magro, de casaca cinzenta com trancelins que coxeava na direção de Starbuck com a ajuda de uma bengala com ponta de prata. O sargento Case marchava atrás do oficial, que tinha pera loura bem aparada e um bigode fino cuidadosamente encerado em pontas rígidas. Espetava a bengala com força na terra para o ajudar a caminhar, e entre cada passo brandia-a contra o espantado Starbuck. — Por onde raios é que andou, Potter? — quis saber o oficial. — Onde é que esteve, rapaz?

— Ele está a falar contigo? — perguntou Sally a Starbuck, estupefacta.

— Que raios, rapaz, está bêbado? — vociferou o oficial coxo. — Potter, seu cagalhão de leproso, está bêbado?

Starbuck estava prestes a negar ser Potter ou estar embriagado, quando sentiu crescer dentro dele um impulso maléfico.

— Não digam nada — pediu baixinho a Sally e a Lúcifer, após o que abanou a cabeça. — Não estou bêbado — declarou, à medida que o oficial se aproximava.

— É assim que paga uma gentileza? — indagou ferozmente o oficial. Tinha nos ombros as estrelas de um coronel. — As minhas desculpas, ‘nha senhora — o coronel levou a mão livre à aba do chapéu —, mas não tolero atrasos. Não tolero. Está bêbado, Potter? — O coronel aproximou-se de Starbuck e levantou a barbicha na direção do queixo escanhado do homem mais jovem. — Deixe-me cheirar-lhe o hálito, Potter, deixe-me cheirar-lhe o hálito. Respire, homem, respire! — O coronel cheirou e depois recuou. — Não cheira a álcool — disse o coronel, ainda na dúvida —, por isso, por que diabos, perdoe-me, ‘nha senhora, é que tirou o soldado Rothwell do cavalo. Responda-me!

— Estava a incomodar a senhora — disse Starbuck.

O coronel voltou a olhar para Sally e desta vez percebeu que se tratava de uma jovem extremamente bonita.

— Holborrow, ‘nha senhora — apresentou-se, tirando o chapéu de abas e revelando uma juba de cabelo dourado cuidadosamente ondulado —, coronel Holborrow às suas ordens. — Deixou-se a fitar Sally por um instante. — Já devia saber — proclamou, com um tom repentinamente mais gentil — que vem da Geórgia. Não há mulheres mais bonitas do que as da Geórgia, isso é garantido. Por minha fé, ‘nha senhora, isso é garantido. O reverendo Potter disse-me que o filho se tinha casado e que ia trazer a sua

senhora, mas não me disse que era tão bonita. — Holborrow mirou sem pejos a figura de Sally e depois agarrou-lhe na mão e deu-lhe um beijo firme. — É um grande prazer conhecê-la, senhora Potter — assegurou, ainda de mão na dela.

— O prazer é meu, coronel. — Sally fingiu estar lisonjeada com a admiração de Holborrow e deixou a mão continuar onde estava.

Holborrow encostou a bengala à anca para poder cobrir a mão de Sally com a dele.

— E ficou incomodada com o castigo, 'nha senhora, foi isso? — indagou, apreensivo, esfregando a mão de Sally entre as dele.

— Acho que sim, coronel — respondeu Sally humildemente, e fungou.

— É verdade que pode incomodar uma senhora — concordou Holborrow. — Mas deve compreender que este idiota agrediu o sargento Case. Agrediu-o! Uma ofensa militar grave, 'nha senhora, e aqui o seu marido não devia ter interferido. De todo. Não é verdade, sargento Case?

— Meu coronel! — cuspiu Case, naquela que seria a sua forma de responder afirmativamente aos oficiais.

Holborrow largou a mão de Sally e aproximou-se de Starbuck.

— O sargento Case, rapaz, é da Carolina do Norte, mas passou os últimos catorze anos no exército britânico. Não é verdade, Case?

— Meu coronel! — disse Case.

— Em que regimento, Case? — perguntou Holborrow, sem deixar de fitar os olhos de Starbuck.

— No Sétimo, meu coronel, Fuzileiros Reais, meu coronel!

— E enquanto o Potter andava a sugar leite das tetas da sua mãe, perdoe-me, 'nha senhora, o sargento Case andava a combater. A combater, rapaz! Não é verdade, Case?

— Batalha da Alma, meu coronel! Cerco de Sevastopol — adiantou Case, e Starbuck teve a impressão de estar a ouvir um diálogo muito bem decorado.

— Mas o sargento Case é um patriota, Potter! — continuou Holborrow. — E quando os ianques quebraram a União atacando-nos, o sargento Case deixou o serviço de Sua Majestade e veio combater pelo Jeff Davis e pela liberdade. Foi enviado para aqui, Potter, para transformar os Pernas Amarelas num regimento a sério, e não num bando de meninas. Não é verdade, Case?

— Meu coronel!

— E você — cuspiu Holborrow na direção de Potter — atreve-se a contrariar um homem como o sargento Case! Devia ter vergonha, rapaz! Vergonha! O sargento Case já esqueceu aquilo que você sabe sobre a vida de soldado e o que alguma vez vai aprender. E se o sargento Case diz que

um homem merece ser castigado, então ele será castigado! — Holborrow recuou e voltou a segurar a mão de Sally. — Mas uma vez que é um raio de Sol da Geórgia, 'nha senhora, vou poupá-la a novas visões desagradáveis esta tarde. Imagino que o seu marido tenha aprendido uma lição, por isso, obrigado, sargento Case. — Holborrow acenou na direção do sargento, que lançou um olhar gelado a Starbuck e depois marchou de regresso à parada. Holborrow ordenou ao prisioneiro libertado que desaparecesse e depois, ainda a agarrar a mão de Sally, voltou a dirigir-se a Starbuck. — E onde é que esteve, rapaz? Há dez dias que o seu pai me escreveu a dizer que tinha saído de Atlanta. A carta chegou cá, mas você não! Dez dias! Não são precisos dez dias para vir de Atlanta até Richmond, rapaz. Anda outra vez a beber?

— A culpa foi minha — interveio Sally num tom assustado. — Tive febre, coronel. Muito alta.

Lúcifer riu-se da invenção de Sally e a cabeça de Holborrow virou-se de repente.

— Se voltas a rir-te, rapaz, arranco-te a carne desses teus ossos pretos. O preto é seu? — perguntou a Starbuck.

— Sim — respondeu Starbuck, enquanto se interrogava como poderia sair daquele engano.

— Sim, meu coronel — corrigiu-o Holborrow. — Esquece-se de que sou um coronel, Potter?

— Sim, meu coronel. Quero dizer, não, meu coronel.

Ainda agarrado à mão de Sally, Holborrow abanou a cabeça ante a aparente confusão de Starbuck.

— E como está o seu pai? — perguntou-lhe.

Starbuck encolheu os ombros.

— Acho que... — começou a dizer, e depois voltou a encolher os ombros, despojado de inspiração.

— Está a recuperar — disse Sally. Estava a apreciar a representação muito mais do que Starbuck que, mesmo tendo sido o causador da cena, estava agora arrependido do logro. — Graças a Deus — acrescentou Sally, conseguindo por fim libertar os dedos do aperto de Holborrow —, mas está a recuperar.

— Louvado seja Deus — disse Holborrow. — Mas você tem sido um fardo para ele, rapaz, um fardo — rosou a Starbuck —, e perdoe-me a franqueza, senhora Potter, mas quando o filho de um homem é um fardo, há que dizê-lo com frontalidade.

— É bem verdade — concordou Sally.

— Há uma semana que o esperamos! — voltou Holborrow a rosar a Starbuck, após o que ofereceu a Sally um sorriso cheio de dentes amarelos.

— Tenho um quarto à sua espera, ‘nha senhora. Cama, lavatório, prensa de roupa. O reverendo queria que ficasse confortável. Não devia ser mimada, disse ele, mas confortável.

— O coronel é muito gentil — disse Sally —, mas vou dormir com a minha prima Alice, na cidade.

Holborrow pareceu desapontado, mas Sally falara com firmeza e ele não argumentou.

— A sua prima fica a ganhar, ‘nha senhora, e nós ficamos a perder — declarou —, mas fica pelo menos para uma limonada, e talvez para um pêssego? Adoro um bom pêssego, tal como devem adorar todos os Georgianos.

— Será um prazer, coronel.

Holborrow olhou para Lúcifer, que carregava o saco andrajoso de Starbuck.

— Vai para a cozinha, rapaz. Toca a andar! Vai-te! — Holborrow voltou a dirigir a atenção para Starbuck. — Espero que tenha uma farda decente naquele saco, rapaz, porque essa que está a usar é uma desgraça. Uma desgraça. E onde é que estão as suas insígnias de tenente? — Apontou para os ombros de Starbuck. — Vendeu as insígnias para comprar bebida, rapaz?

— Perdi-as — disse Starbuck, desalentado.

— Você é um homem triste, Potter, um homenzinho muito triste — disse Holborrow, abanando a cabeça. — Quando o seu pai me escreveu a pedir ajuda, ele teve a gentileza de mo explicar. Disse-me que você era uma grande desilusão, uma mácula no bom nome dos Potter, por isso não posso dizer que não me avisaram, mas se se embebedar comigo, rapaz, dou-lhe tal enxerto de porrada que lhe deixo o cu às manchas, perdoe-me, ‘nha senhora.

— Está perdoado, coronel — disse Sally.

— Já o seu pai — continuou Holborrow com o sermão —, ele nunca bebe. Sempre que tínhamos uma execução, o reverendo ia à penitenciária rezar com os cabrões, perdoe-me, ‘nha senhora, mas nunca tocava numa gota de álcool. Nem uma gota! Mesmo depois de os cabrões, perdoe-me, ‘nha senhora, estarem pendurados e a espernear, e nós precisarmos de libações para recuperar, o seu pai limitava-se a beber limonada, mas disse com frequência que receava que você fosse parar ao cadafalso, rapaz, com ele a rezar por si de um lado e eu do outro, à espera para lhe tirar o banco debaixo dos pés. Foi por isso que o mandou para cá, Potter, para aprender um pouco de disciplina! — A última palavra foi bradada no rosto de Starbuck. — Agora, ‘nha senhora — disse, voltando a dirigir a atenção a Sally —, dê-me a sua mãozinha bonita e vamos dividir um pêssego, e depois, ‘nha senhora, se me permitir, dou-lhe boleia até à cidade na minha carruagem.

O dia não é dos melhores para andar. Está muito quente e uma senhora assim tão bonita deve andar de carruagem, não lhe parece bem?

— O coronel é muito gentil — disse Sally. Escondera a mão esquerda, visivelmente desprovida de aliança, numa prega do xaile. — Nunca andei de carruagem — acrescentou, num tom lamentoso.

— Temos de a habituar ao luxo — disse Holborrow, num tom lascivo —, à maneira de uma menina bonita da Geórgia. — Levou-a até à casa e, chegados ao fundo dos degraus, envolveu-lhe a cintura com o braço livre. — Ando de carruagem desde que uma bala ianque me tirou o uso da perna esquerda. Tenho de lhe contar a história. Há um degrau solto ou dois — Holborrow quase içou Sally pelas escadas da varanda —, e agora sente-se, 'nha senhora, aqui ao lado do capitão Dennison.

Os quatro oficiais, todos eles capitães, tinham-se levantado para cumprimentar Sally. O capitão Dennison era um homem magro escanhado cujo rosto estava horrivelmente marcado por uma qualquer doença cutânea que lhe deixava as faces e a testa repugnantes com chagas lívidas. O capitão avançou uma cadeira de vime e esfregou o assento com a mão. Holborrow gesticulou na direção de Starbuck.

— Este aqui é o tenente Matthew Potter, portanto, afinal de contas, não é um boato. — Os quatro capitães riram-se da piada de Holborrow, enquanto o coronel avançava com Sally, de braço ainda firmemente em torno da cintura elegante. — E esta é a esposa dele. Sinto muito, minha querida, mas ainda não tive o privilégio de saber o seu nome.

— Emily — disse Sally.

— E nome mais bonito nunca ouvi, por minha fé, acredite que não. Sente-se, 'nha senhora. Este é o capitão Dennison, o capitão Cartwright, o capitão Peel e o capitão Lippincott. Fique à vontade e eu vou instalar o seu marido. Não se importa que o ponha já a trabalhar? Há uma semana que devia ter chegado.

Holborrow coxeou à frente de Starbuck até uma sala sombria onde uma confusão de casacas cinzentas de oficiais estava pendurada num bengaleiro de madeira curva.

— Só Deus sabe — resmungou o coronel — porque é que uma mulher como aquela se foi casar com um filho da mãe desgraçado como o Potter. Venha cá, rapaz. Se a sua esposa não vai ficar, então não precisa de quarto. Pode instalar aqui um catre e dormir junto ao trabalho. Este era o gabinete do major Maitland, mas depois o sacana foi promovido e recebeu um batalhão a sério, por isso agora estamos à espera de um cabrão ianque chamado Starbuck. E quando ele cá chegar, Potter, não quero que me ande a chatear com a papelada por tratar. Está a perceber? Toca a ordenar estes papéis!

Starbuck não disse nada, limitando-se a fitar o monte de papéis de-

sordenados. Então Maitland fora originalmente destacado para os Pernas Amarelas? Era intrigante, mas o desgraçado conseguira convencer os irmãos da loja a puxar cordelinhos, pelo que Maitland fora promovido, recebera o comando da Legião e Starbuck ficara com o batalhão de castigo.

— Está a dormir, rapaz? — Holborrow praticamente colou o rosto ao de Starbuck.

— O que tenho de fazer, meu coronel? — perguntou Starbuck, num tom lamentoso.

— Arrume isto. Ordene tudo. Você é o ajudante do 2º Batalhão Especial, não é? Agora, toca a trabalhar, rapaz, enquanto eu entretenho a sua mulher. — Holborrow saiu do gabinete a coxear, batendo com a porta. Depois, a porta voltou repentinamente a abrir-se e o rosto estreito do coronel espreitou. — Vou mandar-lhe limonada, Potter, mas nada de álcool, está a ouvir?

— Sim, meu coronel.

— Nada de álcool para si, Potter, pelo menos enquanto estiver às minhas ordens.

A porta voltou a fechar-se com tanta força que toda a casa pareceu estremecer. Depois, Starbuck suspirou e sentou-se numa cadeira de pele à secretária coberta por uma confusão de papéis. No que diabo se tinha ele metido?, interrogou-se. Sentia-se tentado a acabar com o logro de imediato, mas talvez pudesse lucrar com a situação. Tinha a certeza que se por acaso se anunciasse como sendo o major Starbuck, nada iria descobrir, pois Holborrow teria o cuidado de ocultar quaisquer deficiências no treino e no equipamento do Batalhão Especial, ao passo que o desprezado tenente Potter era obviamente um homem do qual não se precisava de esconder nada. Além disso, pensou Starbuck, agora já não havia qualquer forma airosa de sair daquela confusão. Seria melhor continuar com o engano enquanto espiava o trabalho de Holborrow, e depois iria à cidade, à procura de Belvedere Delaney, que sem dúvida faria com que Starbuck passasse um bom bocado e tivesse uma cama confortável durante as noites seguintes.

Começou a folhear os montes de papéis. Havia recibos de alimentos, recibos de munições e cartas urgentes que pediam que os recibos fossem assinados e devolvidos aos respetivos departamentos. Havia livros de pagamentos, listas, correções de listas e escalas de prisões de todos os estabelecimentos de detenção militar de Richmond. Nem todos os homens do Batalhão Especial eram dos Pernas Amarelas; pelo menos um quinto fora recrutado nas prisões, misturando os cobardes com criminosos. Por baixo dessas relações, Starbuck encontrou uma carta do Depósito Estatal de Armas de Richmond endereçada ao major Edward Maitland, dando conta de que o Batalhão Especial seria equipado com espingardas e solicitando

que os vinte caixotes de mosquetes fossem devolvidos de imediato. A missiva denotava um tom amargo, o que sugeria que Maitland se servira da sua influência para conseguir trocar os mosquetes desprezados por armas modernas, e Starbuck suspirou, consciente de que teria de voltar a travar essa batalha. Pousou a carta e, por baixo dela, encontrou mais uma, agora endereçada a Ch. Holborrow e assinada pelo reverendo Simeon Potter, de Decatur, Geórgia. Starbuck recostou-se para a ler.

Ao que parecia, o reverendo Potter detinha a superintendência das capelanias das prisões do Estado da Geórgia e escrevera ao seu antigo conhecido — não deveria passar disso mesmo, não chegando a uma amizade — Charles Holborrow, suplicando-lhe ajuda com o segundo filho, Matthew. A carta, redigida com pinceladas decididas em tinta preta muito escura, recordava a Starbuck a caligrafia do seu pai. Matthew, segundo dizia a epístola, fora uma provação para a querida mãe, uma desgraça para o nome da família e um embaraço para a sua educação cristã. Embora formado nas melhores academias do Sul e inscrito na Faculdade de Medicina de Savannah, Matthew Potter insistira em percorrer o caminho da iniquidade. “As bebidas espirituosas foram a sua desgraça”, escrevera o reverendo Potter, “e agora soubemos que se casou, pobre jovem, e, além disso, foi dispensado do regimento por embriaguez contínua. Enviei-o como aprendiz a um primo nosso no Mississípi, na esperança de que o trabalho duro se revelasse a sua salvação, no entanto, em vez de se dedicar às obrigações, insistiu em juntar-se ao Batalhão de Hardcastle, mas, ao que parece, não se pode confiar nele nem mesmo enquanto soldado. Custa-me escrever-lhe isto, mas ao rogar-lhe a sua ajuda, devo-lhe sinceridade, um dever triplamente intensificado pela minha fé em Cristo Jesus, a Quem rezo diariamente pelo arrependimento de Matthew. Recordo ainda um serviço que em tempos lhe prestei, algo de que sem dúvida se recordará claramente, e em paga desse favor peço-lhe que encontre um serviço para o meu filho, que já não é bem-vindo debaixo do nosso teto.” Starbuck sorriu. Era óbvio que o tenente Matthew Potter era uma carga de trabalhos e Starbuck interrogava-se sobre qual o serviço prestado pelo reverendo Simeon Potter que pudesse justificar a aceitação do tenente por parte de Holborrow. Tal favor fora subtilmente enfatizado na carta do reverendo Potter, o que sugeria que a dívida ao pregador seria considerável. “Acredito que existe bem em Matthew”, concluía a missiva, “e o comandante dele louvou-o pelo comportamento mostrado em Shiloh, mas a menos que possa ser afastado do álcool, receio que esteja condenado aos fogos do Inferno. A minha esposa acompanha-me ao dedicar-lhe as nossas orações pela sua grande ajuda neste triste caso.” Uma nota, obviamente com a letra de Holborrow, fora rabiscada no fundo da carta. “Agradeço-lhe que o empregue.” Maitland

deveria ter concordado e Starbuck interrogava-se até que ponto fora tangível o agradecimento de Holborrow.

A porta abriu-se e o rebelde Lúçifer entrou com um copo alto de limonada.

— Disseram-me que te trouxesse isto, tenente Potter — indicou, amargamente, enfatizando o nome falso com uma pronúncia trocista.

— Não gostas de aqui estar, Lúçifer? — perguntou Starbuck.

— Ele bate nas pessoas — exclamou Lúçifer, agitando a cabeça na direção da voz de Holborrow. — Não estás a pensar em ficar aqui, pois não? — indagou, alarmado, ao ver o conforto com que as botas de Starbuck se apoiavam na borda da secretária do major.

— Durante pouco tempo — garantiu Starbuck. — Acho que vou descobrir mais como tenente Potter do que seria capaz como major Starbuck.

— E se o verdadeiro senhor Potter aparecer?

Starbuck ofereceu-lhe um sorriso rasgado.

— Vai ser uma grande confusão, Lúçifer.

O menino fungou.

— A mim não me vai bater!

— Não deixo que o faça. E não vamos ficar muito tempo.

— És louco — comentou Lúçifer. — Devia ter seguido para norte. Prefiro ouvir sermões num campo de escravos fugidos a viver num sítio destes. — Lúçifer fungou mais uma vez para marcar a sua repulsa e depois voltou às cozinhas, deixando Starbuck a vasculhar o resto dos papéis. Nenhuma das listas dos batalhões dava valores corretos, mas parecia haver cerca de cento e oitenta homens no batalhão. Havia quatro capitães — Dennison, Cartwright, Peel e Lippincott — e oito sargentos, um deles o beligerante Case, que se juntara ao batalhão havia apenas um mês.

Sally entrou no gabinete passada meia hora. Fechou a porta e soltou uma gargalhada cúmplice.

— Mas que diabos, Nate, já viste isto?

Starbuck levantou-se e apontou para a confusão no gabinete.

— Começo a ter pena do tenente Potter, seja lá ele quem for — atirou.

— Vais ficar aqui? — perguntou Sally.

— Talvez uma noite.

— Nesse caso — disse a jovem — vou despedir-me do meu querido marido, e depois o coronel vai levar-me de carruagem à cidade, e de certeza que me convida para jantar. Vou dizer que estou muito cansada. Tens a certeza que queres ficar?

— Se lhes dissesse agora quem sou, passava por idiota — lembrou Starbuck. — Além disso, deve haver qualquer coisa para descobrir no meio de toda esta papelada.

— Descubre como é que o porco está a fazer o dinheiro — pediu Sally.
— Isso vai ser muito útil. — Pôs-se em bicos de pés e beijou-lhe o rosto. —
Cuidado com aquele capitão Dennison, Nate, ele é uma cobra.

— Esse é o bonito, certo?

Sally fez um esgar.

— Pensei que fosse sífilis, mas não é, porque não treme, nem diz disparates. Deve ser só uma doença de pele. Espero que lhe doa.

Starbuck sorriu.

— Pediu-te um beijo, foi? — imaginou.

— Acho que ele quer mais do que um beijo — respondeu Sally com mais um esgar e depois afagou a face de Starbuck. — Fica bem, Matthew Potter.

— Tu também, Emily Potter.

Minutos depois, Starbuck ouviu o tilintar das correntes dos tirantes quando a carruagem do coronel foi levada até à frente da casa. Ouviram-se despedidas e o carro afastou-se com estrépito.

E, de repente, Starbuck sentiu-se sozinho.

Cento e cinquenta quilómetros a norte de Starbuck, num vale onde o milho alto crescia entre renques cerrados de árvores, um fugitivo agachava-se no matagal, à escuta dos sons de uma eventual perseguição. O fugitivo era um jovem alto e rotundo, que estava agora esfomeado. Perdera o cavalo havia quatro dias na batalha travada perto de Manassas e, a par da montada, ficara sem um alforge de comida, pelo que, durante esse tempo, jejuara, salvo por um pouco de biscoito de campanha que encontrara num cadáver rebelde no campo de batalha. Agora, a uns vinte quilómetros a norte do campo de batalha e com o estômago dorido com a fome, o fugitivo roía com relutância uma maçaroca de milho verde, sabendo que as entranhas o iriam castigar por tal dieta. Estava farto da guerra. Queria um hotel decente, um banho quente, uma boa refeição e uma mulher má. Podia dar-se ao luxo de desfrutar de tudo isso, pois à volta da cintura tinha um cinto de dinheiro cheio de ouro e só queria desaparecer daqueles campos terríveis que estavam a ser esquadrihados pelos rebeldes vitoriosos em busca de fugitivos do exército nortista. O resto desse exército retirara-se para Washington e o jovem pretendia juntar-se a eles, mas perdera o rumo durante o dia da trovoada e imaginava que tivesse caminhado oito quilómetros para oeste e não para norte, estando agora a tentar arrepiar caminho na direção certa.

Usava a casaca azul de um soldado nortista, mas mantinha-a desabotoada e sem cinto, para a poder despir a qualquer momento e envergar a casaca cinzenta que retirara ao cadáver que lhe providenciara os biscoitos.

A roupa do morto era um tudo-nada pequena, mas o fugitivo sabia que poderia esquivar-se a problemas graças à sua lábia se por acaso fosse encontrado e interrogado por alguma patrulha rebelde. Correria maiores riscos se fosse descoberto por soldados nortistas, pois embora tivesse combatido pelos Ianques, falava com a pronúncia cerrada do Sul profundo, embora no bolso das calças tivesse os documentos que o identificavam como sendo o capitão William Blythe, segundo comandante da cavalaria de Galloway, uma unidade de cavaleiros nortistas compostos por sulistas renegados. A cavalaria de Galloway deveria ter-se mantido como batedores capazes de percorrer os caminhos do Sul com a mesma segurança que os homens mais confiantes de Jeb Stuart, mas o tolo Galloway levava-os a combater perto de Manassas, onde tinham sido dizimados pelo fogo de um regimento confederado. Billy Blythe sabia que Galloway estava morto e acreditava que o comandante merecia ter morrido por se ter imiscuído numa batalha a sério. Imaginava também que a maior parte dos homens de Galloway estaria igualmente morta, e isso não o preocupava. Só precisava de chegar ao Norte e encontrar outro destacamento confortável onde se pudesse manter vivo até ao final da guerra. Nesse dia, segundo cria Blythe, haveria grandes recompensas para os sulistas que se tivessem mantido fiéis à União e ele não pretendia ver tais prémios serem-lhe recusados.

Também não tinha qualquer intenção de acabar numa prisão confederada. Se a captura fosse inevitável, tencionava livrar-se da casaca azul, envergar a cinzenta e livrar-se de problemas pela força das palavras. Encontraria depois outra maneira de chegar ao Norte. Astúcia, planeamento, um pouco de inteligência e uma dose de sorte deveria ser quanto bastasse para evitar a miríade de indivíduos nos Estados sulistas que só queriam envolver o pescoço carnudo de Billy Blythe com uma boa corda. Uma dessas cordas quase acabara com ele antes do início da guerra, e só graças a uma tremenda audácia é que Billy escapara à família da rapariga e fugira para norte. Que diabos, pensou, até nem era mau rapaz. Billy Blythe nunca se considerara má pessoa. Um pouco selvagem, talvez, e um homem que se gostava de divertir, mas não era mau. Apenas mais perspicaz do que a maior parte dos outros, e não havia nada melhor do que a perspicácia para causar inveja.

Mordeu a maçaroca verde com os dentes e mastigou o milho duro. O sabor era terrível e já sentia o fermentar na barriga, mas estava esganado e precisava de forças para continuar a andar. Que diabos, pensou, a sua vida dera umas reviravoltas manhosas nas últimas semanas! Não se devia ter envolvido com o major Galloway, nem com o exército ianque. Devia estar mais a norte, em Nova Iorque, por exemplo. Algures onde não se ouvissem armas. Num sítio onde se pudesse ganhar dinheiro e impressionar raparigas.

Ouviu-se um galho a partir na mata e Blythe ficou imóvel. Pelo menos tentou ficar imóvel, mas não conseguia controlar o tremor nas pernas, o estômago roncava-lhe por causa do milho a fermentar e ia pestanejando à medida que o suor lhe escorria para o canto dos olhos. Ouviu-se uma voz à distância. Graças a Deus era um nortista, pensou, e depois interrogou-se por que diabos os Ianques estariam a perder todas as batalhas. Billy Blythe apostara o seu futuro numa vitória nortista, mas sempre que os federais se deparavam com os homens de cinza, eram derrotados. Não era de todo justo! Agora, os Nortistas tinham mais uma vez sido vencidos, Billy Blythe estava a comer milho cru e vestia roupas ainda húmidas da trovoadas de há dois dias.

Um cavalo relinçou. Não era fácil discernir de onde vinha o som, já que começou por parecer atrás dele, mas depois Billy ouviu o lento ressoar de cascos à sua frente e então, confuso e com grande cautela, levantou a cabeça por entre as folhas até conseguir ver através do milho. As sombras eram escuras entre as árvores distantes, mas de repente, num raio de Sol brilhante que rasgou as trevas, viu os cavaleiros. Nortistas! Casacas azuis. O sol refletia-se nas bainhas dos sabres, nas fivelas dos cintos, nos arreios, nas carabinas, e depois viu-se um reflexo de branco quando um cavalo revirou o olho e espirrou. As orelhas dos outros animais esticaram-se em frente. Os cavaleiros atentos tinham parado à beira do milho. Deveriam ser uma dúzia de soldados, de carabinas prontas, a olhar pelo milheiral para a esquerda de Billy, e foi a atenção dos homens que o manteve imóvel. O que os preocuparia? Virou-se muito devagar, mas não viu nada. Estariam os rebeldes por perto? Um tordo esvoaçou sobre o milho e Billy decidiu que as penas garridas eram um bom sinal. Estava prestes a erguer-se e a gritar aos cavaleiros quando, de repente, o líder fez um gesto com a mão e os soldados levaram os cavalos para o meio do milho. Billy ficou quieto. Um dos cavaleiros guardou a carabina e desembainhou o sabre, convencendo Billy de que não seria a melhor altura para chamar a atenção dos soldados. Um grito e a sua resposta podia ter a forma de uma salva de balas minié, pelo que se limitou a observar os cavalos a avançar ruidosamente pelos caules rígidos.

Um cavalo voltou a relinchar e, desta vez, o som vinha garantidamente das costas de Billy, que se virou devagar, afastou a cobertura de folhas e espreitou para as sombras pintalgadas da mata. Estava a sustentar a respiração e a interrogar-se quanto ao que se passaria quando se deu um movimento súbito no extremo oposto do milheiral. Pestanejou para tirar o suor dos olhos e viu um cavalo. Uma montada solitária, sem cavaleiro. Um animal por sua conta. Um cavalo que parecia estar preso. Uma besta com sela e arreios, mas sem quem o montasse. Um cavalo para Billy Blythe, pensou, e interrogava-se quanto à forma mais segura de chamar a atenção dos nervo-

sos cavaleiros ianques quando, de repente, um tiro de espingarda despedaçou a calma da tarde quente.

Billy gritou de medo e agachou-se. Ninguém o ouviu, pois os cavalos ianques relinchavam em pânico. Ouviu-se algo a debater-se no meio do milho, depois mais tiros e, subitamente, o odioso som do grito rebelde rasgou o ar, seguido de uma voz a bradar ordens. Fora uma emboscada. O cavalo sozinho fora o isco que atraía os ianques pelo comprido milheiral até onde os rebeldes se escondiam entre as árvores, e agora os cavaleiros estavam mortos, feridos, ou tentavam desesperadamente galopar para longe dali. Foram disparados mais dois tiros e Billy viu um cavaleiro de casaca azul arquear as costas, largar as rédeas e tombar do cavalo a galope. Outras duas montadas vazias corriam para norte, enquanto um soldado corria em desespero com a bainha do sabre agarrada longe das pernas. Dois cavaleiros nortistas pareciam ter chegado à segurança das árvores distantes, mas de resto não havia sinais de outros sobreviventes da pequena patrulha ianque. Tudo demorara menos de um minuto.

— Vão buscar os cavalos! — rosnou uma voz. Um ianque gritava por ajuda no meio do milho, a voz tornada desesperada pela dor. Um cavalo relinchou e depois um tiro seco acabou de forma abrupta com o som patético. Soaram gargalhadas rebeldes e depois Billy ouviu o estrépito de uma espingarda a ser recarregada. Os rebeldes estavam claramente a recolher os cavalos. Seriam prémios valiosos para um exército já parco em boas montadas para a cavalaria, e Billy esperava que ficassem satisfeitos com esse saque, mas depois o oficial voltou a gritar. — Procurem sobreviventes! Tenham cuidado, mas procurem bem.

Billy praguejou. Pensou em fugir, mas imaginou que estivesse demasiado enfraquecido para vencer em corrida um homem em forma; além disso, o barulho que faria poria um grupo dos desgraçados em sua perseguição, pelo que em vez disso despiu freneticamente a casaca azul e vestiu a cinzenta puída. Depois empurrou a reveladora vestimenta azul para baixo dos arbustos, cobrindo-a com uma camada espessa de folhas apodrecidas. Abotoou a casaca cinza, prendeu o cinto e depois aguardou. *Maldição*, pensou, *maldição e grande porra e diabos*; agora teria de se fazer passar por rebelde durante algumas semanas, até descobrir nova maneira de regressar ao Norte.

Os passos aproximaram-se e Billy decidiu que chegara a altura de desempenhar o seu papel.

— Vocês são do Sul, rapazes? — chamou em voz alta. Os passos detiveram-se. — Chamo-me Billy Tumlin! — gritou. — Billy Tumlin, de Nova Orleães. — Não podia usar o nome verdadeiro com tantos elementos da Confederação a quererem experimentar uma corda na garganta de Billy Blythe. — Vocês são rebeldes? — perguntou.

— Não o vemos — respondeu uma voz átona, sem entoação hostil ou amigável, mas depois ouviu-se o som notoriamente hostil de uma espingarda a ser engatilhada.

— Vou levantar-me, rapazes — disse Billy. — Vou levantar-me muito devagar. Vou levantar-me mesmo à vossa frente. — Billy levantou-se e ergueu as mãos bem alto para mostrar que não estava armado. À sua frente estava um par de rebeldes andrajosos com espingardas e respetivas baionetas. — Graças a Deus Nosso Senhor, rapazes — exclamou Billy —, louvado seja o Seu nome, ámem.

Os dois rostos só deixavam ver cautela.

— Quem é que disse que era? — indagou um dos homens.

— Capitão Billy Tumlin, rapazes. De Nova Orleães, Luisiana. Há semanas que ando em fuga e fico muito satisfeito em vê-los. Importam-se que baixe as mãos? — Começou a baixar os braços, mas o movimento de um cano de espingarda escurecido fê-lo voltar a levantá-los rapidamente.

— Em fuga? — perguntou o segundo homem.

— Fui capturado em Nova Orleães — explicou Blythe, com a sua pronúncia sulista mais carregada — e desde então que estive preso mais a norte. Mas consegui fugir, estão a ver? E estou com um bocado de fome, rapazes. Até um pedaço de biscoito seria bem-vindo. Ou tabaco? Desde que fui capturado que não vejo tabaco decente.

Uma hora depois, o capitão Billy Tumlin era apresentado ao tenente-coronel Ned Maitland, cujos homens tinham encontrado o fugitivo. O regimento de Maitland estava bivacado e o fumo de centenas de pequenas fogueiras preenchia o ar do fim da tarde. Maitland, um anfitrião cortês e generoso, partilhou afavelmente uma perna de frango duro, alguns ovos cozidos e uma garrafa de conhaque com o prisioneiro acabado de fugir. Parecia agradavelmente pouco interessado nas supostas experiências vividas por Blythe enquanto prisioneiro do Norte, preferindo chegar à conclusão de quais as destacadas famílias de Nova Orleães poderiam ser conhecimentos comuns. Billy Blythe passara tempo suficiente em Nova Orleães para ultrapassar esse teste, especialmente quando se apercebeu de que Maitland sabia ainda menos acerca da sociedade de Nova Orleães do que ele.

— Imagino — disse Maitland passado algum tempo — que deva ter de se apresentar na sua brigada.

— Não posso ficar aqui? — aventou Blythe. Imaginava que Maitland seria um comandante atencioso e a Legião estaria a servir suficientemente perto dos ianques para que Blythe dispusesse de oportunidades para atravessar as linhas.

Maitland abanou a cabeça. Gostaria de ficar com Billy Tumlin na Legião, pois considerava que a maioria dos seus oficiais atuais estava abaixo dos padrões adequados, mas não tinha autoridade para nomear um capitão novo. — Podia usá-lo — admitiu Maitland —, a verdade é essa. Parece que em breve vamos todos avançar para norte, pelo que vão haver bastantes combates, e não estou propriamente bem provido de oficiais.

— Vão invadir o Norte? — indagou Billy Blythe, horrorizado com a ideia.

— A norte daqui não há nada, além de terreno estrangeiro — comentou Maitland secamente —, mas infelizmente não o posso manter na Legião. As coisas mudaram desde que foi capturado, capitão. Já não elegemos nem nomeamos oficiais. Agora passa tudo pelo Departamento de Guerra em Richmond, e imagino que seja aí que tem de se apresentar. Pelo menos se quiser receber pré.

— Um pré seria útil — concordou Blythe e, por isso, uma hora depois deu consigo na companhia muito menos agradável do comandante da brigada. As questões do coronel Griffin Swynyard acerca do cativo de Blythe foram breves, mas muito mais incisivas do que as de Maitland.

— Onde esteve detido? — quis saber.

— No Massachusetts — disse Blythe.

— Onde, ao certo? — exigiu Swynyard.

Blythe ficou momentaneamente desorientado.

— Em Union — acabou por dizer, imaginando que cada Estado dos Estados Unidos e Confederados teria uma povoação chamada Union. — Ou, pelo menos, nos arredores — acrescentou, sem grande convicção.

— Temos de agradecer a Deus pela sua fuga — exclamou Swynyard, ao que Blythe concordou ansiosamente, após o que percebeu que teria de se ajoelhar e dar graças. Baixou-se, atrapalhado, e fechou os olhos enquanto Swynyard agradecia a Deus Todo-Poderoso pela libertação do cativo de Seu servo Billy Tumlin. Depois, Swynyard disse a Billy que o major da brigada iria dar-lhe um livre-conduto de viagem que permitiria ao capitão Tumlin apresentar-se no quartel-general do exército.

— Em Richmond? — perguntou Blythe, de todo desagradado com a ideia. Que soubesse, não tinha inimigos em Richmond, já que todos os antagonistas se encontravam mais a sul, pelo que Richmond seria um bom sítio para descansar durante algum tempo. E pelo menos na capital da Confederação seria poupado à sangria que sem dúvida teria lugar caso Robert Lee levasse o seu exército improvisado de soldados maltrapilhos para o outro lado do Potomac, entrando nos territórios férteis do Norte.

— Podem enviá-lo para Richmond — disse Swynyard —, ou podem destacá-lo para um destes batalhões. A decisão não me compete, capitão.

— Desde que eu possa ser útil — garantiu Blythe hipocritamente. — É tudo o que peço, coronel, poder ser útil. — Estava a fazer o que Billy Blythe sabia fazer melhor. Estava a sobreviver.

Não soa a sulista, Potter — atirou o capitão Dennison, e os outros três capitães que partilhavam a mesa de jantar lançaram olhares acusadores a Starbuck.

— A minha mãe era do Connecticut — disse Starbuck.

— Meu capitão — corrigiu Dennison. O capitão Dennison estava mais do que um pouco tocado pelo álcool. Na verdade, quase adormecera momentos antes, mas agora voltara a despertar e olhava para Starbuck com desprezo da outra ponta da mesa. — Sou capitão — informou Dennison — e você é um monte de esterco cobarde, também conhecido como tenente. Trate-me por meu capitão.

— A minha mãe era do Connecticut, meu capitão — emendou prontamente Starbuck. Desempenhava o seu papel como indefeso Potter, mas já não estava a gostar da representação. A impetuosidade, se não mesmo uma tolice completa, encurralara-o no logro e sabia que cada momento que passasse no papel tornaria mais difícil conseguir sair com alguma dignidade, mas, ainda assim, continuava certo de que havia coisas que poderia descobrir enquanto o verdadeiro tenente Potter não chegasse ao Quartel Lee.

— Quer dizer que apanhou a pronúncia da mamã pelo leite das tetas dela, Potter, foi isso? — perguntou Dennison.

— Parece que assim foi, meu capitão.

Dennison recostou-se na cadeira. As chagas no rosto lançavam um brilho húmido à luz tremeluzente das velas grosseiras dispostas na mesa de jantar onde se viam os restos de uma refeição de frango frito, arroz frito e

feijões. Foram servidos alguns dos adorados pêssegos do coronel Holborrow como sobremesa, embora o coronel não estivesse presente. Depois de ter levado Sally à cidade, o coronel aproveitara obviamente a noite, deixando Starbuck a partilhar a refeição da noite com os quatro capitães. Havia muitos outros oficiais no Quartel Lee, mas esses comiam noutros locais, já que, ao que parecia, ninguém queria ser contaminado por aquele punhado de oficiais que permaneciam com os Pernas Amarelas.

O que não era de admirar, pensou Starbuck, pois as breves horas que passara no quartel tinham chegado para lhe confirmar os piores receios. Os homens do 2º Batalhão Especial estavam enfadados e desanimados, sendo impedidos de desertar unicamente pelos polícias militares omnipresentes e pelo medo da execução. Os sargentos ficavam ressentidos com o destacamento para o batalhão e entretinham-se com gestos mesquinhos de tirania que os oficiais do batalhão, como aquele Thomas Dennison e os seus companheiros, nada faziam para atenuar. O sargento Case parecia ser o dono do batalhão e os homens por ele favorecidos prosperavam, enquanto os restantes sofriam.

Starbuck falara com alguns dos soldados que, pensando que ele se tratava de um tenente inofensivo, além de ter sido o homem que se atrevera a retirar o prisioneiro de Case do cavalo, não se tinham contido nas suas palavras. Alguns, como Caton Rothwell, o homem que Starbuck salvara, tinham vontade de lutar e sentiam-se frustrados por Holborrow parecer não ter intenção de enviar o batalhão para norte, para se juntar ao exército de Lee. Rothwell não era um dos Pernas Amarelas originais, tendo sido destacado para o Batalhão Especial depois de ter sido condenado por deserção do seu regimento. — Fui ajudar a minha família — explicara a Starbuck. — Só queria uma semana de licença — acrescentou —, porque a minha mulher estava com problemas.

— Que tipo de problemas? — perguntara Starbuck.

— Problemas, tenente, só isso — dissera Rothwell bruscamente. Era um homem grande e forte, que lembrava a Starbuck o tenente Waggoner. Starbuck imaginava que Caton Rothwell seria um bom soldado para ter ao lado durante uma batalha. Com cinquenta homens semelhantes, Starbuck sabia que o batalhão poderia ser tão bom como qualquer outro do exército de Lee, mas a maior parte dos soldados estava à beira da rebelião devido ao enfado e à consciência de que eram a mais desprezada unidade de todo o exército confederado. Eram os Pernas Amarelas, os mais baixos dos vis, e nada era mais sintomático do seu estatuto do que as armas que tinham recebido. Essas armas continuavam armazenadas, mas Starbuck descobrira a chave pendurada atrás da porta do gabinete e fora abrir o barracão que servia de depósito de armamento, encontrando-o repleto de caixotes de

velhos mosquetes de alma lisa. Starbuck limpou o pé da coronha de um dos mosquetes e pegou na arma. Era desajeitado, e a vareta de madeira por baixo do cano encolhera com os anos, pelo que os anéis metálicos do cano estavam soltos. Olhou para o mecanismo de disparo e viu a palavra “Virgínia” aí gravada, enquanto por trás do cão estava escrito “Richmond, 1808”. Originalmente, a arma seria de pederneira e em dada altura teria sido convertida a fulminante, mas apesar da modernização, continuava a ser uma arma horrível. Aqueles velhos mosquetes, criados para matar casacas-vermelhas, não tinham estrias no interior do cano, o que significava que a bala não girava depois de disparada, carecendo assim da precisão de uma espingarda. A cinquenta passos, o mosquete de grande calibre de 1808 era tão mortífero quanto uma espingarda *Enfield*, mas a maior distância seria fatalmente pouco preciso. Starbuck viu muitos homens entrar em combate com armas antiquadas do género e sentira pena deles, mas sabia que milhares de espingardas modernas tinham sido capturadas ao Norte durante a campanha de verão, pelo que era perverso armar os seus homens com tais peças de museu. Aquelas armas velhas eram um sinal óbvio de que o Batalhão Especial pouco interessava ao exército, mas essa verdade já seria do conhecimento dos homens. Eram os soldados que mais ninguém queria.

O sargento Case viu a porta aberta do depósito e foi investigar. O corpo imenso encheu a entrada e lançou a sua sombra no espaço poeirento.

— Você — exclamara, ao ver Starbuck.

— Eu — concordou Starbuck, num tom agradável.

— Tem o hábito de meter o nariz onde não é chamado, tenente — disse Case. A sua presença ameaçadora agigantava-se no barracão sujo, enquanto os olhos duros e gelados fitavam Starbuck, qual predador a avaliar a presa.

Starbuck atirou o mosquete ao sargento, com força suficiente para obrigar Case a recuar um passo ao agarrá-lo.

— Estaria disposto a combater ianques com uma coisa destas, sargento? — indagou Starbuck.

Case revirou o mosquete na grande mão direita, como se não pesasse mais do que um caule de milho.

— Eles não vão combater, tenente. Estes homens não prestam para lutar. E foi por isso que nos enviaram o tenente. — A pequena cabeça de Case agitou-se para a frente e para trás sobre o pescoço ridículo enquanto cuspiu os insultos. — Porque você não presta para lutar. É um desgraçado de um bêbado, tenente, por isso não me fale em combater. Não sabe o que é combater. Fui um fuzileiro real, rapaz, um soldado a sério, rapaz, e sei o que é o ofício de soldado e sei o que é combater, e sei que é coisa que você não quer fazer, caso contrário não estaria aqui. — Case devolveu o mosquete

igualmente com força, magoando as mãos de Starbuck com o impacto da arma. O sargento alto entrou mais no depósito e aproximou o rosto de nariz partido de Starbuck. — E mais uma coisa, rapaz. Se volta a puxar dos galões comigo, prendo-o a uma árvore e arranco-lhe o couro. Agora, volte a pôr esse mosquete onde estava, dê-me a chave do depósito e volte ao seu lugar.

Agora não, dissera Starbuck para consigo, *agora não*. Não era o momento certo para meter Case no lugar dele, pelo que Starbuck se limitou a guardar o mosquete na caixa respetiva, entregou tranquilamente a chave a Case e afastou-se dali.

Agora, à mesa de jantar, Starbuck voltava a ser o bombo da festa, mas desta vez era Thomas Dennison e os seus comparsas que se divertiam com o homem que julgavam ser um fracote. O capitão Lippincott fez rolar um pêssego na direção de Starbuck.

— Se calhar preferia um brandy, Potter — aventou Lippincott.

— Se calhar, preferia — admitiu Starbuck.

— Meu capitão — atirou Dennison imediatamente.

— Se calhar, preferia, meu capitão — corrigiu Starbuck, num tom humilde. Enquanto não quisesse revelar a identidade, teria de se fazer passar por tolo, mas era uma situação difícil. Dizia para consigo para se manter calmo e para se armar em fracassado durante mais algum tempo.

Lippincott aproximou o copo de brandy na direção de Starbuck, provocando-o para que o aceitasse, mas Starbuck não se mexeu.

— É claro que ser bêbado tem as suas vantagens — comentou Lippincott, fazendo recuar o copo. — Isso quer dizer que o mais certo é passar os dias a dormir. Sempre é melhor do que ficar sem fazer nada. Não é verdade, Potter?

— É verdade — concordou Starbuck.

— Meu capitão — acrescentou Dennison, com um soluço.

— Meu capitão — repetiu Starbuck.

— Não estou a dizer que não me sinta grato por aqui estar — prosseguiu Lippincott, num tom melancólico —, mas, que raios, sempre nos podiam dar qualquer coisa com que nos entreter.

— Há muita diversão em Richmond — comentou vagamente Dennison.

— Se tiveres dinheiro — reconheceu Lippincott —, coisa que eu não tenho.

Dennison recostou-se na cadeira.

— Preferias estar num regimento em batalha? — perguntou a Lippincott. — Sempre te podem transferir. Se é mesmo isso que queres, Dan, eu digo ao Holborrow que estás ansioso. — Lippincott, um homem lívido de barba rala, não disse nada. A maior parte dos oficiais dos Pernas Amarelas fora transferida, quer para serviço de guarnição quer para a polícia militar,

mas alguns tinham sido destacados para batalhões de combate, um destino que preocupava os capitães que restavam, embora esse não fosse o caso de Dennison, cujos problemas cutâneos o mantinham afastado desse risco. Levou um dedo ao de leve às chagas horrendas do rosto. — Se pelo menos os médicos conseguissem curar isto — comentou, num tom que sugeria estar confiante de que se tratava de um problema incurável —, oferecia-me como voluntário.

— Andas a tomar os remédios, Tom? — quis saber Lippincott.

— É claro que sim — retorquiu Dennison, num tom brusco. — Não sentes o cheiro?

Starbuck, realmente, conseguia cheirar algo medicinal, um odor vagamente familiar; algo que o incomodava, mas que não era capaz de identificar.

— Que remédio é, meu capitão? — perguntou.

Dennison fez uma pausa, enquanto decidia se a pergunta poderia ser considerada insolente, após o que encolheu os ombros.

— Querosene — respondeu, daí a pouco.

Starbuck franziu o cenho.

— É tinha? — perguntou, ao que acrescentou: — Meu capitão.

Dennison fez pouco dele.

— Um ano de Faculdade de Medicina e já sabe tudo, é isso? Meta-se na sua vida, Potter, que eu siga as indicações de um médico a sério.

Lippincott olhou para as chagas brilhantes e arrepiou-se.

— Tu estás bem, Tom — comentou, ressentido —, mas e se este tal de Starbuck quiser que combatamos? O Holborrow não nos pode manter aqui para sempre.

— O Holborrow é um coronel — retorquiu Dennison, com novo solumo —, e o Starbuck é major, por isso o Holborrow faz o que quiser e o Starbuck que se dane. E que diabos — prosseguiu, ofendido —, nós não devíamos servir com o Starbuck. Ele é um maldito nortista e eu cá não aceito ordens de um maldito nortista.

Cartwright, um homem rotundo de rosto petulante e cabelo louro encaracolado, assentiu.

— Devias ter ficado no lugar do Maitland, Tom — disse a Dennison.

— Eu sei disso, tu sabes disso, e o Holborrow sabe disso — concordou Dennison, retirando, atrapalhado, um charuto do bolso, que acendeu na vela mais próxima. — E o senhor Starbuck vai ter de o descobrir — concluiu, depois de acender o charuto.

Peel, um jovem magro que parecia o mal menor daquele grupo desagradável, limpou sumo de pêssego do queixo escanhado e depois abanou a cabeça.

— Porque é que nos enviaram o Starbuck? — indagou, sem ninguém especial em vista. — Devem querer que combatamos. Se assim não for, para quê enviá-lo?

— Porque ele é um filho da mãe que ninguém quer — cuspiu Dennison — e querem ver-se livres dele.

— Ele tem reputação — adiantou Starbuck, divertido —, meu capitão.

Os olhos escuros de Dennison analisaram Starbuck à luz tremeluzente das velas.

— Não é precisa grande reputação para impressionar um bêbado — minimizou ele o comentário —, e não me lembro de alguém lhe ter pedido a opinião, tenente.

— Peço desculpa, meu capitão — disse Starbuck.

Dennison continuou a observar Starbuck e por fim apontou-lhe o charuto.

— Uma coisa é verdade, Potter, você tem uma bela mulher.

— Parece que tenho, meu capitão — concordou Starbuck.

— Mesmo muito bonita — acrescentou Dennison. — Bonita a ponto de fazer virar uma cabeça ou duas. Demasiado bonita para um palerma como você, não concorda?

— É mesmo muito bonita — disse Starbuck —, meu capitão.

— E você é bêbado — observou Dennison —, e os bêbados não prestam no que diz respeito às senhoras. Percebe onde quero chegar, Potter? Os bêbados não estão à altura, pois não? — Dennison, ele próprio meio embriagado, riu-se da sua própria piada. Starbuck susteve o olhar do capitão, mas não disse nada e Dennison confundiu o silêncio com medo. — Sabe onde é que a sua mulher bonita vai estar hoje à noite, Potter?

— Com a prima Alice, meu capitão — respondeu Starbuck.

— Ou talvez esteja a jantar com o coronel Holborrow? — aventou Dennison. — O coronel estava com muita esperança. Vestiu a melhor casaca da farda, engraxou as botas e oleou o cabelo. Deve ter imaginado que a sua Emily pudesse apreciar um pouco de diversão. Talvez uma luta de galos? — Os outros capitães riram-se do comentário e Dennison deu um bafo no charuto. — E talvez — continuou — a sua Emily esteja tão desesperada desde que se casou consigo que vá aceitar o convite do Holborrow. Acha que ela está a servir de colchão à manta do Holborrow, Potter? — Starbuck não respondeu e Dennison abanou a cabeça, desdenhosamente. — Mas que monte de esterco você é, Potter. Só Deus sabe o que é que aquela rapariga viu em si, mas acho que deve precisar de tratar daqueles olhinhos bonitos. — Puxou mais um bafo enquanto fitava Starbuck. — Se calhar, até eu vou fazer uma visita à senhora. Importava-se que eu fosse cumprimentar a sua esposa, tenente Potter? A minha pele até pode melhorar com o toque de uma senhora.

Peel pareceu embaraçado, mas os outros dois capitães sorriram. Eram ambos cobardes que se divertiam com um homem aparentemente mais fraco a ser implacavelmente oprimido. Starbuck recostou-se na cadeira, fazendo-a ranger.

— Que hipóteses acha que tem com ela, meu capitão? — perguntou a Dennison.

Dennison pareceu surpreendido por a questão ter sido apresentada, mas mesmo assim fingiu pensar nela.

— Uma rapariga bonita como aquela? E um homem elegante como eu? Ah, julgo que tenho boas hipóteses, tenente.

— Em cinco — insistiu Starbuck —, onde acha que se encontra, meu capitão? Duas hipóteses em cinco? Uma? Três?

Dennison franziu o cenho, inseguro quanto ao rumo que a conversa poderia estar a tomar.

— Bastantes, diria eu — repetiu.

Starbuck abanou a cabeça lamentosamente.

— Que diabos, meu capitão, eu conheço a Emily, e a Emily nunca gostou muito de cabrões bexigosos como o senhor, meu capitão, com o seu perdão, meu capitão, e não me parece que tenha mais do que uma hipótese em cinco. O que não é nada mau, tendo em conta o quanto ela é bonita, mas até que ponto o senhor é sortudo? A grande questão é essa, meu capitão, não acha? — Sorriu a Dennison, que não respondia ao sorriso. Nenhum dos capitães sorria; estavam, isso sim, a observar Starbuck, que sacara do revólver *Adams* enquanto falava e se servia da unha para retirar quatro dos cinco fulminantes dos cones da arma. Deixou os fulminantes num prato vazio e olhou para Dennison por entre as chamas das velas. — Será que está com sorte, meu capitão? — perguntou Starbuck, e apontou o cano azul do revólver aos olhos assustados de Dennison enquanto puxava o cão até à posição central para que o cilindro ficasse solto. Girou o cilindro e nenhum dos capitães se moveu enquanto a arma soltava uma série de leves cliques que só pararam quando o cilindro se imobilizou. Starbuck puxou o cão totalmente para trás. — Uma hipótese em cinco, meu capitão — declarou —, portanto, vamos lá ver se essas probabilidades são boas. — Premiu o gatilho e Dennison saltou, alarmado, quando o cão foi bater num cone vazio. — Desta vez não consegui — disse Starbuck —, meu capitão.

— Potter! — bradou Dennison, silenciando então o protesto quando Starbuck puxou o cão até ao primeiro ponto e girou o cilindro uma segunda vez.

— É claro que um cavalheiro como o senhor não se contenta com a primeira recusa de uma senhora, pois não, meu capitão? — indagou Starbuck, e voltou a puxar o cão até ao fim. Ouviram-se dois ligeiros cli-

ques quando o cão ficou imobilizado. Podia ver que o cone por baixo do cão estava vazio, mas mais nenhum dos comensais à mesa sabia qual a câmara carregada. Veriam as balas aninhadas no interior das câmaras, mas não os cones na traseira do cilindro. Starbuck sorriu. — Portanto, a minha Emily já o rejeitou uma vez, capitão — resumiu —, mas de certeza que a ia convidar uma segunda vez, não é verdade? Quero dizer, o senhor não tem os modos de uma cabra, por isso de certeza que a vai convidar uma segunda vez. — Esticou o braço, como se estivesse a preparar-se para o coice da arma.

Cartwright levou a mão ao seu próprio revólver, mas Starbuck apontou brevemente a arma ao rosto assustado e Cartwright desistiu de imediato. Starbuck voltou a dirigir a arma a Dennison.

— Vem aí a segunda hipótese, meu capitão. Querida Emily, por favor, deita-te e arma-te em colchão para mim. Vejamos se tem sorte com o segundo convite, capitão. — Premiu o gatilho e, mais uma vez, Dennison estremeceu quando a pancada seca ecoou na sala. Starbuck girou de imediato a câmara uma terceira vez e esticou o braço.

— Você é louco, Potter — exclamou Dennison, parecendo subitamente muito sóbrio.

— E ainda por cima estou sóbrio — disse Starbuck, pegando com a mão esquerda o brandy de Cartwright, que bebeu de um trago. — Fico ainda mais louco quando estou bêbado — comentou —, portanto, quantas hipóteses acha que tem com a minha esposa, capitão? Vai convidá-la três vezes para poder dar uma voltinha?

Dennison pensou em sacar do seu revólver, mas tinha a arma no coldre abotoado e sabia que não seria capaz de a libertar antes de uma bala rasgar as chamas das velas e lhe desfazer o crânio. Humedeceu os lábios.

— Parece-me que não tenho nenhuma hipótese, tenente — disse.

— Parece-me que não, capitão — concordou Starbuck —, e parece-me que ainda por cima me deve um pedido de desculpas.

Dennison fez um esgar ao pensar nessa ideia.

— Pois bem pode esperar sentado, Potter — declarou, num tom de desafio.

Starbuck premiu o gatilho, após o que girou de imediato o cilindro uma quarta vez. Quando parou, puxou o cão atrás e desta vez viu o fulminante solitário à espera por baixo do cão. Sorriu.

— Já teve sorte três vezes, capitão, mas até que ponto é um homem afortunado? Estou à espera desse pedido de desculpas.

— Peço desculpa, tenente Potter — conseguiu Dennison proferir.

Starbuck soltou o cão, guardou o *Adams* no coldre e levantou-se.

— Nunca comece uma coisa que não tem como acabar, capitão — de-

clarou, depois chegou-se à frente e pegou na garrafa meio cheia de brandy. — Mas quer-me parecer que eu tenho como acabar isto, na minha privacidade. Continuem lá a vossa conversa agradável. — Deixou a sala.

Estava uma noite húmida e ventosa em Washington, sem vento que afastasse o fedor denso da lixeira no extremo sul da Seventeenth Street, a poucos metros das tendas de hospital. Os esgotos de Murder Bay acrescentavam o seu próprio cheiro fétido ao ar sobranceiro à capital nortista, mais cheia de soldados do que habitualmente. Eram homens que deviam estar a marchar para Richmond no exército de John Pope, mas que, em vez disso, tinham sido rechaçados por Robert Lee das margens do Bull Run, enchendo agora os campos de tendas no interior do anel de fortificações de Washington e atulhando as tabernas da capital.

Um jovem oficial de cavalaria percorreu a Pennsylvania Avenue até à esquina da Seventeenth Street, onde tirou o chapéu de abas largas para fixar o candeeiro público. Em Washington, os candeeiros de cada esquina tinham o nome da rua pintados a preto no vidro, o que era um estratagema inteligente, e assim que o jovem se certificou de que estava no lugar certo, subiu a Seventeenth até chegar a um edifício de tijolo de dois andares rodeado por árvores. A iluminação a gás mostrava onde a extremidade estreita se ligava ao passeio e onde um lanço de escadas dava acesso a uma porta guardada por duas sentinelas de casaca azul, embora quando o jovem cavaleiro se apresentou, lhe tivessem dito que regressasse à entrada pelo jardim da Pennsylvania Avenue. Voltou por onde tinha ido e descobriu um acesso que atravessava dois renques de árvores escurecidas pela noite até um pórtico imponente de seis colunas impressionantes que protegiam e se agigantavam sobre uma porta diminuta guardada por um quarteto de soldados de infantaria de casacas-azuis. Candeeiros a gás sibilavam por baixo do pórtico, iluminando uma carruagem que aguardava pelo proprietário.

Um relógio bateu as nove horas quando o cavaleiro entrou para o átrio onde mais um guarda lhe perguntou o nome.

— Faulconer — respondeu o jovem. — Capitão Adam Faulconer. — O guarda consultou uma lista, fez uma marca ao lado do nome de Adam, e depois disse-lhe para deixar o sabre na sua bainha num bengaleiro e subir um lanço de escadas, virar à esquerda no cimo e seguir até ao fundo do corredor, onde encontraria uma porta assinalada com o nome do homem que o convocara. O guarda debitou as indicações e devolveu a atenção ao exemplar do *The Evening Star*, que anunciava a renomeação do major-general George McClellan como comandante do exército nortista.

Adam Faulconer subiu as escadas e percorreu o corredor comprido e

sombrio. O edifício onde se encontrava era o Departamento de Guerra, o centro do esforço militar do Norte, mas havia pouca sensação de urgência nas passagens escurecidas onde os passos de Adam ressoavam como os passos de um homem a atravessar um sepulcro deserto. A maior parte das bandeiras acima das portas dos gabinetes estavam escurecidas, embora no extremo do corredor se visse uma luz, e ao brilho débil Adam viu o nome “Cor. Thorne” pintado com letras brancas num dos painéis negros da porta. Bateu e foi mandado entrar.

Deu consigo numa sala surpreendentemente grande, com duas janelas altas fechadas para impedir a entrada da chuva e das traças que embatiam nas vidraças. As paredes da sala estavam cobertas de mapas e, junto a uma janela, encontrava-se uma secretária grande, enquanto duas mesas mais pequenas preenchiam o resto do espaço. Todos os tampoos estavam cobertos com papéis que tinham escorregado para as cadeiras e para o soalho de madeira. Dois candeeiros a gás de ferro fundido sibilavam por baixo do teto alto, e um relógio de pé alto debitava o seu tiquetaque cavo entre as janelas. O único ocupante da sala era um homem alto fardado de costas hirtas que fitava o punhado de janelas iluminadas que se viam na Casa Branca, do outro lado das árvores.

— Falconer, não é verdade? — perguntou o homem sem se virar da janela.

— Sim, senhor.

— Chamo-me Thorne. Lyman Thorne. Coronel Lyman Thorne. — Thorne era dono de uma voz rouca, quase zangada, muito grave, e quando de repente se virou para Adam, revelou um rosto que combinava na perfeição com a voz, pois Thorne era um homem magro de barba branca, com olhos duros e rugas fundas nas faces tisonadas pelo sol. A sua característica mais destacada era o cabelo branco, o qual era comprido, grosso e desgredado a ponto de fazer Thorne parecer uma versão barbada de Andrew Jackson. O coronel tinha uma pose hirta e orgulhosa, embora, quando se deslocasse, desse primazia à perna direita, o que sugeria que a outra talvez tivesse sido ferida. Olhou para Adam por um instante e depois devolveu a atenção à janela. — Há dois dias que se celebra em Washington — resmungou.

— Sim, meu coronel.

— O McClellan está de volta! O John Pope foi dispensado, o Jovem Napoleão está outra vez à frente do exército e Washington rejubila. — Thorne cuspiu para um escarrador de latão e depois fitou Adam. — Está satisfeito com esta nomeação, jovem Falconer?

Adam foi apanhado de surpresa com a questão.

— Não pensei nisso, meu coronel — acabou por admitir a medo.

— Eu não estou satisfeito, jovem Faulconer. Por Deus, não estou. Entregámos cem mil homens ao McClellan, enviámo-lo para a península da Virgínia e ordenámos-lhe que tomasse Richmond. E o que é que ele fez? Deu ouvidos aos seus receios. Acobardou-se, foi o que ele fez, acobardou-se! Tremeu de medo, enquanto os rebeldes juntavam um punhado de soldados maltrapilhos para o escorraçar de volta ao mar. Mas agora, esse cobarde voltou a ser o nosso comandante supremo, e sabe porquê, jovem Faulconer? — A pergunta, à semelhança das restantes palavras de Thorne, foi dirigida à vidraça e não a Adam.

— Não, meu coronel — respondeu Adam.

— Porque não há mais ninguém. Porque em toda esta grande república, não somos capazes de encontrar melhor general do que o diminuto George McClellan. Nem um! — Thorne voltou a cuspir para o escarrador. — Admito que sabe formar tropas, mas não sabe combater. Não sabe liderar. Aquele homem é uma fraude! — Thorne rosnou a última palavra. Depois virou-se de repente e voltou a olhar para Adam furiosamente. — Algures na república existe um homem que será capaz de derrotar o Robert Lee, mas, por minha fé, ainda não o encontrámos. Mas vamos encontrar, Faulconer, vamos encontrar, e quando o encontrarmos, vamos reduzir essa suposta Confederação a sangue e osso. Sangue e osso. Mas até encontrarmos esse homem, o nosso dever é mimar o Jovem Napoleão. Temos de o apaparicar, temos de lhe dizer para não ter medo de fantasmas e para não imaginar inimigos onde eles não existem. Resumindo, temos de o desmamar do Pinkerton. Conhece o Pinkerton?

— Conheço-o, sim, meu coronel.

— Quanto menos conhecer, melhor — resmungou Thorne. — O Pinkerton nem sequer é soldado! Mas o McClellan responde por ele e enquanto falamos, o Pinkerton está outra vez a receber o comando do serviço de espionagem do exército. Teve o mesmo cargo na península e o que é que ele fez? Fez aparecer soldados rebeldes do nada. Disse ao Jovem Napoleão que havia centenas de milhares de soldados onde só havia um bando de rebeldes esfomeados. O Pinkerton vai voltar a fazer o mesmo, Faulconer, ouça bem o que lhe digo. Daqui a uma semana vamos ser informados de que o Lee dispõe de duzentos mil homens e que o pequeno McClellan não se atreve a atacar com medo de ser derrotado. Voltaremos a acobardar-nos, voltaremos a tremer, e enquanto mijamos as nossas calças coletivas, o Robert Lee vai atacar. Admira-se que a Europa se ria de nós?

— E riem-se, meu coronel? — Confuso com a tirada, Adam fez a pergunta num tom débil.

— Ah, pois riem, Faulconer, pois riem. O orgulho americano está a ser posto em causa por uma rebelião que parecemos incapazes de derro-

tar e a Europa regozija-se com isso. Eles fingem que não é assim, mas se o Robert Lee destruir o McClellan, receio que venhamos a ter tropas europeias no Sul. Os Franceses adorariam juntar-se, mas não se vão meter até que a Grã-Bretanha se decida, e a Inglaterra só aparece quando perceberem qual o lado que está a vencer. Razão pela qual o Lee nos vai atacar, Faulconer. Olhe! — Thorne acercou-se de um mapa da costa oriental que estava pendurado atrás da secretária. — Fizemos três tentativas para capturar Richmond. Três! E todas foram goradas. Neste momento, o Lee detém o controlo de todo o Norte da Virgínia, por isso, o que o impede de subir ainda mais? Para aqui, Faulconer, para o Maryland, e talvez ainda mais para norte, até à Pensilvânia. — O coronel indicou as ameaças passando com a mão pelo mapa. — Vai roubar-nos as colheitas para dar aos esfomeados dos homens dele e vai derrotar o pequeno McClellan, provando assim aos europeus que nem sequer somos capazes de defender o nosso território. Na próxima primavera, Faulconer, poderemos ter cem mil soldados europeus a marchar ao lado da Confederação, e o que faremos então? Vamos negociar a paz, é claro. Assim, a república de Washington e de Jefferson terá durado uns meros oitenta anos, e a América do Norte, Faulconer, ficará fatalmente enfraquecida durante as próximas oito décadas. — Thorne apoiou-se na secretária e fitou Adam. — Não podemos deixar que o Lee vença, Faulconer. Não podemos — declarou o coronel num tom grave, quase como se encarregasse Adam pessoalmente de salvar a república.

— Não, meu coronel — replicou Adam, sabendo que se tratava de uma resposta fraca, mas estava a sentir-se assoberbado pela força da personalidade de Lyman Thorne. O suor escorria pelo rosto de Adam. A noite estava opressiva e a chuva não reduzira de todo a humidade, com a chama dos candeeiros a contribuir para o calor sufocante na sala.

O coronel apontou uma cadeira a Adam, depois sentou-se e acendeu um charuto numa chama de gás que ardia num candeeiro de mesa, ligado a um comprido tubo de borracha que serpenteava desde o candeeiro de parede mais próximo. Quando acendeu o charuto, afastou a chama e os papéis, e depois recostou-se e esfregou o rosto, como se de repente tivesse ficado exausto.

— Você é um entreguista, não é? — indagou o coronel.

— Sim, meu coronel — admitiu Adam. Um entreguista era um sulista que lutava pelo Norte, sendo o oposto de um cabeça-de-cobre.

— E há três meses — prosseguiu Thorne — era um rebelde no estado-maior do Johnston, não é verdade?

— Sim, meu coronel.

— E na altura, Faulconer, o nosso Jovem Napoleão marchava contra Richmond. Não, é o termo errado. Ele arrastava-se a caminho de Rich-

mond, enquanto o detetive Pinkerton — Thorne serviu-se do tom para trocar da descrição — convencia o pequeno George de que os rebeldes dispunham de duzentos mil homens. Você enviou informações que teriam corrigido esses dados errôneos, mas a notícia nunca cá chegou. Um desgraçado do outro lado trocou o seu despacho por outro forjado e foi assim que Richmond sobreviveu. Quase detive o desgraçado, Faulconer, até parti uma perna a tentar fazê-lo, mas fracassei. — Fez um esgar e depois sugou o charuto. O fumo pairou no ar da sala como se tivesse sido disparada uma espingarda. — Na altura, Faulconer — continuou Thorne —, eu estava a trabalhar para o Departamento do Inspetor-Geral. Cumpria ordens que mais ninguém queria. Agora estou com maior patente, mas continuo tão popular no seio do exército como quando lhes inspecionava as latrinas e punha em causa a necessidade de tantos burocratas. Mas agora, Faulconer, detenho um certo poder. Não é meu, mas pertence ao meu chefe, que vive naquela casa além. — Acenou com o charuto na direção da Casa Branca. — Está a perceber onde quero chegar?

— Creio que sim, meu coronel.

— O presidente, Faulconer, acredita, tal como eu, que este exército, em grande medida, está a ser comandado por cretinos. É claro que o exército, por seu lado, acredita que o país está a ser liderado por tolos, e talvez ambos tenham razão, mas por agora, Faulconer, aposto nos tolos e não nos cretinos. Para todos os efeitos, não passo de um mero oficial de ligação entre os tolos e os cretinos, mas na verdade, Faulconer, sou o representante do presidente no exército. O meu dever é impedir que os cretinos façam coisas ainda mais cretinas do que o habitual. Quero a sua ajuda.

Adam não disse nada, não por se sentir relutante em ajudar, mas por ter ficado espantado com Thorne e as suas palavras. Também se sentiu encorajado com elas. Apesar de todo o seu poder, o Norte parecia debater-se, impotente, contra a energia da rebelião, algo que não fazia qualquer sentido a Adam, mas agora, finalmente, ali estava um homem com o vigor para se equiparar à postura do inimigo.

— O Faulconer sabia que o seu pai se tornou secretário-adjunto da guerra pela Confederação? — perguntou Thorne.

— Não, meu coronel, não sabia.

— Pois assim é. Talvez a seu tempo isso possa ser útil, mas não por enquanto. — Thorne puxou uma folha de papel para si e ao fazê-lo derrubou outro monte que ficou junto da chama do gás. Uma ponta de papel incendiou-se e Thorne apagou o pequeno fogo com o ar de um homem que passa a vida a extinguir tais incêndios acidentais. — Deixou a Confederação há três meses e juntou-se à cavalaria de Galloway? — indagou, adiantando os pormenores a partir da folha que seleccionara.

— Sim, meu coronel.

— Era um bom homem, o Galloway. Tinha boas ideias, razão pela qual, logicamente, este exército o privou de homens e de recursos. Mas mesmo assim foi uma ideia tola do Galloway juntar-se aos combates. Deviam ser batedores e não tropas de choque. O Galloway morreu, não é verdade?

— Receio que sim, meu coronel.

— E o segundo comandante dele está desaparecido, talvez morto, talvez capturado. Como é que ele se chamava?

— Blythe, meu coronel — elucidou Adam, rancoroso. Nunca gostara de Billy Blythe, e ainda menos confiara.

— Portanto, pelo que me é dado a ver, a cavalaria de Galloway morreu — declarou Thorne. — Aí não terá emprego, Faulconer. É casado?

A questão repentina surpreendeu Adam, que abanou a cabeça.

— Não, meu coronel.

— E faz muito bem. Casar muito cedo é um erro. — Thorne ficou em silêncio por um instante. — Vou promovê-lo a major — disse, repentinamente, após o que silenciou o agradecimento embaraçado de Adam com um gesto da mão. — Não o estou a promover porque merece, não sei se é esse o caso, mas sim porque se trabalhar comigo, vai ser constantemente incomodado por oficiais do estado-maior idiotas, e quanto mais alta a sua patente, menos irritante será o incômodo.

— Sim, meu coronel — replicou Adam.

Thorne deu um bafo no charuto e fitou Adam. Gostava do que via. O major Adam Faulconer era um jovem louro barbado com um rosto anguloso e sincero. Thorne sabia que se tratava de um unionista instintivo e de um indivíduo honesto, mas talvez, ponderou o coronel, essas qualidades não fossem as adequadas para aquele trabalho. Talvez precisasse de um rebelde, mas a escolha não estivera nas mãos de Thorne.

— Portanto, o que vai o Faulconer fazer? Eu digo-lhe. — Voltou a levantar-se e começou a andar atrás da secretária. — Temos centenas de simpatizantes atrás das linhas inimigas e a maior parte não vale um chavo. Veem um regimento rebelde a marchar e ficam tão assoberbados com o comprimento da coluna que relatam dez mil homens onde, na verdade, só viram um milhar. Envia mensagens e o detetive Pinkerton multiplica esse valor por três, o pequeno George treme nas botas e implora ao Halleck que lhe envie mais uma corporação, e é assim, Faulconer, que temos vindo a lidar com a guerra.

— Sim, meu coronel — disse Adam.

Thorne abriu uma janela para deixar que algum do fumo do charuto saísse da divisão. O fedor a esgoto da cidade entrou a par de um enxame de

traças que voaram a suicidar-se nas chamas azuis e amarelas dos candeeiros a gás. Thorne voltou a olhar para Adam.

— Mas tenho alguns agentes pessoais, e um deles é particularmente útil. É um preguiçoso e duvido que a sua fidelidade ao Norte vá além de um calculismo cínico quanto ao resultado da guerra, mas dispõe da possibilidade de nos revelar a estratégia rebelde, tudo! Quantos? Onde? Porquê? O mesmo tipo de informação que nos tentou revelar acerca da península. Mas ele também é tímido. O patriotismo dele não é forte a ponto de se dispor a ter uma corda à volta do pescoço numa força rebelde, e por isso mesmo trata-se de um indivíduo cauteloso. Envia-nos despachos, mas só da maneira que ele próprio concebe. Não vai arriscar a pele a tentar atravessar as linhas, mas disse que eu poderia fornecer-lhe um correio disposto a correr esse risco. Claro que insistiu que teria de ser alguém em que pudesse confiar. — Thorne fez uma pausa para dar um bafo no charuto, que depois apontou a Adam. — Ele disse o seu nome.

Adam não respondeu. Tentava pensar em alguém que correspondesse à descrição de Thorne, alguém que obviamente conhecesse bem na sua Virgínia natal, mas não foi capaz de precisar um nome ou um rosto nas suas recordações confusas. Durante alguns segundos chegou a ponderar que fosse o pai, mas depois ignorou essa ideia. O pai nunca trairia a Virgínia como Adam fizera.

— Posso perguntar-lhe... — começou Adam a dizer.

— Não — atalhou Thorne. — Não lhe vou dizer o nome dele. Não precisa de saber o nome. Se lhe chegar uma mensagem, talvez perceba de quem se trata, mas, por agora, a identidade dele não o vai ajudar. Sinceramente, Faulconer, não sei o que o poderá ajudar. Só sei que um homem fraco da Confederação me disse que lhe vai encaminhar os despachos, mas tudo o resto é um mistério. — Thorne abriu os braços, dando a entender a sua insatisfação com as disposições atabalhoadas que descrevia. — Não sei como este meu homem o vai contactar. Não faço ideia como pode chegar a ele. Ele não vai correr riscos, pelo que terá de ser o Faulconer a corrê-los. Só lhe posso dizer o seguinte. Há pouco mais de uma semana enviei uma mensagem a esse elemento, exigindo-lhe que encontrasse uma desculpa, qualquer que fosse, para se associar ao quartel-general do Lee e não vejo motivo para imaginar que ele vá desobedecer. Não vai gostar da ideia, mas fará o que lhe peço. Ele vai ficar perto do quartel-general do Lee e o Faulconer vai ficar perto do de McClellan. O nosso pequeno George vai achá-lo um incómodo, mas terá documentos a dizer que trabalha para o inspetor-geral e que está a elaborar um relatório sobre a eficácia do sistema de sinalética do exército. Se o pequeno George o tentar atrapalhar, diga-me e eu salvo-o. — Thorne hesitou por um momento, de súbito consciente do risco

do que tentava fazer. Contara a verdade a Adam, mas não lhe revelara como tudo aquilo era periclitante. O agente em Richmond adiantara o nome de Adam havia semanas, não para que fosse ligado ao esquema, mas apenas como mensageiro em que se poderia confiar. Agora, desesperado, Thorne recrutava Adam, na esperança de que, de alguma forma, aquele agente sulista relutante fosse capaz de descobrir a estratégia de Lee e transmiti-la a Adam. As hipóteses de sucesso eram remotas, mas algo teria de ser feito para neutralizar as informações derrotistas de Pinkerton e para afastar a terrível perspectiva de uma vitória sulista que atrairia os malditos europeus para dançar sobre a carcaça da América.

— Tem um bom cavalo? — perguntou Thorne a Adam.

— Muito bom, meu coronel.

— Vai precisar de dinheiro. Tome. — Tirou um saco de moedas da gaveta da secretária. — Ouro dos Estados Unidos, Faulconer, quanto baste para subornar rebeldes e talvez para o livrar de sarilhos. Imagino, e trata-se apenas de um palpite, que o meu homem lhe vai enviar uma mensagem a dizer onde deixará os despachos. Esse lugar será atrás das linhas inimigas, Faulconer, pelo que vai precisar de um bom cavalo e da capacidade de subornar qualquer escumalha rebelde que lhe levante problemas. Amanhã de manhã vai ao quartel em Analostin Island encontrar-se com um capitão Bidwell. Ele explica-lhe tudo o que precisa de saber acerca do sistema de sinalética, para que possa falar com conhecimento de causa sobre telégrafos e bandeiras com o pequeno George. Depois disso, vai seguir o pequeno George e esperar por uma mensagem. Leve o ouro consigo. É tudo.

Adam, tão subitamente dispensado, hesitou. Tinha muitas perguntas, mas a brusquidão de Thorne desencorajou-o de as apresentar. O coronel destapara o tinteiro e começara a escrever, pelo que Adam se aproximou da secretária e pegou no saco pesado. Só quando chegou ao átrio no piso térreo e estava a prender o cinturão da espada é que lhe ocorreu que Thorne não lhe perguntara se estava disposto a arriscar a vida atrás das linhas rebeldes.

Claro que talvez Thorne já soubesse a resposta. Adam era um patriota, e, pelo país que amava profundamente, valia a pena correr qualquer risco, pelo que, a pedido de um espião, avançaria para a traição e rezaria pela vitória.

Starbuck levou o brandy para o gabinete, trancou a porta e deitou-se com o *Adams* carregado a seu lado. Ouviu Holborrow regressar e mais tarde ouviu os quatro capitães subirem para as respetivas camas, e eventualmente, depois disso, adormeceu, mas receava a vingança do capitão Dennison,

pelo que o sono foi irregular, embora estivesse a sonhar quando os clarins do Quartel Lee o acordaram, sobressaltado, com o despertar barulhento. A garrafa de brandy por beber recordou-o do confronto da véspera e teve o cuidado de prender o revólver à cintura antes de percorrer a casa até ao pátio traseiro, onde encheu um balde de água. Um Lúcifer com ar de amotinado fitou-o, zangado, da porta da cozinha.

— Vamos embora daqui a uma hora, mais ou menos — disse-lhe Starbuck. — Vamos regressar à cidade.

— Louvado seja Deus.

— Traz-me café com a água de barbear, sim? E pão?

De volta ao antigo gabinete de Maitland, Starbuck vasculhou os papéis, em busca de mais informações acerca do batalhão. Decidiu que seria naquele dia que iria revelar a sua verdadeira identidade, mas só quando usasse os conhecimentos adquiridos por alguma vantagem, e para isso precisava de moeda de um negociador. Precisava do advogado, Belvedere Delaney, pelo que passou as primeiras horas da manhã a escrever uma longa carta a Delaney. A missiva permitiu-lhe ordenar as ideias. Decidiu que mandaria Lúcifer entregar a carta, após o que esperaria no apartamento de Sally. A carta demorou quase uma hora a ser escrita, mas finalmente ficou pronta e gritou por Lúcifer. Já passava bastante da alvorada, mas não se ouvia mais ninguém na grande casa. Ao que parecia, nem Holborrow nem os quatro capitães do batalhão se levantavam cedo.

A porta abriu-se atrás de Starbuck.

— Podemos ir — disse, sem se virar.

— O senhor desculpe? — respondeu uma voz tímida.

Starbuck deu meia-volta. Não era Lúcifer que se encontrava à porta, mas sim um pequeno rosto ansioso enquadrado por cabelo castanho que pendia nos seus bonitos caracóis. Starbuck fitou a rapariga, que retribuiu o olhar com algo que lembrava terror.

— Disseram-me... — começou, após o que se calou.

— Sim? — incitou Starbuck.

— Disseram-me que o tenente Potter estaria aqui. Foi um sargento que me disse. — A jovem voltou a silenciar-se. Starbuck ouviu Holborrow a gritar escadas abaixo para que o seu escravo lhe levasse água quente para se barbear.

— Entre — convidou Starbuck. — Por favor, entre. Quer dar-me o casaco?

— Não quero incomodar — disse a rapariga —, a sério.

— Dê-me o seu casaco. Sente-se, por favor. Pode ser nessa cadeira. Posso saber o seu nome, minha senhora? — Starbuck quase a tratara por menina, mas depois viu a aliança relas a cintilar-lhe na mão esquerda.

— Sou Martha Potter — disse, muito baixinho. — Não quero incomodar, a sério.

— Não está a incomodar, a sério — garantiu Starbuck. Assim que os tímidos caracóis castanhos tinham surgido à porta, imaginara que se tratasse da verdadeira senhora Potter e receava que o verdadeiro tenente Potter não estivesse muito longe. Isso talvez fosse um incómodo, pois Starbuck pretendia revelar a sua verdadeira identidade à sua maneira, sem que a isso fosse obrigado pela força das circunstâncias, mas ocultou a consternação enquanto Martha se sentava timidamente na beira de uma cadeira. Usava um vestido feito em casa que fora virado do avesso, pelo que a combinação passara a ser a saia, para evitar que o tecido se desgastasse. O vestido castanho-claro estava muito bem cosido, enquanto o xaile, embora puído, parecia imaculadamente limpo. — Estávamos à sua espera — informou Starbuck.

— Estavam? — Martha parecia surpreendida, como se nunca ninguém lhe tivesse feito tal elogio como esperá-la. — É que... — começou, e depois calou-se.

— Sim? — tentou Starbuck encorajá-la.

— Ele está aqui? — perguntou ela, com ansiedade. — O meu marido?

— Não, minha senhora, não está — respondeu Starbuck e Martha começou a chorar. As lágrimas não eram espalhafatosas, nem sonoras, apenas lágrimas silenciosas e impotentes, que deixaram Starbuck embaraçado. Procurou um lenço no bolso, não encontrou nenhum, e não viu nada no gabinete que servisse para secar lágrimas. — Aceita um pouco de café, minha senhora? — ofereceu.

— Não quero incomodar — disse a jovem, por entre os soluços discretos, que tentou abafar com a extremidade com borlas do xaile.

Lúcifer apareceu, pronto para sair para Richmond. Starbuck fez-lhe sinal para que deixasse o gabinete.

— E traz-nos uma cafeteira de café, Lúcifer — disse ainda ao rapaz.

— Sim, tenente Potter — disse Lúcifer do átrio.

A cabeça da jovem levantou-se.

— Ele... — começou a dizer, e depois parou. — Eu... — Voltou a tentar e depois reprimiu mais lágrimas.

— Minha senhora. — Starbuck sentou-se à frente dela e chegou-se à jovem. — Sabe onde está o seu marido?

— Não — choramingou ela. — Não!

Starbuck lá conseguiu arrancar a história à jovem em pranto. Lúcifer chegou com o café e depois acocorou-se a um canto do gabinete, sendo a sua presença um lembrete constante da promessa feita por Starbuck de que iriam deixar aquele lugar horrível. Martha limpou as lágrimas e contou a

triste narrativa de como fora criada em Hamburg, Tennessee, uma pequena aldeia fluvial poucos quilómetros a norte da fronteira com o Mississípi.

— Sou órfã — disse a Starbuck —, e fui criada pela minha avó, mas ela adoeceu no inverno passado e morreu por volta do Natal. — Depois disso, contou Martha, fora trabalhar com uma família em Corinth, no Mississípi. — Mas nunca fui feliz. Eles tratavam-se mal, muito mal. O chefe da família, ele... — A voz sumiu-se-lhe.

— Imagino — garantiu Starbuck.

A jovem fungou e depois contou como, em maio, as forças rebeldes tinham regressado à povoação e ela conhecera Matthew Potter.

— Ele falava tão bem, sabe, tão bem — adiantou, e o casamento com Potter parecera um sonho tornado realidade, bem como uma forma de escapar ao terrível empregador, e, assim, dias depois de o ter conhecido, Martha encontrou-se na saleta da casa de um ministro batista, onde se casara com o seu soldado.

Descobriu então que o novo marido era um bêbado.

— Nesses primeiros dias ele não bebeu, sabe, mas isso foi porque tinham fechado o álcool todo. Depois, ele encontrou algum e nem sequer pensou duas vezes. Não que tenha mau beber, sabe, como alguns homens. Quer dizer, ele nunca bate em ninguém quando está bêbado, mas nunca está sóbrio. O coronel Hardcastle expulsou-o do regimento por embriaguez, e não o censuro por isso, mas o Matthew é um bom homem, a sério.

— Mas onde é que ele está, minha senhora? — perguntou Starbuck.

— O problema é esse. Não sei. — Recomeçou a soluçar, mas conseguiu explicar que depois de ter sido dispensado do 3º Batalhão de Infantaria do Mississípi, Potter usara as poucas poupanças de Martha para regressarem à Geórgia, onde o pai dele se recusara a receber tanto o filho como a sua nova esposa. — Ficámos algum tempo em Atlanta, sabe, mas depois o pai dele disse para irmos aqui e para falarmos com o coronel Holborrow. Enviou-nos o dinheiro para aqui chegar, sabe, o que me pareceu uma atitude muito cristã de parte dele. Depois, o Matthew e eu chegámos aqui há três dias e nunca mais o vi.

— Quer dizer que ele está bêbado em Richmond? — aventou Starbuck.

— Acho que sim.

— Mas onde é que tem estado hospedada? — quis saber Starbuck.

— Na casa de uma senhora Miller, sabe, em Charity Street, mas a senhora Miller diz que os quartos dela não são para caridade, se é que me entende, e que se não lhe pagarmos a renda esta manhã, ela me expulsa, sabe, por isso cá vim. Mas não quero incomodar. — Pareceu mais uma vez à beira das lágrimas, mas em vez disso franziu o cenho a Starbuck. — O senhor não é o coronel Holborrow, pois não?

— Não, não sou, minha senhora. — Starbuck fez uma pausa e depois ofereceu a Martha o que esperava ser um sorriso reconfortante. Gostava dela, em parte por aparentar ser tão frágil e tímida, e em parte, admitiu para consigo, por haver uma beleza atraente por baixo da máscara de miséria. Imaginava que também houvesse uma certa obstinação necessária para sobreviver a um casamento com Matthew Potter. — Sou seu amigo — disse-lhe. — Acredite. Tenho fingido que sou o seu marido e tenho feito o trabalho dele para que não se metesse em problemas. Será que consegue compreender isso? Mas agora temos de tentar encontrá-lo.

— Aleluia — murmurou Lúcifer.

— O senhor tem estado a fazer o trabalho dele? — indagou Martha, incrédula por alguém demonstrar tal gentileza para com o seu marido inútil.

— Sim — garantiu Starbuck. — E agora vamos sair daqui e encontrar o seu Matthew. E se alguém falar connosco, minha senhora, peço-lhe que mantenha o silêncio. Promete-me que faz isso por mim?

— Sim, senhor.

— Então vamos, sim? — Starbuck devolveu o casaco fino a Martha, pegou nos pepéis, fez uma pausa para garantir que não estava ninguém no exterior e depois levou Lúcifer e Martha pelo vestíbulo até à varanda. O dia prometia ser quente e soalheiro. Starbuck apressou-se a chegar às barracas mais próximas, esperando fugir dali sem ser visto, mas depois uma voz gritou-lhe da casa.

— Potter!

Martha exclamou qualquer coisa e Starbuck teve de a recordar da promessa de ficar em silêncio.

— E fiquem os dois aqui — adiantou. Depois virou-se e regressou à casa.

Fora o capitão Dennison que o chamara e que agora descia os degraus da varanda. O capitão parecia ter acabado de se levantar, pois estava em mangas de camisa e puxava os suspensórios vermelhos sobre os ombros enquanto se dirigia apressadamente a Starbuck.

— Quero-o, Potter — bradou.

— Parece que me encontrou — replicou Starbuck, confrontando o oficial furioso.

— E trate-me por “meu capitão”. — Dennison estava agora muito perto de Starbuck e o cheiro do unguento que o capitão espalhara sobre o rosto doente era quase impossível. Era um cheiro bizarramente acre, não era que-rosene, e de repente Starbuck identificou-o, trazendo consigo uma onda de náuseas pelas recordações do tempo passado na prisão de Richmond. — Trate-me por “meu capitão”! — repetiu Dennison, batendo com força com o dedo no peito de Starbuck.

— Sim, meu capitão.
Dennison fez um esgar.
— Ontem à noite ameaçou-me, Potter.
— A sério, meu capitão?
— Sabe muito bem que sim. Por isso, ou entra já na casa e pede desculpas à frente dos outros oficiais, Potter, ou então enfrenta as consequências. Starbuck fingiu ponderar as alternativas e depois encolheu os ombros.
— Acho que me vou ficar pelas consequências, capitão, meu capitão.
Dennison exibiu um sorriso lúgubre.
— É um tolo, Potter, um tolo desgraçado. Conhece Bloody Run?
— Eu encontro-o, meu capitão.
— Encontre-o às seis da tarde, Potter, e se tiver problemas, pergunte a alguém onde fica o campo de duelos de Richmond. Ficam junto ao Bloody Run, perto de Chimborazo Hill, no outro lado da cidade. Às seis. Traga um padrinho, se conseguir encontrar alguém idiota a ponto de o apoiar. O coronel Holborrow será o meu padrinho. E mais uma coisa, Potter.
— Meu capitão?
— Tente aparecer sóbrio. Não me apetece matar um bêbado.
— Às seis, meu capitão, sóbrio — repetiu Starbuck. — Mal posso esperar, meu capitão. Uma coisa, meu capitão?
Dennison virou-se.
— Sim? — perguntou, desconfiado.
— Foi o meu capitão que me desafiou, por isso sou eu que escolho as armas. Não é assim que se fazem as coisas?
— Então escolha — declarou Dennison, incauto.
— Espadas — disse Starbuck de imediato, com confiança suficiente para levar Dennison a pestanejar com a surpresa. — Espadas, capitão! — repetiu tranquilamente enquanto se virava e afastava. O cheiro do remédio traíra o segredo de Dennison e, de repente, Starbuck estava ansioso pelo final do dia.

O coronel Swynyard estava parado junto ao rio e agradecia a Deus ter sido poupado para testemunhar o momento. Uma leve brisa criava ondas na água que se espalhavam numa miríade de centelhas luminosas, reflexo do Sol que brilhava no céu limpo de verão. Estavam pelo menos três bandas a tocar e naquele local, naquele dia, havia apenas uma melodia que tocariam sempre, apesar de o coronel pensar que era uma pena que não a tocassem em uníssono e, em vez disso, alegremente competissem enquanto celebravam a importante ocasião. A mão esquerda mutilada de Swynyard batia contra a bainha da espada, acompanhando o ritmo da banda mais próxima; então, quase sem dar por isso, começou a cantar.

— Querida mãe — cantou suavemente o coronel —, rebenta a corrente do tirano. Maryland! A Virgínia não devia chamar-nos sem razão, Maryland! — A voz tornou-se mais forte à medida que a emoção do momento o preenchia. — Encontra a irmã na planície; *Sic temper!* É o refrão orgulhoso que sempre confunde os vendidos, Maryland, minha Maryland!

Ouviu-se os aplausos da companhia mais próxima da Legião Faulconer e Swynyard, sem dar conta de que levantara a voz o suficiente para ser ouvido, enrubescceu ao virar-se e aperceber-se do aplauso irónico. Houvera uma altura, ainda há pouco tempo, em que aqueles homens amaldiçoavam o simples vislumbre de Griffin Swynyard, mas tinham sido vencidos pela graça de Cristo, ou melhor, pela influência dessa graça no interior de Swynyard, e agora o coronel sabia que os homens gostavam dele e, por essa

bênção, podia ter chorado naquele dia, se não estivesse já a chorar de pura alegria naquele momento.

Pois o exército sulista de Robert Lee, que lutara sem parar contra os homens do Norte que haviam invadido o seu país, estava a atravessar o Potomac.

Iam para norte.

A Confederação levava a guerra aos Estados Unidos da América. Já há um ano que os ianques tinham marchado para território sulista, roubado quintas aos habitantes do Sul e gabado de ter saqueado a capital do Sul, porém, agora os invadidos tornavam-se os invasores e uma longa linha escura de homens atravessava o vau sob as bandeiras de batalha do Sul.

— Ouço o zunido distante que troveja — cantou Swynyard, e desta vez a Legião cantou com ele, com as vozes a agigantarem-se além do rio numa maravilhosa harmonia. — Maryland! A corneta da linha antiga, o tambor árido com a companhia da flauta, Maryland! Não está morta, nem surda, nem muda; hurra! Ela desdenha a escumalha do Norte! Respira, vagueia, virá, virá! Maryland, a minha Maryland!

— Mas que bela voz, Swynyard, bela voz! — Quem falou foi o coronel Ned Maitland, o novo comandante da Legião, que esporeou o cavalo até junto de Swynyard.

Swynyard estava a pé, pois o seu cavalo, o único luxo que possuía, estava a descansar. Um homem como Maitland podia precisar de três montadas e quatro mulas de carga carregadas com os seus pertences para assegurar o conforto durante a campanha, mas Swynyard tinha renunciado a todas essas trivialidades. Tinha um cavalo porque um comandante de brigada não podia fazer o seu trabalho sem montada, e herdara uma tenda e um criado de Thaddeus Bird, mas a tenda pertencia ao exército e o criado, um soldado meio idiota chamado Hiram Ketley, regressaria ao serviço de Bird assim que este recuperasse do ferimento infligido em Cedar Mountain.

— O que vai fazer, Maitland, quando o Bird voltar? — perguntou Swynyard, provocando o autocomplacente Maitland, que cavalgava para a guerra com duas tendas, quatro escravos, uma banheira de campanha e um conjunto de talheres de prata com os quais comia os legumes aos pedaços.

— O que me dizem é que ele não volta — respondeu Maitland.

— Eu ouvi dizer que voltava. A esposa dele escreveu ao Starbuck a dizer que ele está a recuperar bem e, quando voltar, terei de lhe devolver a Legião. Ele é que é o comandante certo.

Maitland desvalorizou o problema.

— Vai haver muitas vagas, Swynyard.

— Acha que posso ser morto, não é? Parece-lhe que será o comandante

da brigada? Pelo menos já tem a aparência de comandante, Maitland, isso digo-lhe eu. Quanto é que custou essa farda?

— O suficiente.

Maitland era um homem tranquilo que raramente reagia às provocações de Swynyard, talvez por saber que as suas ligações em Richmond garantiriam uma ascensão discreta até às patentes mais elevadas do exército. O truque dessa ascensão, percebia Maitland, baseava-se apenas no facto de ter experiência de batalha suficiente para a tornar plausível; apenas a suficiente e não em excesso. Tirou um par de binóculos do alforje e com eles observou a costa distante de Maryland, enquanto Swynyard via um esquadrão da cavalaria de Stuart esporar rio adentro. Os soldados baixavam-se e apanhavam água com os bonés, que depois atiravam uns aos outros como crianças na brincadeira. O exército estava com espírito de férias.

— Quem me dera que a Legião ainda tivesse uma banda — comentou Swynyard quando os músicos mais próximos se lançaram em “My Maryland” pela enésima vez. — Tínhamos de facto uma — acrescentou —, mas perdeu-se. Pelo menos os instrumentos perderam-se.

— Imensas coisas da Legião parecem perder-se — atalhou Maitland, aéreo.

— Que raio quer isso dizer? — quis saber Swynyard, tentando disfarçar a sua irritação com a condescendência de Maitland.

Swynyard não estava certo de que Maitland quisesse dar a impressão que estava a dar, mas essa impressão era a de um homem superior que observava e desaprovava tudo o que via.

— Principalmente oficiais — respondeu Maitland. — A maioria dos oficiais parece ter vindo das fileiras nas últimas semanas.

— Estivemos em combate — recordou Swynyard —, o que significa que morreram oficiais. Não ouviu falar disso em Richmond?

— Ouvimos rumores — declarou Maitland com ligeireza, limpando as lentes dos binóculos. — Ainda assim, Swynyard, parece-me que preciso de homens melhores.

— Companheiros que saibam que faca e garfo usar com os biscoitos de campanha? — tentou adivinhar Swynyard.

Maitland deixou o sarcasmo passar.

— Refiro-me a companheiros mais confiantes. A autoconfiança é uma grande fomentadora do moral positivo. Como o jovem Moxey. Que pena ter-se ido embora. — O capitão Moxey fora para Richmond servir como ajudante de Washington Faulconer

— O Moxey era um inútil — afirmou Swynyard. — Se fosse para a batalha, Maitland, não queria ter canas podres como o jovem Moxey, mas homens como o Waggoner e o Truslow.

— Mas dificilmente se podem considerar homens inspiradores — comentou Maitland sarcasticamente.

— A vitória é a melhor inspiração — insistiu Swynyard — e homens como o Truslow dão-nos a vitória.

— Talvez — concedeu Maitland —, mas eu gostaria de ter conseguido aguentar o Moxey. Ou o camarada Tumlin.

Swynyard teve de pensar por um segundo para identificar Tumlin, depois recordou-se do homem do Luisiana que afirmava ter estado preso no Norte desde a queda de Nova Orleães.

— Queria esse? — perguntou, surpreendido.

— Parecia-me uma pessoa decente — respondeu Maitland. — Ansioso por servir.

— Acha que sim? — indagou Swynyard. — Eu penso que ele era um bocado gordo para alguém que passou cinco meses numa prisão ianque, mas talvez os nossos antigos irmãos se possam dar ao luxo de alimentar bem os prisioneiros. E tenho de dizer que achei o jovem Tumlin um bocado loquaz.

— Sim, ele tem muita confiança — concordou Maitland. — Suponho que o enviou de volta para Richmond?

— Winchester — corrigiu Swynyard.

Winchester, no vale do Shenandoah, era a base de abastecimentos da campanha e todos os homens não vinculados eram agora enviados para lá para serem novamente destacados.

— Pelo menos ninguém o vai impingir ao coitado do Nate Starbuck — acrescentou Swynyard.

— Starbuck podia-se considerar sortudo se tal acontecesse — contrapôs Maitland, levantando de novo os binóculos na direção da margem mais afastada do rio. A margem era fortemente arborizada, porém Maitland conseguia ver, além das árvores, os campos de cultivo inimigos estendidos sob o Sol escaldante.

— Se o Starbuck tiver sorte — disse Swynyard —, regressa a esta brigada. Solicitei que o seu batalhão nos fosse entregue, caso venha para o exército. Ninguém mais os vai querer, isso é garantido.

Maitland arrepiou-se só de pensar em ver outra vez os Pernas Amarelas. A sua nomeação para os comandar tinha sido o ponto mais baixo da sua carreira e apenas o mais vigoroso puxar dos cordelinhos o salvara.

— Duvido que os vejamos — declarou ele, sem conseguir disfarçar o alívio que sentia. — Não estão prontos para marchar e não estarão prontos senão daqui a meses. — *Ou nunca*, refletiu, *se as coisas correrem como o coronel Holborrow quer*. — E, seja como for, porque é que os havíamos de querer? — acrescentou.

— Porque somos cristãos, Maitland, e não recusamos nenhum homem.

— Exceto o Tumlin — retorquiu Maitland sarcasticamente. — Parece que estão prontos para nós, Swynyard.

Um mensageiro aproximava-se a galope da brigada. Uma ambulância puxada por cavalos acabara de ficar salpicada enquanto atravessava o vau, acompanhada por uma ovação das tropas mais próximas. Robert Lee estava no interior do veículo, tendo ido lá parar devido a ferimentos nas mãos ao tentar acalmar o seu cavalo assustado. Um comandante ferido, pensou Swynyard, não era um bom presságio, mas afastou o pensamento pagão da mente, à medida que o mensageiro cavalgava até Maitland, convencido de que o elegante coronel era o comandante da brigada.

— Aquele é o camarada que você quer — disse Maitland, indicando Swynyard.

O mensageiro trazia ordens para a brigada de Swynyard atravessar o rio e Swynyard, por sua vez, deu à Legião a honra de liderar a brigada até solo nortista. O coronel passou pela coluna de companhias da Legião.

— Lembrem-se, rapazes — gritou vezes sem conta —, nada de pilhagens! Nada de malandragem! Paguem com letras aquilo que quiserem! Mostrem-lhes que somos um país cristão! Agora avancem!

A Companhia A de Truslow esperou até uma bateria de armas da Carolina do Sul ter iniciado a travessia do vau, depois seguiram pela estrada até à rampa enlameada que conduzia à água. O colorido grupo avançava com a bandeira única da Legião hasteada bem alto pelo jovem tenente Coffman, que tinha grandes dificuldades em manter firme o grande estandarte de batalha contra o vento, enquanto o seu corpo magro era arrastado pela corrente em turbilhão do Potomac, que se elevava acima do seu peito. Empurrava-se convictamente em frente, quase como se todo o resultado da guerra dependesse de conseguir manter o pedaço de seda cheio de franjas fora de água. Muitos dos homens estavam a coxear, não porque estivessem feridos, mas devido às bolhas causadas pelas botas nos pés e, para eles, a água fria do rio era como um bálsamo. Não obstante, alguns homens recusavam-se a atravessar. Swynyard fez uma pausa para falar com meia dúzia destes homens, liderados por um jovem cabo esquelético da Companhia D. O nome do cabo era Burridge, e era um bom soldado e um dos crentes regulares nos encontros para oração do coronel, mas agora, tão respeitoso e casmurro como sempre, Burridge insistia que tinha de desobedecer às ordens de Swynyard.

— A nossa tarefa não é ir para norte, coronel — afirmou, decidido.

— A vossa tarefa é obedecer a uma ordem, Burridge.

— Não se for contra a nossa consciência, coronel, e o senhor sabe-o. E

é legal defendermos as nossas casas, mas não atacar as casas dos outros. Se um ianque vier para o Sul, então terei todo o gosto em matá-lo por si, mas não irei para o Norte massacrar ninguém — declarou Burr ridge, e os camaradas manifestaram o seu apoio.

Swynyard ordenou que eles fossem para onde a polícia militar estava a reunir outros soldados cujas consciências não lhes permitiam levar a guerra para fora do território natal. Entristecia Swynyard perder os seis homens, pois contavam-se entre os melhores da brigada, porém, era um confronto que ele não podia vencer e, por isso, disse-lhes adeus e seguiu a Legião para o rio. Alguns homens mergulharam a cabeça na água para lavar brevemente o cabelo, mas a maioria apressou-se a dirigir-se à margem norte, pisar em solo do Maryland e depois atravessar a ponte sobre o canal Chesapeake e Ohio que ficava logo a seguir ao rio. E assim entraram em território inimigo.

Era um belo sítio com quintas confortáveis, ótimos terrenos arborizados e colinas suaves; em nada diferente da paisagem que tinham deixado para trás, só que estes montes, estas quintas e estes bosques eram pertença de um governo inimigo. Ali esvoaçava uma bandeira diferente e isso dava um sabor acre à paisagem de outro modo sem motivos de destaque. Não que a maioria dos homens dos cinco regimentos da brigada de Swynyard considerasse Maryland como inimigo; em vez disso, acreditavam que era um Estado esclavagista que tinha sido obrigado a manter-se na União por razões geográficas e havia muita esperança de que esta incursão do exército da Confederação conseguisse reunir um conjunto de recrutas para as bandeiras com a cruz sulista dos rebeldes. Porém, independentemente de quão simpatizantes com a rebelião os habitantes do Maryland pudessem ser, continuava a tratar-se de um Estado inimigo e, aqui e ali, algumas quintas tinham hasteadas as estrelas e listras desafiadoras para mostrar que se tratava de território ianque.

Não obstante, as estrelas e as listras eram de longe ultrapassadas pelo número de bandeiras rebeldes, a maior parte delas trapos caseiros com cores esbatidas e desenhos incertos, mas estavam hasteadas para dar as boas-vindas ao exército de Lee, e quando a meio da tarde os homens de Swynyard marcharam através de Buckeystown, foram saudados por uma pequena multidão de pessoas rucas por tanto ovacionarem a chegada dos rebeldes. Ao lado da estrada tinham sido colocadas canecas de água ou limonada e mulheres levavam tabuleiros com bolachas ao longo das colunas cansadas. É verdade que uma ou duas das casas de Buckeystown estavam bem encerradas, mas a maioria da cidade recebia a invasão de braços abertos. Uma banda texana tocava a inevitável “My Maryland” à passagem da coluna, com a melodia a ficar cada vez mais entrecortada e a harmonia

mais cacofónica à medida que os habitantes iam dando aos músicos sidra, cerveja e uísque.

A brigada continuou a sua difícil caminhada, as botas estragadas a levantarem uma nuvem de pó branco que voluteava para ocidente ao sabor da brisa. Certa vez, a um quilómetro e meio de Buckeystown, um ribombar súbito de armas ouviu-se à distância para leste e alguns dos homens tocaram na coronha das espingardas gastas como se se preparassem para a batalha, mas não se ouviram mais tiros. A paisagem campestre estendia-se quente até perder de vista, generosa e calma sob o céu estival. Deus estava no Céu, tudo parecia bem no mundo e o exército rebelde de Lee andava à solta no Norte.

Starbuck caminhou até Richmond, onde deixou Lúcifer, a sua parca bagagem e a carta para Belvedere Delaney na casa de Sally, depois levou Martha Potter a conhecer todos os cantos de Richmond onde se podia beber. O álcool estava oficialmente banido da cidade, mas o governo até teria sido mais bem-sucedido a proibir a respiração, tendo em conta o impacto que lei tão nobre causara.

Starbuck começou pelas casas mais respeitáveis perto da Estação de Richmond e Petersburg na rua Byrd, onde Martha tinha visto pela última vez o marido. Starbuck poupou-a aos bordéis, considerando que nenhuma prostituta teria aturado um bêbado durante três dias. Ao invés, teriam depenado Matthew Potter na primeira noite e depois atiravam-no para a rua para ser varrido pela polícia militar. Quando estivesse sóbrio, o tenente teria sido enviado para o Quartel Lee e o facto de lá não ter chegado sugeria que descobrira algum abrigo onde se pudesse encharcar de bebida ou pior.

Starbuck continuou a descer na hierarquia de lojas de bebida. Os primeiros sítios onde procurou pretendiam mostrar-se casas de respeito, talvez com um espelho dourado ou um pedaço de tapete empestado de tabaco, mas, gradualmente, as mobílias, tal como a bebida, pioravam. Bateu a meia dúzia de portas no beco Locust; mas não havia sinal do tenente desaparecido. Tentou a rua Martin, onde as prostitutas estavam penduradas nas janelas dos pisos superiores e fizeram com que Martha corasse.

— Ele não tinha dinheiro para passar estes dias todos a beber, senhor — disse ela a Starbuck.

— Talvez tivesse — insistiu Starbuck.

— Não havia mais de três dólares na minha bolsa.

— Três dólares levam-nos a muito lado nesta cidade, 'nha senhora — respondeu Starbuck —, e atrevo-me a perguntar: tinha um casaco? Um par de botas? Um revólver?

— Tudo isso, sim.

— Então pode vendê-los e ficar bêbado durante três meses. Raios partam! — praguejou e depois pediu desculpa. — Desculpe a linguagem, minha senhora, mas é o que penso. Acho, minha senhora, que o melhor será levá-la de volta à menina Sally.

— Eu vou consigo — insistiu Martha.

Apesar de toda a timidez, ela era uma rapariga persistente e, por mais que Starbuck tentasse persuadi-la, não conseguiu convencê-la a abandonar a busca.

— Minha senhora, por aqui não é seguro.

— Mas ele pode estar ferido.

Ele pode estar morto, pensou Starbuck.

— Tenho de insistir, minha senhora.

— Pode insistir o quanto quiser, senhor — disse Martha teimosamente —, mas ainda assim irei consigo. Se não me acompanhar, limitar-me-ei a segui-lo.

Starbuck verificou o revólver e certificou-se de que todos os cinco cones estavam preparados com fulminantes.

— ‘Nha senhora, o sítio onde vamos não se chama Inferno por acaso. Fica em Screamersville, perto de Penitentiary Bottom. Nomes feios, minha senhora, local feio. Nem a polícia militar lá vai com a força dos números.

Martha franziu o cenho.

— Só lá há fora-da-lei? — quis saber.

— De certa forma, ‘nha senhora. Alguns desertores, muitos ladrões e muitos escravos. Só que estes escravos não estão às ordens de ninguém, ‘nha senhora, saíram da Fundação Tredegar e são mais fortes do que o material que lá criam.

— Inferno seja — afirmou Martha —, não tenho medo de pretos.

— Então devia ter, ‘nha senhora.

— Eu vou consigo, major.

Dirigiu-se com ela pelo monte abaixo, passou pelo estabelecimento estivo celeiro de Johnny Worsham, onde magotes de gente enchiam as mesas de jogo junto ao palco, sobre o qual uma trupe de raparigas dançava, enquanto descansavam do entretenimento que providenciavam aos clientes no andar de cima. Dois negros de chapéus de coco guardavam a porta e fitaram diretamente Starbuck com um olhar desinteressado e frio. Conduziu Martha sobre a ponte de madeira que colmatava uma fenda inundada com esgotos e depois entrou num beco que se estendia por entre duas paredes de tijolo húmidas.

— O senhor conhece bem a cidade? — perguntou Martha, levantando

as saias enquanto dava passos por entre o lixo fétido que se espalhava pelas pedras da calçada.

— Estive aqui algumas semanas ao serviço da polícia militar — respondeu Starbuck.

Tinham sido semanas miseráveis, que tinham terminado com a sua detenção sob suspeita de ser um espião do Norte. Um oficial covarde chamado Gillespie transformara a vida de Starbuck num inferno enquanto estivera preso e a perspectiva da vingança era uma ideia que ele valorizava bastante.

Pisou um monte de lixo e virou para uma rua anónima. O fedor da siderurgia estava ali fortemente entranhado e o som das fornalhas ribombava, rivalizando com o espumar do rio ali próximo que caía em cascata sobre os rápidos. Uma dúzia de escravos expunha-se à luz solar enfraquecida pelo fumo intenso, empunhando garrafas de bebida que elevaram no ar à laia de brinde irónico pela passagem de Starbuck.

— Porque é que não estão a trabalhar? — quis saber Martha.

— Eles trabalham o suficiente — foi a resposta de Starbuck. — Não se pode chicotear um homem para ele trabalhar mais depressa, minha senhora. Tem de se lhes dar uma certa margem e quando se começa a confiar nos escravos nas siderurgias, eles podem ir e vir o quanto quiserem. Desde que fiquem aqui em baixo e não vão para a zona alta da cidade, ninguém se importa. Este é o território deles, não o nosso.

— O Matthew não viria aqui, ou viria?

— Muitos soldados vêm. Aqui não há regras e a bebida é muito barata.

Um pregador louco vestido com um casaco preto comprido até aos tornozelos estava numa esquina a gritar as boas novas de Cristo para uma cidade que não o ouvia. Uma anã, bêbada que nem um cacho, cambaleava ao longo das pedras da calçada, cantando, mas, caso contrário, não havia muitas pessoas nas ruas. O meio-dia era a hora das bruxas no Inferno, a altura em que o Sol brilhava mais forte e os habitantes de Screamersville dormiam dentro de casa, enquanto se preparavam para os negócios noturnos. Starbuck escolheu aleatoriamente uma taberna e entrou. Alguns soldados estavam descontraidamente sentados em bancos, mas nenhum deles era Potter. Um convidou Martha para ir para o andar de cima com ele, ao passo que outro a fitou, suspirou de desejo, e depois vomitou.

— Bem lhe disse — declarou Starbuck, enquanto a conduzia de volta às ruas —, isto não é sítio para uma senhora.

— Que se dane, major — declarou Martha com firmeza —, nenhuma verdadeira senhora se teria casado com Matthew Potter. Além disso, já ouvi coisas piores.

Acabou mesmo por ouvir coisas piores nesse dia, mas manteve-se junto a Starbuck enquanto procuravam nos barracões das margens do canal, onde a maior parte dos negócios do Inferno eram conduzidos. O cheiro do local era nauseabundo; uma mistura de fumo de carvão, vômito, esgotos e bebidas alcoólicas mal destiladas. Foram sumariamente atirados para fora de uma casa por quatro negros que jogavam às cartas. Uma mulher branca magra estava sentada numa esquina da sala, com a face magoada. Cuspiu quando Starbuck entrou e um dos homens agarrou numa caçadeira e apontou-a ao rosto do estranho.

— Ela não o quer aqui — alertou o negro.

Starbuck percebeu a dica e retrocedeu de volta ao beco.

— Estou à procura de um amigo — explicou apressadamente.

— Não sou eu, soldado, nem eles. — O escravo fez um gesto na direção dos companheiros. — Não é ela, nem ninguém daqui. — Fez uma pausa e olhou especulativamente durante algum tempo para Martha. — No entanto, ela pode entrar.

— Hoje não — retorquiu Starbuck.

— Ele não devia tomar estas liberdades — protestou Martha, quando a porta se fechou atrás deles. — E porque é que tem uma arma? Isso não é permitido!

— ‘Nha senhora — suspirou Starbuck —, bem lhe disse que aqui não existem regras. Ele adorava que eu arranjasse uma briga e um minuto depois estaria uma dúzia de pretos a desfazerem-me à pancada.

— Não está certo.

— O reverso da medalha de Dixie, ‘nha senhora. A doce liberdade.

Gentilmente, contornou Martha à entrada de um beco para a manter afastada de uma mulher furiosa que perseguia um homem na rua e lhe lançava insultos. O tumulto generalizou-se quando os vizinhos se juntaram a ela.

— Gravidade social — disse Starbuck.

— O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que vamos descer o monte, ‘nha senhora, até batermos no fundo.

— Alguns de nós não começámos assim tão lá em cima.

— Mas continue a subir, ‘nha senhora, continue a subir.

Cristo, pensou Starbuck, se não fosse o exército rebelde, provavelmente estaria naqueles bairros de lata. Fugira de Nova Inglaterra por causa de uma mulher e por ela tinha-se tornado ladrão; e só a deflagração da guerra lhe garantiria uma hipótese de escapar. O que teria feito sem a guerra, questionava-se. Provavelmente tornar-se-ia um escrivão e procuraria o consolo da bebida barata e das mulheres. E o que faria ele quando a guerra acabasse?, interrogava-se.

— É casado? — perguntou-lhe subitamente Martha.

— Não, 'nha senhora.

Starbuck empurrou uma porta e lá dentro viu uma cabina feita de fardos de palha dispostos em círculo. Três ratazanas fugiram pelo chão da espelunca, que estava manchado de sangue e penas, quando Starbuck inundou o barracão com a luz do dia. Um soldado estava deitado a dormir nos fardos empilhados para os espetadores, mas não era o tenente desaparecido.

— O Matthew é muito bem-apegoado — disse Martha depois de inspecionar o adormecido, a quem faltava um olho e a maioria dos dentes.

— Foi por isso que se casou com ele? — quis saber Starbuck, regressando à rua.

— Casa-te à pressa, já dizia a minha avó, e arrepende-te sempre que podes — declamou Martha tristemente.

— Já ouvi esse conselho — comentou Starbuck e atravessou a estrada para empurrar outra porta. E foi aí que descobriram Matthew Potter.

Ou melhor, Martha reconheceu o homem que dormia na varanda de madeira que gemia sob o peso deles quando pisavam as finas tábuas. Debaixo das tábuas apareceram ratazanas que correram ao longo da margem do canal.

— Matthew! — chamou Martha e ajoelhou-se ao lado do marido, que não tinha nada vestido, a não ser umas calças cinzentas.

Potter não acordou. Gemeu e mexeu-se enquanto dormia, mas não abriu os olhos.

— Estava a imaginar quando é que alguma alma viria à procura dele. — Aparecera uma mulher negra à porta da varanda.

— Está aqui há muito tempo, não está? — perguntou Starbuck.

— Há tanto tempo que até pensei que tinha criado raízes. Gosta da pinga, não é?

— Ouvi dizer que lhe é muito chegado.

A mulher assoou o nariz com um dos cantos do avental e depois sorriu.

— Mas é um rapaz simpático. Fala com simpatia. Tive pena dele. Até tentei alimentá-lo, mas não queria comer, só queria emborcar.

— Vendeu-lhe a camisa, não foi?

— E o casaco e os sapatos. Praticamente tudo o que tinha.

— O revólver? — quis saber Starbuck.

— Ele não teria feito isso, senhor. É contra a lei, não é? — Sorriu para Starbuck, que devolveu o sorriso. — Ele diz que é da Geórgia — acrescentou a mulher, espreitando o tenente prostrado.

— É verdade.

— Filho de um pregador, está a ver? São sempre os piores. — A mulher soltou uma gargalhada. — Andou a dançar durante algum tempo e até dis-

se poesia. Poesia tão bonita, que podia ter ficado a noite toda a ouvi-lo se ele não tivesse caído para o lado. É a mulher dele?

— Sim.

— Meteu-se num grande sarilho. Nunca percebi porque é que as mulheres boas se casam com homens maus.

— Para nós, ainda bem que o fazem, não é?

A mulher sorriu.

— Vai levá-lo?

— Acho que sim.

— Bem, ele divertiu-se. Não se vai lembrar, mas divertiu-se. Que pena que provavelmente vá acabar com uma bala ianque dentro dele, um rapaz assim tão simpático.

— Ele não acorda! — lamentou-se Martha.

— Vai acordar — garantiu Starbuck e depois afastou-a do marido, obrigando-a a entrar no barracão. — Espere aí — disse-lhe.

Assim que a afastou da varanda e fechou a porta, colocou as mãos por baixo das axilas de Potter e puxou-o, primeiro para uma posição sentada e depois para a posição ereta. Não era difícil, pois Potter, apesar de ser alto, tinha uma constituição fraca e era magro como um espeto. Starbuck encostou o tenente à parede do barracão.

Finalmente, Potter mexeu-se.

— Que horas são? — perguntou.

Era, tal como Martha dissera, um homem bem-parecido, com bastante cabelo liso e uma barba pálida de uma semana. O rosto era alongado e fino e tinha uma certa delicadeza, quase um toque de nobre sofrimento que, quando Potter estava sóbrio, poderia sugerir espiritualidade ou alguma sensibilidade artística, mas agora, à beira de uma ressaca monumental, o tenente parecia apenas um cachorrinho açoitado e doente. E um cachorrinho muito jovem, deitou-se Starbuck a adivinhar; certamente não tinha mais de dezanove anos. O tenente tentou levantar a cabeça. Sorriu debilmente para Starbuck.

— Como está? — consegui dizer.

Starbuck esmurrou-lhe a barriga. Um murro a sério, gemendo com o esforço do ataque, que obrigou Potter a abrir completamente os olhos e depois a dobrar-se. Quase caiu, mas Starbuck empurrou-o outra vez contra a parede, antes de se afastar para o lado, enquanto Potter vomitava. Starbuck afastou-se ainda mais para evitar que a corrente de vômito lhe salpicasse as botas.

— Cristo — queixou-se Potter e cobriu a boca com a mão. Gemeu. — Isso faz-se?

— Levante-se, tenente.

— Oh, Cristo. Deus do Céu. Santo Deus. — Potter tentou endireitar-se. — Oh, Cristo salvador — gemeu, à medida que uma onda de dor o percorria desde a cabeça. Desviou uma madeixa longa de cabelo do rosto. — Quem é você? — exigiu. — Apresente-se.

— O melhor amigo que alguma vez teve — respondeu Starbuck. — Ainda lhe resta alguma coisa no estômago?

— Dói — queixou-se Potter, esfregando a pele lívida onde Starbuck o atingira.

— Fique direito! — rosou Starbuck.

— Soldado! Soldado! — exclamou Potter, enquanto se esforçava debilmente para ficar em sentido. — Jesus quer que eu seja soldado. — Vomitou novamente. — Oh, meu Deus.

Starbuck empurrou-o de novo para a parede.

— Endireite-se — disse.

— Disciplina — começou Potter, enquanto se tentava endireitar. — A cura para tudo o que me aflige.

Starbuck agarrou numa mancheia do belo cabelo longo de Potter e empurrou-o contra a parede do barracão.

— O que o vai curar, seu filho da mãe — declarou —, é cuidar da sua esposa.

— A Martha? Ela está aqui? — Potter animou-se imediatamente e começou a olhar para a esquerda e para a direita. — Não a vejo.

— Ela está cá. E tem andado à sua procura. Mas por que raio é que a deixou?

Potter fez um esgar enquanto se tentava lembrar dos últimos dias.

— Não a deixei propriamente — respondeu por fim. — Vagueei por aí, é certo, e perdi-a durante algum tempo. Precisava de uma bebida, está a ver, e encontrei um amigo. Já reparou como estas coisas acontecem? Vamos para uma cidade estranha, dá-nos a sede e a primeiríssima pessoa que encontramos é alguém com quem andámos na escola. É o funcionamento da providência, suponho. Não se importa, meu senhor, de me largar o cabelo para eu poder ficar outra vez maldisposto? Obrigado. — Conseguiu dizer as duas últimas palavras antes de se dobrar violentamente para a frente e despejar uma última golfada patética de vômito. Gemeu, fechou os olhos e endireitou-se novamente muito devagar. — Agora já estou vazio — disse convincentemente enquanto olhava para Starbuck. — Eu conheço-o?

— Major Starbuck.

— Ah! Starbuck! Um nome famoso — afirmou Potter e Starbuck ficou tenso em preparação para o habitual ataque ao pai, um notório inimigo do Sul, mas Matthew Potter estava a pensar num Starbuck diferente. — Imediato no *Pequod*, não estou certo?

— Pense em mim como capitão Acab, tenente — disse Starbuck.

Potter ficou momentaneamente a fitar as pernas de Starbuck.

— Um bocado pernudo para esse papel, não acha? Ou uma dessas é uma perna de pau? — Potter riu-se e depois encolheu-se ao sentir outra rajada de dor. — Devo ficar satisfeito por o conhecer?

— Sim, é mesmo bom que fique. Agora venha daí, filho da mãe, vamos disputar um duelo.

Potter pasmou para Starbuck com horror e depois abanou a cabeça.

— Não no meu ramo, meu senhor. Realmente não. Não me importo com a batalha, mas pistolas ao amanhecer não.

— São espadas ao entardecer. Agora venha lá! Não pise isso! — Tarde de mais.

Potter colocou o pé descalço na sua poça de vômito, fez uma careta e depois seguiu Starbuck para o interior da taberna, onde uma Martha toda emotiva se atirou aos braços enfraquecidos do marido. Starbuck pensou em oferecer-se para comprar de volta a camisa e os sapatos do tenente, depois decidiu não esbanjar dinheiro. Potter podia equipar-se nas finas lojas do Quartel Lee e, até lá, podia muito bem ir descalço e de tronco nu.

Convenceu o tenente agora cheio de remorsos a sair para a rua. Martha conduzia Potter pela mão, enquanto ele tentava explicar o seu comportamento.

— Não foi minha intenção, minha querida, não tive premeditação maliciosa, como diriam os advogados. Foi apenas um capricho, uma noção, um gesto de amizade por um velho amigo. Thomas Snyder. É assim que ele se chama e Snyder é testemunha da pureza dos meus motivos. Agora é um homem da artilharia, disse-me ele, e ficou parcialmente surdo. Todos aqueles disparos ruidosos, estás a ver? Seja como for, apenas lhe fiz companhia. Andámos juntos na escola e juntos dominámos as cartilhas McGuffey, juntos somámos e subtraímos e dividimos; e embebedámo-nos juntos, razão pela qual peço desculpa. Não volta a acontecer até à próxima vez. Oh Deus, tenho mesmo de andar?

— Sim — asseverou Starbuck —, tem.

— Não gosto de homens fortes e barulhentos — retorquiu Potter, mas avançou obedientemente aos tropeções atrás de Starbuck colina acima, em direção à rua principal. — O exército está cheio de homens fortes e barulhentos. Essa vida deve atraí-los. Não trouxeste, imagino, nada que se coma, querida menina? — perguntou a Martha.

— Não, Matthew.

— Ou qualquer coisa para matar a sede, talvez?

— Não, Matthew!

— Água, meu amor, apenas água. Um momento, capitão Acab! — gri-

tou Potter, depois separou-se da mulher e cambaleou pela rua até um bebedouro para cavalos, que já estava ocupado por um cavalo desganhado que fazia transportes. Potter parou atrás do cavalo e mergulhou o rosto na água; passou as mãos pela cara, deixando escorrer água por cima do cabelo e depois bebeu avidamente.

— Estou tão envergonhada — disse Martha a Starbuck.

— Gosto dele — declarou Starbuck, apercebendo-se, enquanto falava, de que era verdade. — Gosto mesmo dele.

Potter endireitou-se e arrotou. Pediu desculpa ao cavalo, afagou-lhe o pescoço e caminhou instavelmente até junto da esposa.

— O meu pai — disse para Starbuck — defende sempre que o auto-conhecimento é o prenúncio da melhoria própria, mas não estou completamente convencido dessa verdade. Melhoro-me a mim próprio por saber que estou eternamente com sede, que tenho educação a mais e que, infelizmente, sou falível? Acho que não. Dão-me licença apenas mais um breve instante? — Dirigiu-se à parede mais próxima, desabotoou as calças e urinou ruidosamente para o tijolo. — Oh, meu Deus — disse, levantando os olhos para o céu —, entra por um lado e sai pelo outro.

— Tão envergonhada — sussurrou Martha.

— Disseste envergonhada, amor da minha inculta vida? — indagou Potter alto e bom som ainda junto à parede. — Envergonhada? Então os poetas não mijam? Um rei ungido não vaza a sua bexiga real? George Washington não micta? Foi Nosso Senhor poupado de aspergir?

— Matthew! — protestou Martha, chocada. — Ele era perfeito!

— E esta, minha doce amada, foi uma mijá perfeita. — Virou-se de novo para eles, abotoou as calças, depois acenou imperialmente para Starbuck. — Avante, capitão Acab! Morte à Moby Dick! Deus vai caçar-nos a todos se não caçarmos a Moby Dick até à morte! Avante, queridas almas!

Sally, tal como prometera, esperava à porta da joalheria Mitchell e Tyler na rua principal Main e com ela, tal como Starbuck esperara que acontecesse, estava Belvedere Delaney. O advogado envergava uma das dispendiosas fardas que comprara na Shaffer, mas não havia corte e costura que pudesse disfarçar a alma de todo militar de Delaney. Era um homem baixo, anafado e gentil, cujos talentos eram fazer dinheiro e divertir-se à conta das fraquezas dos outros. Oficialmente, era capitão no escritório legal do Departamento de Guerra da Confederação, uma nomeação que parecia não exigir nenhum dever, exceto receber o salário e vestir uma farda quando lhe era conveniente. Naquele dia ostentava as estrelas de um major.

— Foi promovido? — quis saber Starbuck, saudando alegremente o velho amigo.

— Achei que este era um posto apropriado — respondeu Delaney solenemente. — Ninguém mais parece ter o poder para me promover ou despromover, por isso assumo o posto que me parece mais adequado à minha dignidade. Com o tempo, tal como um balão com gás, elevar-me-ei às mais estonteantes alturas. Querido Nate, está com péssimo aspeto! Cheio de cicatrizes, sujo, gasto. É isto que andar a fazer de soldado faz às pessoas?

— Sim — respondeu Starbuck, depois apresentou o tenente Potter de tronco nu, que parecia bastante assustado com Delaney. Martha apertou nervosamente a mão ao advogado e voltou a agarrar-se ao seu desconhecido marido.

— Toma — disse Sally a Starbuck quando começaram a andar pela Main em direção a leste —, precisas disto. — E entregou-lhe um dos sabres de Patrick Lassan.

Starbuck prendeu a bainha da espada à volta da cintura.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou a Delaney.

— Claro que não encontrei nada — afirmou o advogado, impaciente. — Não sou um detetive, sou apenas um advogado. — Delaney fez uma pausa para levantar o chapéu bicudo a algum conhecido que passava. — Mas é bastante óbvio — continuou — o que o Holborrow anda a fazer. Está a usar o Batalhão Especial como galinha dos ovos de ouro. Alimenta-o com restos e em troca recebe dinheiro. Não quer que ele vá para a guerra, porque isso significava perder a sua fonte de rendimento.

— O que é que isso quer dizer? — indagou Starbuck.

Delaney suspirou.

— É óbvio, não é? O governo atribui botas ao Batalhão Especial, então Holborrow vende as botas a outro regimento e depois queixa-se ao governo de que as botas eram defeituosas. A seu tempo receberá mais botas, que também serão vendidas. O mesmo acontece com espingardas, conjuntos de talheres, casacos e qualquer outra coisa que ele consiga desviar do sistema. Está a fazê-lo de forma bastante inteligente, pois o sistema ainda não o detetou, mas tenho a certeza que este é o seu negócio. Vai mesmo travar um duelo?

— O filho da puta desafiou-me — afirmou Starbuck em tom beligerante, depois, sem conseguir disfarçar a desilusão, voltou a olhar para o advogado.

— Então não me pode ajudar? — perguntou.

Starbuck, na cuidadosa carta que tinha escrito a Delaney nessa manhã, descrevera as suas suspeitas de que Holborrow se apropriara das espingardas destinadas ao Batalhão Especial e que as tinha vendido. Esperava que Delaney pudesse encontrar provas no Departamento de Guerra, mas as esperanças estavam agora desfeitas.

— Posso ajudá-lo — respondeu Delaney — como advogado.

— Quer dizer que vai ameaçar Holborrow?

Delaney suspirou.

— É tão bruto, Nate, tão irremediavelmente bruto. Como é que o posso ameaçar? Não sei de nada. Posso, no entanto, largar algumas dicas. Posso insinuar. Posso fingir que sei aquilo que não sei. Posso sugerir que seja iniciada uma investigação formal e é possível, apenas possível, que ele chegue a um acordo em vez de aceitar o meu *bluff*. Quantos homens há no batalhão?

— Cento e oitenta e nove.

— Ah, é um número considerável. Ele está a retirar rações e pagamentos para duzentos e sessenta. — Delaney sorriu ao ver uma vantagem. — Posso dizer-lhe ainda outra coisa. Holborrow nunca foi ferido por uma bala ianque. A perna deficiente foi o resultado de uma queda do cavalo e o dano não é nem metade daquilo que ele faz parecer. Ele não quer ir para a guerra, percebe? Por isso, faz a jogada do ferido. O que ele quer é uma guerra simpática, segura e rentável na recheada Richmond, e desconfio que fará o que puder para a conseguir. Mas o que é que o Nate quer?

— Sabe bem o que eu quero.

— Duzentas espingardas? — Delaney abanou a cabeça. — As espingardas já foram vendidas há muito. Duvido que o Holborrow consiga deitar a mão a cinquenta, mas farei o meu melhor. Mas quer mesmo ser enviado para o exército do Lee? — Esse era o principal pedido de Starbuck; que Holborrow declarasse que o Batalhão Especial estava pronto para o combate e fosse destacado para a guerra. — Porquê? — indagou Delaney, sem fazer genuinamente a mínima ideia. — Porque é que não aceita o descanso que Deus lhe deu, Nate? Não lutou já o suficiente?

Starbuck não sabia bem qual a resposta a essa pergunta. Parte dele, uma grande parte horrífica dele que se escondia nas sombras, temia o combate como uma criança pequena teme os bichos-papões, mas ainda assim sentia-se compelido a levar o seu batalhão para a guerra. Duvidava que conseguisse viver com o conhecimento de que andava escondido enquanto os outros homens lutavam, porém era mais do que isso. Não tinha família, nem riqueza, nem posição para além da sua comissão na Confederação e, se traísse essa comissão escondendo-se, então perderia o seu orgulho. Não queria ir para o campo de batalha, só sabia que tinha de ir para o campo de batalha.

— Sou um soldado — respondeu inadequadamente.

— Nunca vou conseguir compreendê-lo — disse alegremente Delaney —, mas talvez as próximas semanas me proporcionem uma resposta. Vou juntar-me eu próprio a Lee.

— Você? — inquiriu Starbuck, surpreendido. Parou no passeio e olhou para o amigo. — Vai para o exército?

— O meu país chama-me! — exclamou Delaney pomposamente.

— Fazer o quê?

Delaney encolheu os ombros e continuou a andar.

— A ideia foi minha, a sério. Ninguém me deu ordens para ir, Nate, mas pareceu-me uma boa ideia quando me ocorreu. O Lee está a invadir o Norte, sabia? Bem, está, e é provável que alguns berbicachos legais venham a estar envolvidos. Se um homem rouba a propriedade ao inimigo, é roubo? Pode parecer-lhe uma coisa trivial, até irrelevante, mas quando a guerra terminar, o mais provável é que haja toda a espécie de acordos legais entre as duas jurisdições e parece-me prudente tentar antecipar as questões que surgirão.

— Vai odiar a campanha — afirmou Starbuck.

— Tenho a certeza que sim — disse Delaney fervorosamente.

Na verdade, o advogado não tinha qualquer vontade de se juntar ao exército de Lee, no entanto tinham vindo ordens de um homem furioso em Washington e Delaney, que estava convencido de que o Norte venceria a guerra e não tinha qualquer desejo de estar associado ao lado derrotado, tinha sopesado as opções para o futuro e decidira que o desconforto de uma breve campanha acabaria por se revelar um bom investimento. Ainda estava ressentido com a exigência perentória de Thorne para espiar o quartel-general de Lee, pois Delaney considerava que podia espiar tudo o que quisesse a partir dos confortáveis salões de Richmond, em vez de ter de ir para o meio de um aquartelamento enlameado e perigoso no campo, e tinha dúvidas de vir a tomar conhecimento de alguma informação útil. Era tudo, na sua ótica, uma perda de tempo, mas não se atrevia a contrariar uma exigência de Thorne, a menos que abdicasse das recompensas que o esperariam em Washington quando a guerra acabasse e, portanto, tinha inventado uma razão para se juntar ao exército de Lee e agora, com um misto de horror e apreensão, planeava viajar para norte.

— Amanhã de manhã! — anunciou. — O George embalou algum vinho e tabaco para nós, para não nos faltarem todos os confortos.

George era o seu escravo doméstico.

— É um idiota se levar vinho dispendioso para a guerra — declarou Starbuck. — Vai ser roubado.

— Mas que mente desconfiada que tem — foi a resposta de Delaney.

Ocultava os receios e, por isso, estava feliz por ter a distração daquela tarde no campo de duelos de Richmond. Os duelos eram supostamente ilegais, porém, a Sociedade Anti-Duelos de Richmond ainda não tinha o seu quartel-general a duas portas de distância do bordel de luxo de Bel-

vedere Delaney e a sociedade mantinha-se ocupada a angariar fundos e a processar homens conhecidos por terem lutado por questões de honra. Contudo, nem todos os esforços pios de uma centena dessas sociedades tinham conseguido eliminar os duelos dos Estados da Confederação. O campo de duelos de Richmond ficava logo depois dos limites da cidade, abaixo do monte Hill, no qual fora construído o enorme hospital militar. Starbuck conduziu os companheiros pela rua Elm, atravessou uma ponte de madeira que abarcava a sujidade e o lixo através dos quais o Bloody Run gotejava para o James, e chegou assim ao descampado que ficava entalado entre o cotovelo do monte e os carris enferrujados dos Caminhos de Ferro do Rio York. Árvores insignificantes enegrecidas pela fuligem circundavam o campo de duelo, que ficava na sombra da fachada de uma serraria alta, estreita e sem janelas.

A carruagem do coronel Holborrow encontrava-se no fim de um caminho que vinha da serraria, enquanto Holborrow e Dennison andavam para a frente e para trás na extensão de relva gasta onde os duelos tinham lugar.

— Potter! — Holborrow coxeou em frente enquanto Starbuck era banhado pela fraca luz do Sol de fim de tarde. — Está preso! Ouviu-me, rapaz? Não vai lutar duelo nenhum! Vai regressar ao Quartel Lee, onde o vou despromover a soldado raso, a menos que se explique. Mas onde raio é que esteve o dia todo? Está bêbado, rapaz? Deixe-me cheirar-lhe o hálito!

— Eu não sou o Potter, Holborrow — disse Starbuck. — Aquele é o Potter. — Apontou para o tenente semivestido, que estava sem forças, encostado à balaustrada da ponte de madeira que atravessava o Bloody Run. — Infeliz filho da mãe bêbado, não é? E aquela é a esposa com ele. Não se importa de ir falar com ele enquanto eu ensino o Dennison a ter maneiras?

O efeito das palavras de Starbuck foi tudo aquilo que ele poderia ter desejado. O rosto confuso de Holborrow virou-se entre Potter e Starbuck, mas não saíram palavras, apenas uma indignação gaguejante. Starbuck deu uma palmadinha no ombro do coronel e dirigiu-se a Dennison.

— Está pronto, capitão? — perguntou, alto e bom som.

— Quem é você? — gritou Holborrow depois de ele passar.

Starbuck fixou os olhos de Dennison enquanto respondia.

— Major Nathaniel Starbuck, coronel, anteriormente da Legião Faulconer, agora comandante do 2º Batalhão Especial. E, segundo o capitão Dennison, um maldito ianque por quem não vale a pena lutar. Não foi isso que disse, capitão? — Dennison ficou pálido, mas não respondeu. Starbuck encolheu os ombros, desapertou a bainha da espada e tirou o casaco. Desembainhou o sabre, atirou a bainha para cima do casaco, depois fez dois cortes sibilantes com a lâmina no ar de fim de tarde. — Pensei que iria pedir

ao coronel que me prendesse, capitão — disse a Dennison —, pelo facto de ser um covarde. Sabia que não queria lutar contra mim, mas agora não tem qualquer outra hipótese. — Movimentou novamente o sabre para fazer outro golpe de treino, depois sorriu para a face com cicatrizes de Dennison. — Havia uma sociedade de esgrima em Yale — comentou, casualmente — onde nós, os malditos ianques, aprendíamos a lutar. — Starbuck nunca fizera parte dessa sociedade, mas não precisava de deixar isso claro para o seu adversário. — Estava cheia de lixo europeu, claro. *Dérobement da prise de fer*. — Desferiu uma estocada impressionante com a lâmina. — De *quarte* para *seconde*. — Descreveu mais um floreado sem sentido antes de erguer a arma para a saudação. — Está pronto, Dennison? — indagou. — Tenho assuntos para tratar esta noite, por isso vamos a despachar isto.

— Aquele é o Potter? — O coronel Holborrow apressara-se a chegar junto de Starbuck, esquecendo-se até de coxear com a pressa. — Está a dizer-me que aquele é o Potter?

— Não grite tão alto! — repreendeu-o Starbuck. — O tenente Potter está com uma terrível ressaca, Holborrow. Encontrei o pobre filho da mãe no Inferno.

— No Inferno — repetiu Holborrow, ainda visivelmente confuso. — Mas então que raio é que você estava a fazer no quartel Lee?

Starbuck sorriu.

— Estava a observá-lo, Holborrow, para poder fazer um relatório sobre si ao Departamento de Guerra. Está a ver aquele companheiro baixo e gordo? É o major Belvedere Delaney, do Departamento Legal. É o meu padrinho esta noite, porém também quer dar-lhe uma palavrinha. — Starbuck olhou de novo para Dennison. — Decidi não trazer um cirurgião, capitão. Sei que é contra as leis impressas no Código de Honra de Wilson, mas nunca pensei que um duelo fosse um duelo a sério a menos que acabe com a morte, não concorda?

— Ele é do Departamento Legal? — Holborrow bateu no braço de Starbuck com a bengala e indicou Delaney.

— É o chefe do departamento — acrescentou Starbuck, e depois voltou-se de novo para o horrorizado Dennison. — Está pronto, capitão?

Holborrow voltou a exigir a atenção de Starbuck com um toque da bengala.

— Você é mesmo o Starbuck? — perguntou.

— Sim.

— Então é um filho da puta matreiro — afirmou Holborrow, mas não sem alguma admiração.

— É preciso um para reconhecer outro — atalhou Starbuck.

— No interior da carruagem, coronel? — Delaney juntara-se a eles e

indicava o veículo com um gesto. — Descobri que este tipo de assunto se trata melhor em privado. Deixemos Starbuck fazer o seu massacre, está bem? Ele adora massacres — Delaney sorriu para Dennison —, mas eu fico perturbado quando vejo sangue antes de jantar.

Holborrow subiu para a carruagem, Delaney seguiu-o e a porta fechou-se. O condutor negro observou, impassível, da boleia, Starbuck fazer mais uma reviravolta de treino com a espada.

— Está pronto, capitão? — perguntou a Dennison.

— Você é o Starbuck? — indagou Dennison, com uma voz débil.

Starbuck franziu o cenho, olhou para a esquerda e para a direita como se procurasse inspiração, depois fitou novamente Dennison.

— Meu major — acrescentou. — Eu sou major e você é capitão, o que o torna um monte de esterco barrigudo, também conhecido como capitão. Não é assim?

— Meu major — repetiu Dennison, sentindo-se miserável.

— Sim — respondeu Starbuck à pergunta inicial. — Sou o Starbuck.

— Eu não tenho qualquer conflito consigo — declarou Dennison e, depois de uma pausa —, meu major.

— Mas tem, Dennison, tem. Faz alguma diferença qual foi a esposa que insultou? Acontece que aquela senhora não é minha esposa — fez um gesto na direção de Sally, que observava a cena no lado mais afastado do espaço —, mas é uma amiga muito querida.

— Não tive qualquer intenção de o ofender, meu major — afirmou Dennison, desesperado por evitar a maldita lâmina curva na mão de Starbuck.

— A ofensa que me causou, Dennison — expôs Starbuck, endurecendo o tom de voz —, foi pensar que podia perseguir um homem de um posto inferior. Se fizer isso no meu batalhão outra vez, capitão, vou chicoteá-lo até lhe pôr as costas em sangue e despromovê-lo a soldado raso. Entendeu?

Dennison olhou fixamente Starbuck nos olhos durante algum tempo e depois assentiu.

— Sim, meu major — disse.

— Agora vamos discutir a sua doença, capitão — continuou Starbuck. Dennison voltou a olhar Starbuck nos olhos, mas não encontrou nada para dizer. — Certamente não é tina — declarou Starbuck — e não é psoríase, e nunca vi um caso de eczema assim tão mau. Mas o que é que o médico a sério lhe receitou?

— Aguarrás — disse Dennison suavemente.

Starbuck colocou o lado rombo da lâmina do sabre numa das chagas abertas e brilhantes da face de Dennison. O capitão encolheu-se de dor, mas depois submeteu-se docilmente ao toque da arma.

— Não é aguarrás, pois não? — interrogou Starbuck.

Dennison não disse nada. Starbuck torceu a lâmina, fazendo com que Dennison estremecesse.

— É óleo de cróton, capitão, é isso que é e nenhum médico lho deu. Está a esfregar-se com ele você mesmo, não está? Todas as manhãs e todas as noites besunta-se com isso. Deve doer como o diabo, mas assegura que ninguém o transfere para um batalhão de combate, não é isso? Fica longe das desagradáveis balas dos Ianques, não é?

Dennison nem sequer conseguia olhar para Starbuck, quanto mais falar, enquanto Starbuck fazia a lâmina deslizar lentamente ao longo da ferida. Starbuck lembrava-se do óleo de cróton, o pestilento laxante que o tenente Gillespie lhe tinha despejado pela garganta abaixo na tentativa de o obrigar a admitir que era um espião do Norte. Nos sítios onde o óleo se tinha derramado na face de Starbuck, tinham-se formado pústulas semelhantes às da varíola e era óbvio que Dennison estava a utilizar o laxante como forma de criar uma doença que o mantinha a salvo em Richmond.

— O que é que vai ser a seguir, capitão? — quis saber Starbuck. — Engolir pólvora para ter de vomitar? Conheço todos os truques, sacana, todinhos até ao último. Por isso o que vai fazer agora é deitar fora o óleo de cróton, está a ouvir-me?

— Sim, meu major.

— Deite-o fora, lave a cara com água bem limpa e garanto-lhe que estará mais bonito do que nunca quando enfrentar os Ianques em batalha. — Dennison obrigou-se a fitar Starbuck com um olhar do mais puro ódio. Era um homem orgulhoso e tinha sido absolutamente humilhado, mas não tinha coragem para tentar recuperar o orgulho, lutando contra o seu novo comandante. Starbuck pegou na bainha e no casaco. — Começámos mal, você e eu — disse a Dennison —, mas ninguém, além de si e de mim, sabe o que é que se passou entre nós aqui e não sou eu que vou contar. Portanto, pode regressar ao Quartel Lee, capitão, recuperar o seu rosto e assegurar-se de que a companhia está pronta para a luta. Porque é isso que eu tenciono fazer com o batalhão, lutar. — Pretendera que as palavras fossem reconciliadoras, mas não via nenhuma resposta de agradecimento nos olhos escuros de Dennison, apenas rancor. Starbuck sentiu-se tentado a deixar Dennison ir-se embora e deixar o sacana apodrecer na miséria autoimposta, mas precisava de todos os oficiais que encontrasse e, além disso, porque haveria Dennison de se esquivar aos seus deveres? Dennison teria de lutar como qualquer outro para defender o seu país.

De repente, a porta da carruagem abriu-se e Delaney saltou desajeitadamente para a relva. Seguiu-se o coronel Holborrow, mas mais devagar,

porque estava a exagerar a deficiência da perna. Delaney pegou no braço de Starbuck e guiou-o para longe dos ouvidos de Dennison e do coronel.

— O coronel e eu chegámos a um acordo — disse Delaney. — Ele acredita que é seu dever patriótico poupar à Confederação uma investigação dispendiosa sobre a sua gestão do Batalhão Especial apesar de, naturalmente, declarar que essa investigação nada descobriria e também sente que, sob a sua liderança, o batalhão pode muito bem cumprir a sua tarefa nobremente em batalha.

Starbuck sentiu uma pontada de terror ao ouvir as novidades. Tinha conseguido o que queria.

— Então vamos para o Norte?

— Não era o que queria? — indagou Delaney. Detetara a aura do medo de Starbuck.

— Sim — declarou Starbuck —, é.

— Pois parte daqui a dois dias — continuou Delaney. — Não me parece que o Holborrow o queira ver mais tempo do que o indispensável.

— Cristo! — praguejou Starbuck. *Dois dias!* — E quanto às espingardas?

— Trinta.

— Trinta! — protestou Starbuck.

— Nate! Nate! — Delaney levantou uma mão, indicando-lhe cautela. — Eu disse-lhe que não tinha munições para forçar esse assunto. O resto das espingardas já foi vendido, eu sei isso e você sabe isso, mas o Holborrow nunca o admitirá. Mas ele diz que consegue encontrar trinta espingardas boas, por isso fique agradecido. Terá de roubar as restantes ao inimigo. Não é suposto ser bom a fazer isso?

Starbuck praguejou novamente, mas a sua raiva escoou-se à medida que considerava o acordo que Delaney conseguira. Obtivera o que queria, um comando no campo de batalha, e nos próximos dias, de algum modo, tinha de tornar o Batalhão Especial uma unidade que pudesse fazer frente aos Ianques. Deixá-la-ia tão especial, que os outros batalhões confederados haveriam de desejar ser também unidades de castigo.

— Obrigado, Delaney — disse, com relutância.

— Estou assoberbado com tanta gratidão. — O advogado sorriu. — E agora quer-me parecer que pretende passar uma noite de dissolução às minhas custas?

— Não — retorquiu Starbuck, pois, se os Pernas Amarelas iam realmente para norte, então tinha trabalho a fazer.

Tinha homens para treinar e botas para encontrar e um batalhão para tornar eficiente, e apenas dois dias para fazer o seu milagre. Dois dias até irem para onde os Ianques esperavam. Até os Pernas Amarelas irem outra vez para a guerra.